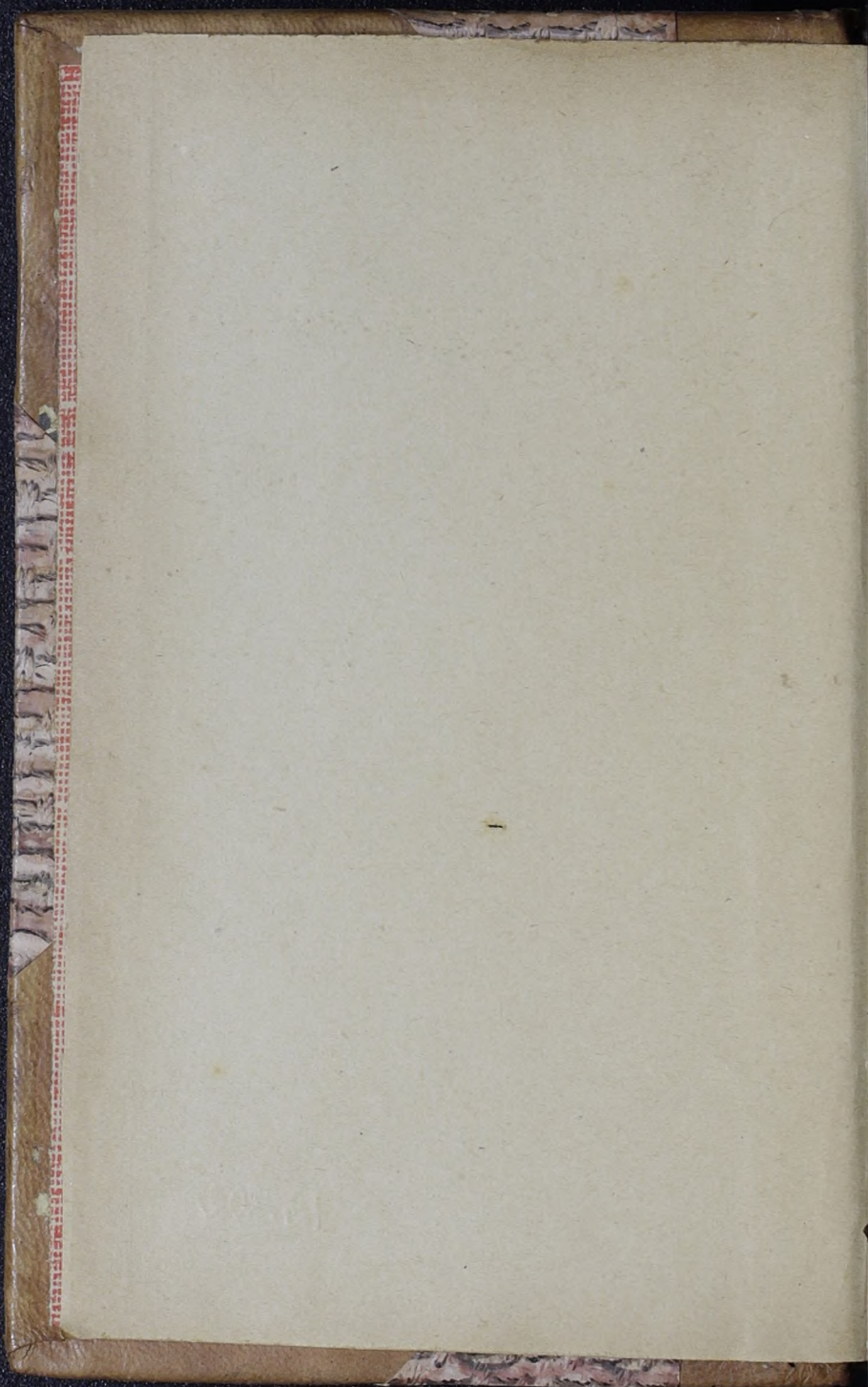
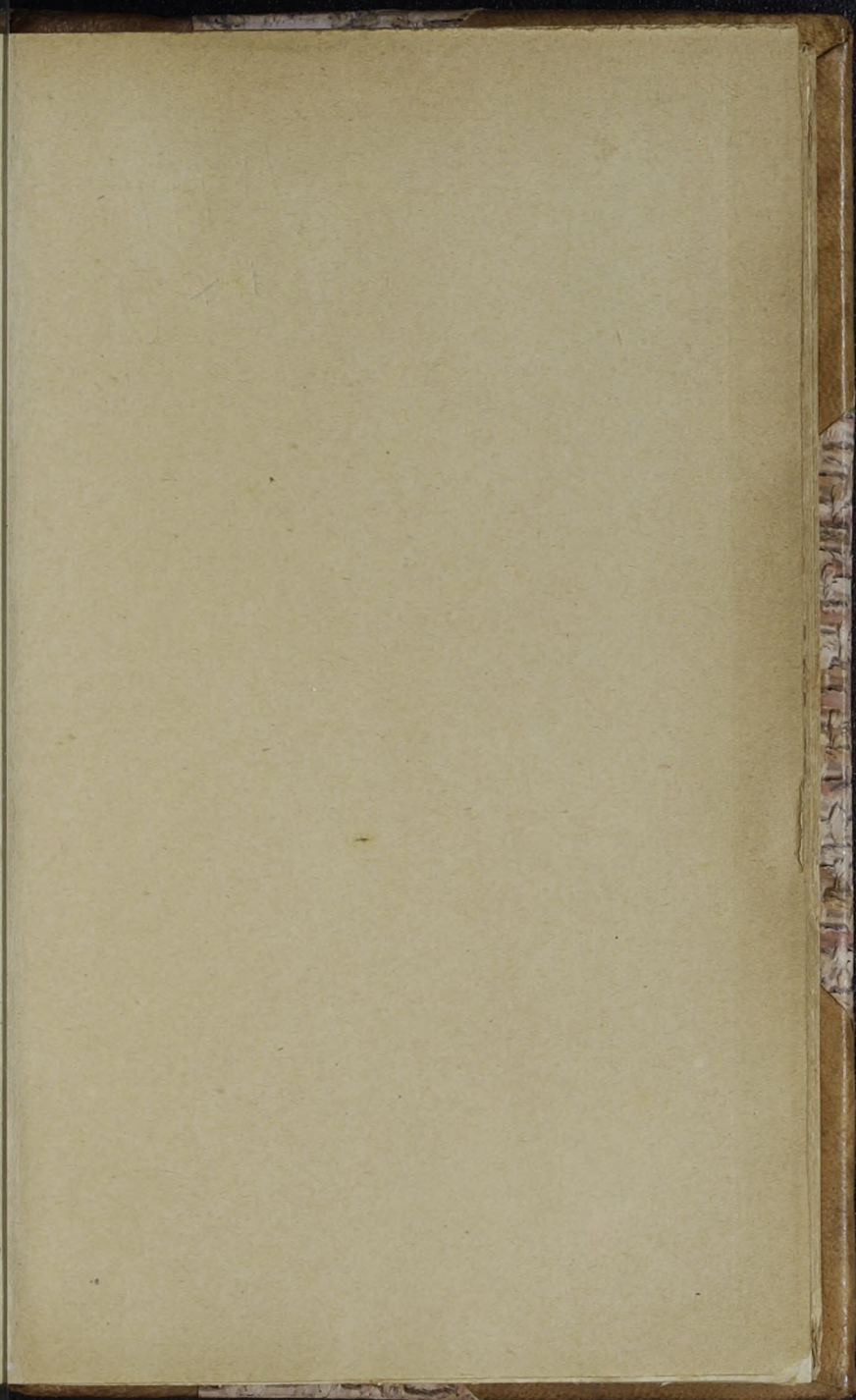


BIBLIOTECA MUNICIPAL
ORIGENES LESSA

1920





1000
999
998
997
996
995
994
993
992
991
990
989
988
987
986
985
984
983
982
981
980
979
978
977
976
975
974
973
972
971
970
969
968
967
966
965
964
963
962
961
960
959
958
957
956
955
954
953
952
951
950
949
948
947
946
945
944
943
942
941
940
939
938
937
936
935
934
933
932
931
930
929
928
927
926
925
924
923
922
921
920
919
918
917
916
915
914
913
912
911
910
909
908
907
906
905
904
903
902
901
900
899
898
897
896
895
894
893
892
891
890
889
888
887
886
885
884
883
882
881
880
879
878
877
876
875
874
873
872
871
870
869
868
867
866
865
864
863
862
861
860
859
858
857
856
855
854
853
852
851
850
849
848
847
846
845
844
843
842
841
840
839
838
837
836
835
834
833
832
831
830
829
828
827
826
825
824
823
822
821
820
819
818
817
816
815
814
813
812
811
810
809
808
807
806
805
804
803
802
801
800
799
798
797
796
795
794
793
792
791
790
789
788
787
786
785
784
783
782
781
780
779
778
777
776
775
774
773
772
771
770
769
768
767
766
765
764
763
762
761
760
759
758
757
756
755
754
753
752
751
750
749
748
747
746
745
744
743
742
741
740
739
738
737
736
735
734
733
732
731
730
729
728
727
726
725
724
723
722
721
720
719
718
717
716
715
714
713
712
711
710
709
708
707
706
705
704
703
702
701
700
699
698
697
696
695
694
693
692
691
690
689
688
687
686
685
684
683
682
681
680
679
678
677
676
675
674
673
672
671
670
669
668
667
666
665
664
663
662
661
660
659
658
657
656
655
654
653
652
651
650
649
648
647
646
645
644
643
642
641
640
639
638
637
636
635
634
633
632
631
630
629
628
627
626
625
624
623
622
621
620
619
618
617
616
615
614
613
612
611
610
609
608
607
606
605
604
603
602
601
600
599
598
597
596
595
594
593
592
591
590
589
588
587
586
585
584
583
582
581
580
579
578
577
576
575
574
573
572
571
570
569
568
567
566
565
564
563
562
561
560
559
558
557
556
555
554
553
552
551
550
549
548
547
546
545
544
543
542
541
540
539
538
537
536
535
534
533
532
531
530
529
528
527
526
525
524
523
522
521
520
519
518
517
516
515
514
513
512
511
510
509
508
507
506
505
504
503
502
501
500
499
498
497
496
495
494
493
492
491
490
489
488
487
486
485
484
483
482
481
480
479
478
477
476
475
474
473
472
471
470
469
468
467
466
465
464
463
462
461
460
459
458
457
456
455
454
453
452
451
450
449
448
447
446
445
444
443
442
441
440
439
438
437
436
435
434
433
432
431
430
429
428
427
426
425
424
423
422
421
420
419
418
417
416
415
414
413
412
411
410
409
408
407
406
405
404
403
402
401
400
399
398
397
396
395
394
393
392
391
390
389
388
387
386
385
384
383
382
381
380
379
378
377
376
375
374
373
372
371
370
369
368
367
366
365
364
363
362
361
360
359
358
357
356
355
354
353
352
351
350
349
348
347
346
345
344
343
342
341
340
339
338
337
336
335
334
333
332
331
330
329
328
327
326
325
324
323
322
321
320
319
318
317
316
315
314
313
312
311
310
309
308
307
306
305
304
303
302
301
300
299
298
297
296
295
294
293
292
291
290
289
288
287
286
285
284
283
282
281
280
279
278
277
276
275
274
273
272
271
270
269
268
267
266
265
264
263
262
261
260
259
258
257
256
255
254
253
252
251
250
249
248
247
246
245
244
243
242
241
240
239
238
237
236
235
234
233
232
231
230
229
228
227
226
225
224
223
222
221
220
219
218
217
216
215
214
213
212
211
210
209
208
207
206
205
204
203
202
201
200
199
198
197
196
195
194
193
192
191
190
189
188
187
186
185
184
183
182
181
180
179
178
177
176
175
174
173
172
171
170
169
168
167
166
165
164
163
162
161
160
159
158
157
156
155
154
153
152
151
150
149
148
147
146
145
144
143
142
141
140
139
138
137
136
135
134
133
132
131
130
129
128
127
126
125
124
123
122
121
120
119
118
117
116
115
114
113
112
111
110
109
108
107
106
105
104
103
102
101
100
99
98
97
96
95
94
93
92
91
90
89
88
87
86
85
84
83
82
81
80
79
78
77
76
75
74
73
72
71
70
69
68
67
66
65
64
63
62
61
60
59
58
57
56
55
54
53
52
51
50
49
48
47
46
45
44
43
42
41
40
39
38
37
36
35
34
33
32
31
30
29
28
27
26
25
24
23
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

ARTHUR ORLANDO

PHILOCRITICA

COM UMA INTRODUÇÃO

DE

MARTINS JUNIOR



Casa Garraux

C. HILDEBRAND & C.^{IA}

Rua 15 Novembro, 40

S. PAULO
H. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR

RIO DE JANEIRO

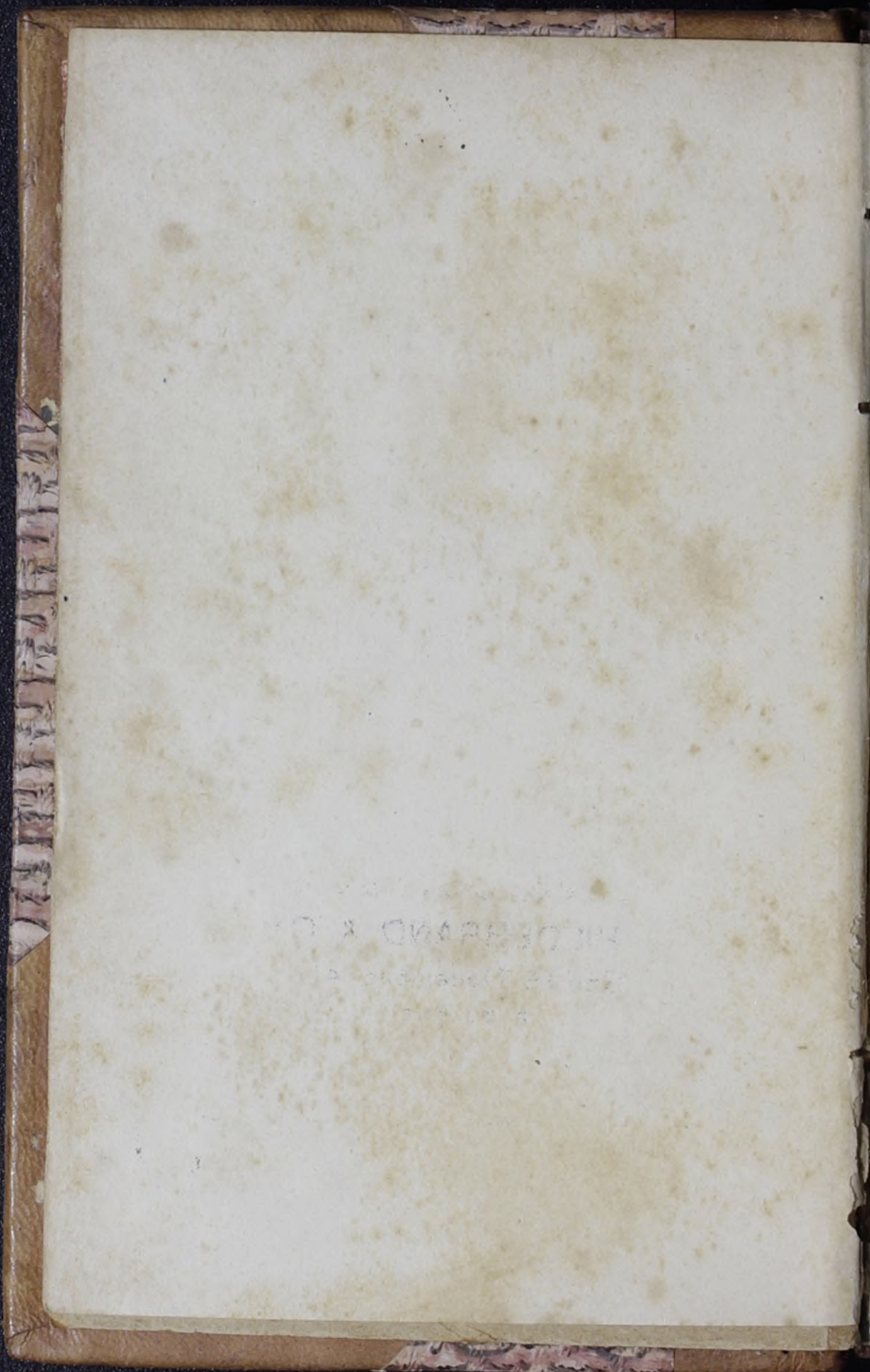
BIBLIOTHECA
DE
VICENTE THEMUDO

N. 1321

VOL 1

DATA 29-11-917

PHILOCRITICA



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
PRESS

A. Orlando
S. Paulo - 29-11-97
ARTHUR ORLANDO

PHILOCRITICA

COM UMA INTRODUÇÃO

DE

MARTINS JUNIOR

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 2802

MUSEU LITERÁRIO

Casa Garraux

C. HILDEBRAND & C.^{IA}

Rua 15 Novembro, 40

S. PAULO

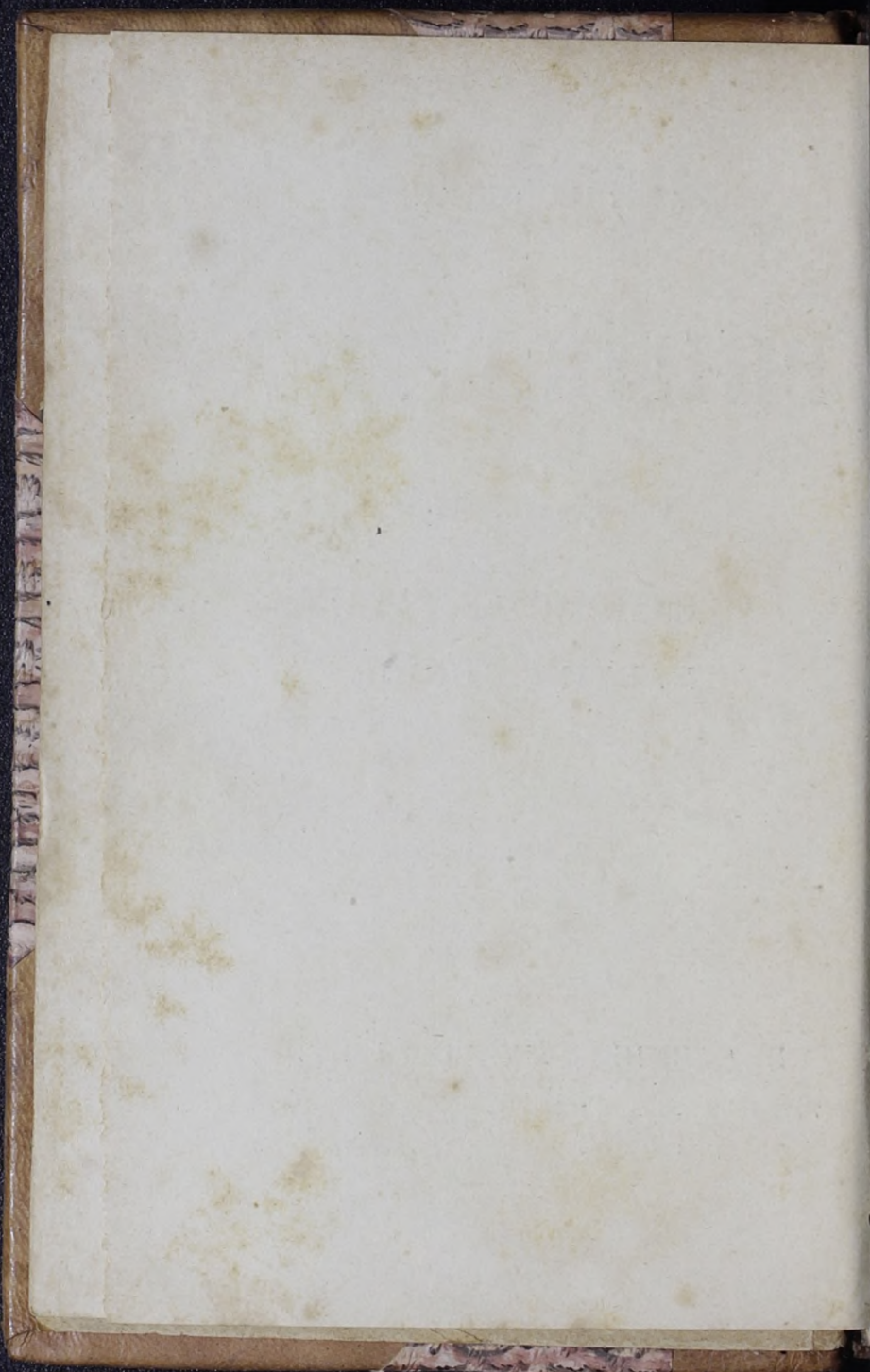
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73

RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

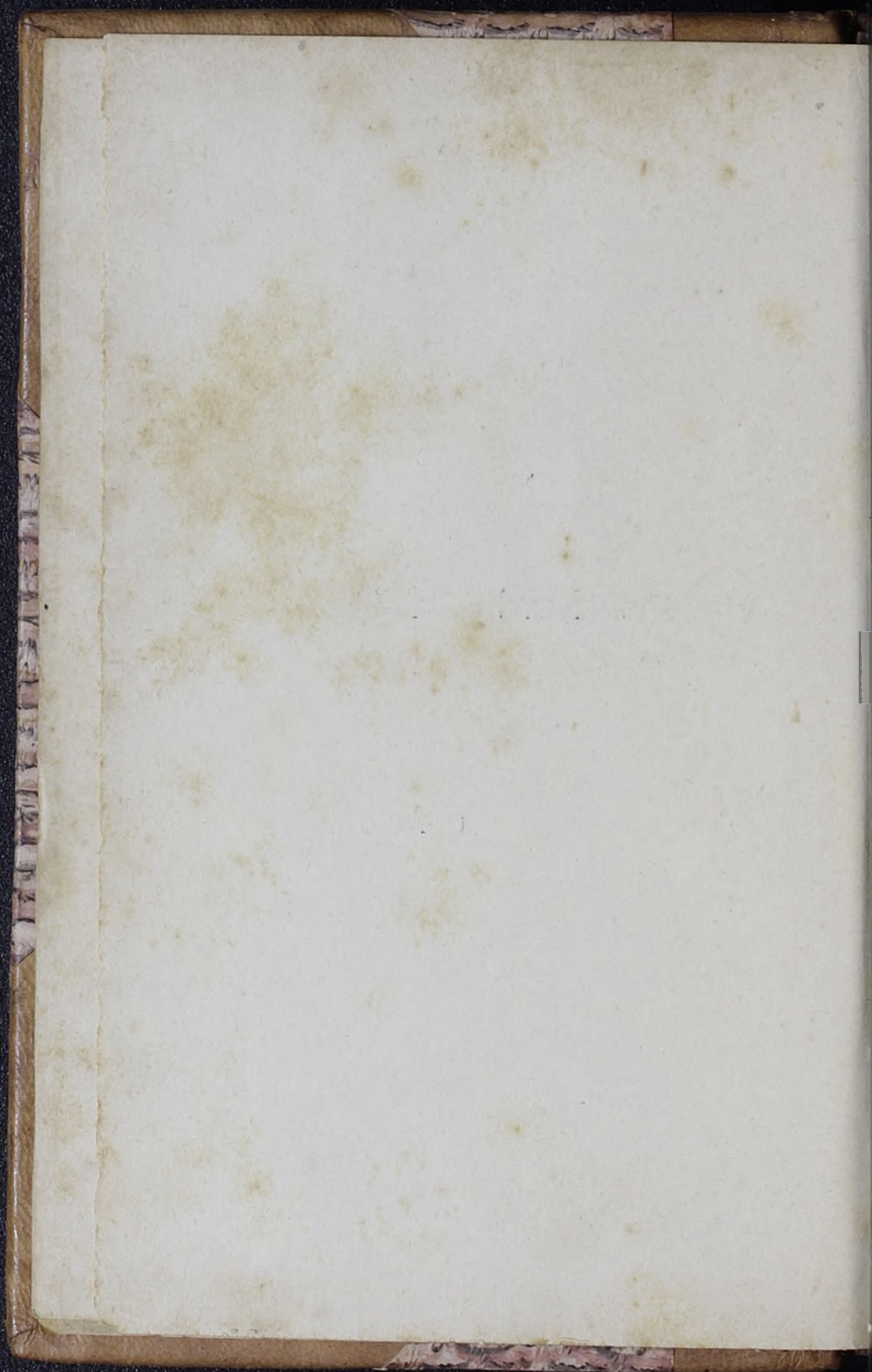
PARIS



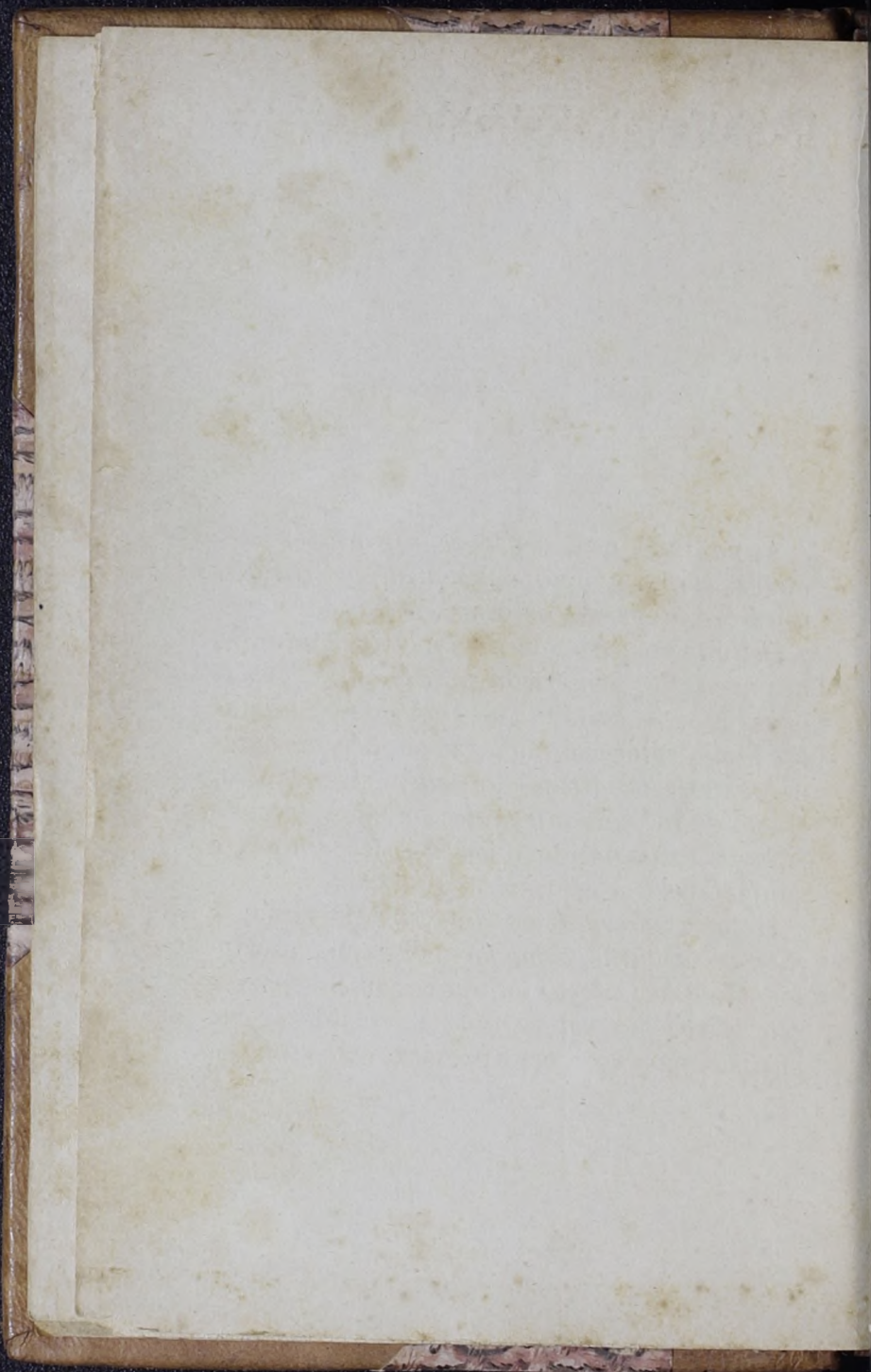
A

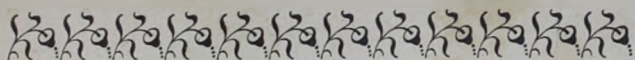
VICENTE NUNES TAVARES

O AUCTOR.



INTRODUÇÃO





As paginas, que se vão seguir a estas primeiras linhas firmadas por mim, constituem um livro moderno, original, nervoso.

Felicito por isso, não só o publico que entre nós ainda lê, como toda a litteratura brasileira. Esta — coitada! — bem merece que se lhe dirija calorosos emboras sempre que volumes como este entram-lhe pela porta a dentro, cheios de luz e de intrepidez, vivos, seivosos e francos, arrastando n'um fru-fru sonoro e confortavel o estofo rarissimo das idéas.

E' tal o valor que eu dou á Philocritica, e merece-me tanto, como homem e como escriptor, o notavel moço, sob cujo nome apparece este livro, que estou quasi a considerar-me suspeito para escrever a presente introdução.

Felizmente eu posso acastellar-me n'um celebre paradoxo de Ch. Baudelaire, e dizer, com o autor das Flores do Mal, que « a critica, para ser justa, deve ser parcial e apaixonada. »

Ora, para ser parcialmente justo com o autor da Philocritica, ninguém está em melhores condições do que eu.

Conheço e admiro o Arthur desde o tempo em que elle, ainda estudante de Direito e modestamente escondido no pseudonymo de Urrath, afiava a sua penna desabusada e estudiosa n'um canto de periodico satyrico, em que vinham echoar, sob o seu grito, todos os principios e todas as conquistas da Philosophia nova.

E d'ahi para cá tenho-lhe acompanhado inteiramente a evolução do espirito e da actividade. Vi-o positivista com Emile Littré e Herbert Spencer, assisti á sua passagem para os arraiaes do darwinismo e do hæckelismo puros, testemunhei a sua conversão ao monismo de Noiré, e vejo todos os dias o seu espirito irrequieto oscillar entre Schopenhauer e Dühring, entre Hartmann e Lange.

De dia para dia se vae estreitando mais a convivencia que eu mantenho com o autor deste volume, e—çousa singular!—ao passo

cque as nossas idéas, tanto em philosophia como em politica e arte, tendem a separar-se,, a differenciar-se cada vez mais ; eu sinto ir-se tornando maior e mais forte a entranhada estima que voto á curiosa personalidade litteraria de Arthur.

E' que a par das suas eminentes qualidades mentaes, o autor da Philocritica tem character, e é capaz de umas certas delicadezas affectivas que só as organizações superiores costumam possuir.

Alem disso tem sido um valente, sendo ao mesmo tempo um rebelde. Nesse champ clos inhospito e enlameado onde, em nossa sociedade, se fere a luta pela vida, elle entrou sozinho, sem pedir protecção, esperando tudo de si. Por unico auxiliar de combate levava esta cota de malha—a força de vontade. E parece que a lei biologica da sobrevivencia dos mais aptos vae coroando os seus esforços.

Delle não se póde dizer, como E. Zola disse uma vez de M. Ranc,—que só é forte em fazer crer que é forte.

O Arthur tem effectivamente a energia selvagem dos bons temperamentos insubmissos ; mostra-o, na vida commum, pelos seus actos

BIBLIOTECA MUNICIPAL
" ORIGENES LÉSSA "

12.802

e hábitos, e, na vida litteraria, pelo seu estylo cruamente limpido, em que espontam as arestas vivas da satyra.

Conseqüentemente o seu modo de vér as cousas, o seu criterio, a sua maniere de pensar e de produzir, não são as de um individuo molle e vulgar, que tivesse obtido por favor o seu logar na vida, debaixo do grande sol, e a quem, por isso, houvessem imposto um certo numero de conveniencias.

Não; o autor da Philocritica raciocina e emitte as suas idéas com aquella impavidez calorosa que cabe a todo homem novo acostumado a trabalhar por si, a experimentar desalentos negros e audazes esperanças, a ter um idéal por hora e cem desillusões por dia, a saber que o mundo social ambiente é pervertido e cruel, mas que é preciso abrir caminho atravez d'elle sem perder, na travessia, um atomo de dignidade.

Quem sabe isso o que vale e o que custa—principalmente entre nós, os brazileiros,—avaliará, por ahí, o merecimento do moço a que me refiro.

Incontestavelmente um dos assumptos que mais se prestam, neste paiz, a um largo e proveitoso estudo de psychologia morbida—estu-

do que, feito por um romancista moderno, daria umas admiraveis paginas de amplo naturalismo, onde o documento humano se havia de mostrar em plena luz—é o facto da degenerescencia moral a que chegam quasi todos os nossos rapazes, logo que penetram na vida publica.

Não ha ahi quem não conheça o typo do bacharel que busca fazer carreira, e que, com a ligeireza de um prestidigitador unida á flexibilidade de um acrobata, substitue a physionomia de um Enjolras pela mascara de um Conselheiro Acacio....

E' uma questão de meio, ou uma questão de baixaza individual?—si é que basta esta expressão para qualificar a cousa....

Não sei; mas parece-me que, si já hoje existe o meio esmagador e ruim, é que o formaram e formam com as ambições desordenadas, com a ausencia de idéas, com a abdicação de brios, com a baixaza. Está actuando como causa aquillo que não passa de um effeito

Mas... basta que fique constatado o phenomeno. O que eu posso garantir ao leitor é que o autor deste livro não pertence ao numero dos atacados pela molestia. Bacharelado ha cinco annos, elle não é hoje um adaptado; é

um reactor. Reage indirectamente, a seu modo : sem fazer propaganda e sem se indignar ; mas reage.

O riso é, desde Voltaire, uma arma. E o Arthur Orlando ri-se.

Dotado em alto gráo de um temperamento endiabrado, cuja vis humoristica se consorcia com uma tendencia pessimista do seu espirito, inclinado aos paradoxos, elle vé, sobretudo, o lado comico, a face ridicula dos nossos aleijões sociaes, e, quando conversa ou quando escreve, faz explosir a bóa gargalhada dissolvente com que fuzila os homens e os factos.

Isto mesmo póde o leitor verificar no presente volume.

II

Seis capitulos, ou, antes, seis artigos distinctos e independentes uns dos outros, constituem o livro que hoje apparece sob o titulo originalissimo de Philocritica.

Trata-se, pois, simplesmente de meia duzia de estudos, feitos com estylo, erudição e talento, sobre outros tantos assumptos merecedores de attenção e de sympathia.

A metade, si não a maioria, desses estudos foi provocada pela apparição de obras dadas á luz nesta capital. Assim os artigos sobre a alma da mulher russa, menores e loucos e poesia scientifica nasceram de apreciações feitas a dois livros de Tobias Barreto e a um opusculo do autor destas linhas.

Os outros tres capitulos da Philocritica têm os titulos seguintes : theorias litterarias no Brazil, physiophilia processual, e um rei philosopho.

Ha immensa difficuldade em dizer qual o melhor dos seis estudos indicados, qual delles leva real vantagem sobre os demais.

Todos elles têm nervo ; são todos vibrantes e de uma orientação exquisitamente rebelde, que faz pensar em longas viagens atormentadas, sem rumo fixo, com um destino incerto, por entre paizagens assombrosamente bellas, sobre uma estrada reverberante e colmada de seixos reluzentes, que mais pareçam diamantes do que pedras.

Apezar disso, si eu fosse, em ultimo caso, obrigado a declarar-me por algum dos artigos, indicaria, como primus inter pares o que vem no volume á frente de todos e tem por titulo—a alma da mulher russa.

Mas seja-me licito fazer aqui uma classificação mais completa.

Para quem se colloca n'um ponto de vista scientifico ou de immediata utilidade, no ponto de vista da renovação de idéas e da applicação de principios superiores a um ramo do saber humano ; o melhor e mais admiravel dos capitulos da Philocritica é a dissertação juridica que foi escripta para these de concurso e cujo titulo é physiophilia processual.

No ponto de vista, porém, da critica litteraria, e de uma critica interpretada por processos modernos, o principal dos artigos deste recueil é o que se intitula — theorias litterarias no Brazil.

Como satyra, como producto pamphletista e demolidor, o que tem a denominação de um rei philosopho é o mais apreciavel dos seis capitulos.

Os estudos sobre a alma da mulher russa, menores e loucos e poesia scientifica, são trabalhos de um elevado dilettantismo litterario, d'entre os quaes sobresahe, de modo notavel, o primeiro.

Resta-me explicar o motivo por que eu disse que preferia aquelle artigo sobre psy-

chophilia feminina a qualquer outro do presente volume.

E' simples a justificativa desse meu modo de vêr.

Penso que na explanação das suas idéas sobre a alma da mulher russa, o Arthur Orlando revelou-se um estylista, um pensador e um erudito. Esse brilhante capitolo da Philocritica vale, por si só, um bom livro,—tal é a abundancia de conhecimentos, de observações finas e de periodos lapidados que elle encerra. E o leitor, depois de percorrida toda a obra, concordará comigo ; estou certo.

*

Não tenho tempo nem espaço para fazer a analyse circumstanciada de cada um dos capitulos da Philocritica.

Na impossibilidade, porém, de realisar essa analyse, vou esforçar-me por deixar aqui uns apontamentos, inda que pouco nitidos, sobre o conjuncto do livro : sobre as impressões que elle deixa, as idéas que elle provoca. Limitar-me-hei a dois pontos capitaes.

E começo por esta observação :

O Arthur é um espirito sadio, jovial, incli-

nado á força, saturado de audacias e de ironias ; mas é tambem uma organização quasi romantica : douda por aventuras, avida do imprevisto, do ignoto, do vago. D'ahi a característica deste livro, que consiste justamente em não ter elle uma característica definida. Parece-me que o autor gosta de realizar, nas suas producções litterarias, aquelle pensamento de H. Taine, contido nas seguintes palavras da *Voyage aux Pyrénées* :

« J'ai voulu trouver du plaisir à mes promenades, et je suis parti seul, par le premier sentier venu, allant devant moi au hasard. Pourvu qu'on ait remarqué deux ou trois points saillants, on est sûr de retrouver sa route. On a les jouissances de l'imprévu, et l'on fait la découverte du pays. Le moyen de s'ennuyer est de savoir où l'on va et par où l'on passe... »

E' precisamente isso ; o Arthur Orlando não quer aborrecer-se sabendo para onde vae e por onde passa. E eis ahi a razão por que o seu livro contem tantos pontos de vista differentes, faltando-lhe um certo caracter de unidade, revelando-se nelle uma completa ausencia de systema. O autor da *Philocritica* não tem nem quer ter um systema philoso-

phico exclusivo pelo qual se modelem as suas concepções; foi em virtude desse parti-pris que elle abandonou o positivismo francez e passou a travar canhecimento com o autor da Philosophie des Umbewursten, — aquelle nebuloso Eduardo Hartmann que Jules Soury chamou o ultimo cavalleiro das causas finaes.

Do facto que eu acabo de salientar decorre que a leitura total deste volume não deixa uma impressão de larga segurança philosophica e scientifica sobre os assumptos estudados. Mas deixa, felizmente, uma percepção luminosa de todos elles, e, ao contrario do que se devia esperar, o leitor não larga friamente, sceptico e pessimista, estas sonoras paginas, cheias de desassombros e de brilhos.

E' que o rico temperamento do autor reage vantajosamente sobre o espirito das suas doutrinas predilectas.

Por mais que o Arthur se esforce por fazer-se um pessimista, um schopenhaueriano, ou por convencer-se de que o é, a verdade é que elle ha de ser sempre uma alma de artista, — alma despreocupada mas alegre, satisfeita de si e contente de viver.

As provas do que eu avanço estão na maio-

ria dos trabalhos de que se compõe a Philocritica.

Ha, por exemplo, no artigo sobre a alma da mulher russa um magnifico trecho de boa prosa inspirada e colorida, em que se nota uma divergencia funda entre a intuição do moço pernambucano e a do exquisito philosopho que escreveu — o mundo como vontade e como objecto de representação, bem como a celebre memoria sobre o fundamento da moral, regeitada pela Real Sociedade das Sciencias, de Dinamarca.

E' o ponto em que o Arthur Orlando, fazendo a analyse do conceito semitico da mulher, mostra como esse conceito vae de encontro a toda a natureza, e oppõe-lhe uma theoria scientifica, na qual o amor, consciente e inconsciente, canta, com vigor, a sua canção fecundante e eterna.

Quem lê esse esplendido pedaço de estylo e de philosophia naturalistica, recorda-se involuntariamente daquellas bellas e profundas phrases que Alexandre de Humboldt põe na bocca do philosopho Epicarmo, para explicar o quadro enigmatico do Genio Rhodio, apparecido em Syracusa ; recorda-se tambem, inevitavelmente, daquelle saudavel capitulo

de Louis Jacolliot sobre as origens e o segredo da vida, em que a intelligencia faz o gyro do macrocosmos inteiro, indo do microzymba até o homem, do homem até os astros, e destes ainda ao microzymba,—o atomo animado e imperecível que faz as pedras e as flores, os animaes, os sentimentos e os sóes.

Ora, ninguém poderia alliar essa afoita concepção da natureza anorgano-organica á doutrina de Schopenhauer sobre a mulher ou o amor...

*

Termino aqui esta introdução; mas não sem declarar positivamente o que já deixei entrever ao principiar: — que são oppostas a todas as minhas idéas as opiniões do autor da Philocritica sobre philosophia, politica e muitos pontos de litteratura.

Por isso mesmo eu estimei não ter de entrar na apreciação detalhada dos capitulos do livro.

O leitor vae vêr quaes são as doutrinas do Arthur sobre as materias de que elle se occupa; faça, portanto, uma cousa:

— Previna-se de antemão contra a Philo-

critica e o seu autor; abra o livro de sobr'olhos carregados, severo e inquisitorial...

Apezar disso ha de sahir da leitura, como sahi eu : encantado e sem forças para protestar.

E' que o valente moço que poduziu este volume possue aquella « alma de purpura com reflexos de ouro » que elle attribuiu á mulher russa, e que eu vejo brilhar, com uma intensidade magnetica, atravez do seu cerebro emancipado e largo.

Recife. Agosto, 1886.

IZIDORO MARTINS JUNIOR

CAPITULO I

A ALMA DA MULHER RUSSA

Estudo de *psychophilia* feminina, publicado
na *Folha do Norte*, a proposito dos *Estudos*
Allemaes, de Tobias Barretto.



Li os *Estudos Allemães*, de Tobias Barretto, com uma rapidez de locomotiva, que não farta-se de devorar o espaço ; porém, mesmo assim, a impetuosidade, com que fui levado pela torrente das idéas, não obstou-me vêr e admirar os preciosos thesouros que, sobre um magestoso leito de pensamentos profundos, existem ali crystallizados n'um deslumbrante estylo de luz e perolas.

E' que Tobias Barretto com um cerebro, que parece uma enorme esponja a absorver todo o *humus* depositado pela corrente da civilisação nas regiões mais ferteis do espirito humano, produziu um livro, que é um bello monumento architectado com o que de melhor tem-se elaborado, tanto no campo abstracto, como no dominio concreto das letras.

Quem sem prevenção de animo chegar a ler os *Estudos Allemães*, ha de convencer-se que o seu auctor é uma intellectualidade polymorphica, uma especie de Schopenhauer, capaz de fazer sciencia como Aristoteles, poesia como Shakspeare ou critica como Juvenal.

Sim, o *teuto sergipano*, *sobriquet* com que alguns *virtuosi* do sul pretenderam ridicularisar o promotor do germanismo no Brazil, como se fosse uma cousa impossivel ou irrisoria trazer debaixo da casca grossa de um sergipano a *psyché* delicada de um allemão, a par de uma intelligencia com irradiações de genio, e de uma imaginação com todos os esplendores do prisma, possui um coração com aquella variedade e flexibilidade de sentimentos, que fazem-no tão terno o mimoso para os amigos, quão desapiedado e terrivel para os desaffectedos.

Por isso o magnifico livro de Tobias Barretto assemelha-se a uma região encantada, indescriptivel, onde ha quadros, que entristecem a vista em face de largos e immensos horizontes, tempestades de luz precipitadas sobre abysmos de trevas, ondas de alegria em valles de lagrimas, impetos ao lado de

desvanecimentos, transparencias azues formadas de vapores vermelhos.

O « *selvagem* », que na verde infancia gostava de « *bolir com as vaccas paridas ou os carneiros marradores* », apraz-se ao amarellecer da idade em provocar a furia e os insultos dos pedantes e parvos com alfinetadas ervadas de ironia.

Eis uma natureza a Giosué Carducci : menino, brincando com lobos e falcões e resuscitando a pauladas e pedradas as luctas civis da Republica Romana e da Revolução Franceza ; homem, cantando hymnos divinos a Satan por ter sacrificado a sua antiga consorte Theologia a uma belleza mais fresca e seductora, á Sciencia.

Um unico traço distingue os dous irmãos em nervos, em philosophia e em critica : é que um sente tanto amor pela França quanto o outro pela Allemanha.

Mas nem a antipathia, que Giosué Carducci vota aos Allemães, pode obstar que Theodoro Mommsen, que não admitte que outros povos senão os gregos e os germanos possuam a fonte do canto, que corre por si mesmo, traduzisse as *Odes Barbaras* e dirigisse ao seu auctor uns versos não menos

adoráveis do que os que Paulina Moser dedicou ao poeta segipano ; nem a *Deutschtümelei* de Tobias Barretto poude impedir que, no mundo compadresco e cerimonioso da *litteratice* brazileira, o bravo *gallophobo*, apesar da sua espontaneidade selvagem, da sua independencia bravia, fosse respeitado e admirado por aquelles que avaliam tudo pela bitola do *savantismo* francez.

Quanto á frescura de idéas e de sentimentos, basta lembrar que Tobias Barretto, á frente dos nossos sabios e eruditos, produz o mesmo effeito que uma corôa de noiva na cabeça de uma velhota já deflorada pelos annos.

Certa occasião senti-me bastante embaraçado para explicar álguem, que interpellava-me, o *systema philosophico* de Tobias Barretto.

Não é *budhista*, *spenceariano* nem *comtista* ; mas um inimigo de todo *systema*, de tudo que é *orthodoxo* e *convencional*. Lê Schopenhauer, Hœckel, Schmidt, Settembrini, Huxley e tantos outros espiritos *phenomenaes* no *processus* de creação e transformação das idéas. Se qualificou de *allemães* os seus *estudos*, foi para deixar bem *accentuada*

a sua physionomia litteraria, a feição do seu dizer e criticar, subordinando todas as manifestações do seu espirito as saber tedesco.

Mas no estylo o *teuto-sergipano* é um perfeito prosador francez, vale bem um Taine ou um Renan, possui extraordinariamente desenvolvida a *faculté maitresse* da *Gallia nutrix causidicorum* — o talento de bem prosar.

Grande admirador da cultura espiritual da Grecia e da Allemanha, Tobias Barretto é ao mesmo tempo um sabio e um poeta. A sua cabeça é uma encyclopedia viva, em que o peso da erudição não tem podido sopear os vôos da inspiração.

Assim afigura-se-me a larga, expansiva e genial physionomia litteraria do auctor dos *Estudos Allemães*, delineada por outros, e especialmente por seu irmão de armas, Sylvio Romero, com muito mais talento e *maestria*.

Depois de ter feito diversos concursos, sem que em nenhum o governo o escolhesse, chegando uma vez a ser preterido pelo auctor de uma *Philosophia*, que não é somente um mau livro, mas sobretudo uma má acção, porque está estragando o espirito de uma

grande parte da mocidade brasileira, Tobias Barretto foi, como sabe-se, nomeado lente da Faculdade de Direito desta Provincia por inspiração daquelle para quem a *Carta aberta á imprensa allemã* será sempre um implacavel espectro.

Cumpre, porém, notar que o acto do governo não modificou, como a muitos outros, o *systhema* de vida do nomeado, pois que, professor, continuou a viver retirado em sua casa, fóra da cidade, estudando muito, prosando mais, escrevendo ainda melhor, recebendo com affabilidade todas as pessoas, que o procuram, mesmo aquellas que na vespera o apedrejaram, e, cousa adoravel, manifestando francamente a sua opinião a respeito de tudo e repartindo com todos os preciosos thesouros da sua vasta erudição.

Nunca esquecer-me-ei da expressão de alegria e das lagrimas nos olhos, com que um talento feminino recebeu a noticia da nomeação de Tobias Barretto :

« Emfim o bom, o bravo, o pobre Tobias foi nomeado ! »

Dentro dos limites estreitos e acanhados da nossa instrucção superior, forçoso é reconhecer que a nomeação de Tobias Bar-

retto importou um grande acontecimento scientifico, apesar de haver no corpo docente da Academia, como já foi notado por alguém, (1) muito espirito *illustrado* que pensa que Tobias Barretto fala allemão mesmo expressando-se em portuguez, e apesar do horror, que tem aquella corporação de sabios á litteratura tedesca.

Mas a tão distinctos doutores o novel professor limitou-se a aconselhar que estudassem o allemão, a lingua das grandes syntheses, das vastas concepções philosophicas, « *a interprete fiel de todas as linguas que falam o ceu e a terra, os ares e as aguas* » a lingua que por sua construcção, reflexo da constituição cerebral dos *Naturkinder*, obrigando o espirito a pensar até o fim da phrase, concorre poderosamente para desenvolver a reflexão e o bom senso (2).

(1) Refiro-me a Manoel Francisco de Almeida, o forte, que deu cabo da existencia depois de haver luctado como um herôe pela vida. Foi um refractario a todas as convenções e preconceitos, mas ao mesmo tempo uma alma aberta a todos os ideaes e sentimentos generosos.

(2) O leitor convencer-se-á facilmente da necessidade de aconselhar-se o estudo de lingua germana

Como homem de sciencia, Tobias Barretto é o que póde chamar-se a tendencia para o progresso: está sempre de posse das ultimas experiencias tentadas, acompanhando com enthusiasmo as vistas novas dos sabios. Por este lado, os *Estudos Allemães*, si não são da categoria das cousas de que fala o seu auctor tratando da *Norma*, d'aquellas que sempre se acham no estado matinal, pelo menos pertencem á classe das que trazem

aos professores da Faculdade, desde que tiver conhecimento de um facto passado, ainda não ha muito tempo, entre a maioria dos membros da Congregação. Quando foi banido o *compendio*, Tobias Barretto, protestando contra o modo rudimentar e grosseiro do ensino do direito entre nós, compoz um programma, que era sobretudo uma bella tentativa de *darwinização juristica*. O programma foi approvedo sem a menor discussão, e já o procedimento da Congregação parecia importar um progresso, si não de idéas ao menos de sentimentos, pelo facto da tolerancia, quando um pequeno erro typographico veio demonstrar que o illustrado corpo docente tinha obrado inconscientemente, sancionando cousas de que não tinha a minima noção.

Em um dos programmas Tobias Barretto falava em *psychologia do direito*; mas o typographo enganou-se e compoz *psyologia*. Remettidas as provas á Secretaria, não estando presente o auctor do pro-

comsigo toda a frescura e perfume de uma alvorada. Com a leitura dos *Estudos Alle-mães* a intelligencia sente-se tão bem quanto a vida com o ar, o céu e a luz dos campos.

Os doze capitulos que formam o harmonioso conjuncto dos *Estudos Allemães*, são doze modelos entre os productos do genero : n'elles Tobias Barretto, a par de um invejavel *kulturhistoriker* na *influencia da salão sobre a litteratura*, mostra-se um philosopho do di-

gramma, o empregado a quem foi confiada a revisão, tratou de ouvir os *doutores* sobre aquelle enigma, cuja decifração não encontrava no Aulete, e já esforçava-se a maioria delles por explicar a *entelechia* do Tobias, quando um mais ousado, e tambem mais ignorante, tirou os collegas dos apuros affirmando que aquella *psyologia* era necessariamente alguma tolice da Allemanha. Esta parvoice é incontestavelmente mais *repolhuda* do que a dos padres do Maranhão, quando na polemica com Tobias Barretto accusaram-no de puro germanista.

Comprehendo o odio de um Mourão ou de um Fonseca contra o germanismo, pois que um dos traços característicos do genio allemão é esta *raillerie* picante, sempre alerta contra as exigencias e imposições da esposa de Christo, contra os abusos e vicios dos ministros do Senhor. O germanismo é *Reinck Fuchs* mettendo a ridiculo a cõrte de Roma; Luthero levantando milhões de consciencias contra

reito nos tres magnificos estudos sobre a tentativa sobre a codelinquencia e sobre o *direito autoral*, e tambem um delicado critico da politica na *organisação communal da Russia*, da religião nos *ligeiros traços sobre a vida religiosa no Brazil* e, sobretudo, da musica na analyse da *Norma*, do *Fausto* e do *Salvator Rosa*, pois que, além de tudo, o auctor dos *Estudos Allemães* é um poeta do ouvido,

o catholicismo ; Goethe a fazer umas interpellações desconcertadoras ao Creador ; Henri Heine com o riso de satanaz nos labios a provocar uma guerra cruenta contra a politica e a religião de seu paiz ; Bismarck sustentando como um Hercules a *Kulturkampf* contra o partido ultramontano, que marcha sob as ordens de Vaticano ; Straus dando cabo da velha fé dos Fénelons, Massillons, Bourdaloues, Lacedaires e Venturas. O que, porém, não comprehendendo de modo algum é um professor de direito, embora de intelligencia muito acanhada e muito affeita ás idéas estereis e caducas dos seculos passados, abominar a Allemanha, a digna successora de Roma na cultura juridica, unicamente porque ignora as grandes manifestações da litteratura tedesca. Não ha impotencia ou decrepitude de espirito que desculpe esta imbecilidade, contra a qual devem protestar os moços, si é que as suas aspirações têm um mais elevado alvo do que mostrarem-se doces carneiros de Panurgio.

um artista do som, possui uma cabeça harmoniosa como Mozart, Boethoven ou Bellini.

Mas entre os diversos artigos dos *Estudos Allemaes* ha um, que destaca-se dos outros como a mais brilhante estrella de uma formosa constellação. Refiro-me áquelle cujo thema é uma conferencia do israelita allemão Adolpho Jellinek, feita n'um gymnasio academico de Vienna, sobre a *alma da mulher*, questão cheia de importancia e propria para tentar uma intelligencia varonil, como a vida perfumada das flores a tempera delicada de uma organisação feminina.

Este excellente capitulo de combinação com um outro primor de erudição e critica, da notavel escriptora russa Élisa de Besobrasoff (1), é o motivo do presente trabalho que não passa de um esboço historico das successivas metempsychoses por que ha atravessado a alma da mulher, e com a alma da mulher a alma da sociedade na Russia, desde os tempos de Ivan o Terrivel até a epocha

(1) *A mulher russa, sua historia e sua instrucção actual*, por Tatiana Svetof. *Nouvelle Revue*, tomo 5, pag. 515.

actual, em que o espirito irrequieto e petulante dos subditos de Nicolaewitch fez voar em estilhaços o monumental coração que transformou uma enorme chrysallida de servos em mais de vinte milhões de homens livres.

Trata-se, portanto, de estudar a alma da mulher não somente como uma *resultante* da raça sob as influencias da atmospheria, do solo, do clima, dos habitos, dos costumes e das tradições ; mas, sobretudo, como um *factor social*, como uma *força civilisadora*, capaz de disciplinar as ideas, os sentimentos e até as instituições politicas de um povo, estudo que afigura-se-me muito interessante, desde que dará a conhecer o character nacional de um povo de mais de oitenta milhões de almas, o papel que representaram dous grandes homens, Ivan o Terrivel e Pedro o Grande, na obra de civilisação do colosso russo (1), e

(1) Releva advertir que não penso com Buckle nem com Carlyle. Para mim o grande homem nem é simplesmente um producto da raça, do meio, e do momento historico, nem um mensageiro da Providencia : colloco-me n'um meio termo, ou melhor, n'um ponto de vista mais elevado, em que nem se desconhecem os resultados gigantescos das inven-

especialmente a influencia de cada uma das transformações da alma da mulher sobre o desenvolvimento da sociedade.

Em nenhum povo da familia indo-européa a *psyché* feminina tem uma *phylogenese* tão curiosa e digna de estudo como na Russia.

A razão está em que, durante milhares de annos a Russia, tendo perdido o caminho da civilisação occidental e tendo tomado um outro rumo na sua marcha progressiva, tornou-se possivel estudar a *psychophilia* feminina, a principio fóra da acção das circumstancias moraes e sociaes, que agiam sobre

ções o revoluções operadas pelos grandes homens, nem se negam os prodigiosos efeitos das lentas accumulações das forças sociaes no passado. A apparição do genio suppõe necessariamente certas condições mesologicas, certos precedentes historicos; mas nem por isso póde dizer-se que o genio seja simplesmente uma resultante de forças accumuladas no passado, porque o que caracteriza o genio é esse quer que seja de proprio, de exclusivo, de individual, que não póde nem deve ser considerado como o producto de um trabalho collectivo. O genio tem permanecido até hoje como um ponto enigmatico na cadeia successiva das causas e efeitos, parecendo mais um salto dado pela sociedade na escala da evolução do que uma simples sequencia de seus estados anteriores.

os povos vizinhos, e depois sob a influencia destas condições, podendo então apreciar-se o modo de acção de cada uma d ellas, bem como os seus diversos e extraordinarios resultados.

« A mulher russa, diz Elisa de Besobrasoff, atravessou os seculos e as diversas phases de seu desenvolvimento longe de todas as influencias européas, na ignorancia mais completa das correntes politicas e sociaes, que ahi succediam-se. Não conheceu nunca as homenagens prestadas pelos destemidos cavalheiros ás damas de sua côrte, não assistio nunca a torneios brilhantes, cujo preço fosse a sua mão, não soube nunca o que queria dizer a denominação de castellã ou de aniante. Não foi gradualmente que tornou-se a companheira de seu esposo, a senhora de sua casa e a alma da sociedade. Depois de um longo periodo de escravidão, depois de uma internação prolongada no *terem*, não distinguindo-se de um *harem* senão pelo adoçamento que a elle traz a monogamia, recobrou bruscamente a liberdade com a igualdade dos direitos civis, e de escrava, que era, tornou-se de repente a igual de seu tyranno de hontem. »

Até a epocha de Pedro o Grande a mulher conservou-se isolada no seio da sociedade russa, como a Russia manteve-se destacada do resto da Europa, concorrendo para este duplo resultado diversas causas, entre outras a pobreza do solo, o rigor do clima, a monotonia da paizagem, o schisma, que separou as egrejas do Oriente e do Occidente, a invasão mongolica, o espirito tartarico de Ivan o Terrivel e as relações desconfiadas dos russos com os povos europeus.

E' curioso observar que Ivan, querendo organizar o *tsarato* de Moscow, começou as suas reformas por casa, transformando o seu palacio em *harem* e enclausurando a sua mulher e filhas como *hanouns*. « Os duques e *boyardos*, diz Dixon, seguiram o seu exemplo, e a reclusão das mulheres tornou-se tão estricta como em Bagdad e Bokhara. » (1)

A Egreja, que tinha opposto uma tenaz resistencia ás reformas de Ivan, nada fez em favor da mulher; pelo contrario, procurou favorecer as vistas mongolicas do *Tsar*, e,

(1) *A Russia Livre*, por H. Dixon, *Tour du Monde*, anno de 1872, vol. 2., pag. 26.

assim procedendo, era consequente com os seus precedentes historicos.

Desde muito tempo são bem conhecidas as exhortações, em linguagem malsonante e brutal, dos pregadores catholicos contra a perniciosa influencia das graças femininas.

Basta saber-se que no christianismo o conceito de Eva é o mesmo do judaismo : a mulher enrubescendo ao reconhecer em sua innocente nudez os primeiros indicios de maternidade, e sendo expulsa da sua morada paradisiaca ao cahirem dos seios as primeiras perolas de leite. (1)

(1) Apezar do preconceito de as religiões considerarem o amor uma especie de fructo prohibido, uma sorte de crime contra a humanidade, o certo é que no catholicismo tem havido naturezas superiores, para quem a continencia ha sido o maior de todos os sacrificios. Ahi está, por exemplo, Santa Thereza, que soube amar o seu Christo com um amor impetuoso, exaltado, á maneira de besta fulva em epocha de *ruth*. Si algum discipulo de S. Thomas vier dizer-me que a paixão da sensual filha das Hespanhas por Christo não era volupia, mas um sentimento ethereo como o de Dante por Beatriz, responderei com Luys que o amor psychico, ideal, e o amor physico não são senão anneis ultimos de uma só e mesma cadeia, cujos élos ligam-se sem interrupção.

Entretanto a mulher não valendo senão por sua virgindade é uma vista subjectiva do espirito israelita, em manifesta opposição com as leis da vida universal.

No universo a principal lei é o desenvolvimento, a expansão dos seres, e os seres não se desenvolvem, não progridem senão pela sexuação, chame-se *affinidade* entre os corpos brutos, ou *amor* entre os seres vivos, pouco importa.

A natureza inteira tem horror á virgindade, que, em ultima analyse, não é senão o isolamento, a esterilidade no *processus* phisico, biologico ou psychico.

O progresso não existe no universo senão porque na mesquinhez do atomo, no calice das flores e na camara dos noivos existe o mesmo segredo da sexuação.

No *cosmos* nada está isolado, tudo vive na mais estreita solidariedade, e a sexuação é a solidariedade na sua mais elevada expressao : — a solidariedade dos sentimentos,

Synthese etherisada de todas as sensibilidades espalhadas pelo organismo, o amor, seja o de um Dante por Beatriz, de um Petrarcha por Laura, ou de um Camões por Catharina, todo elle tem suas raizes nas funcções dos órgãos sexuas.

como o determinismo é a solidariedade das forças.

Nas altas regiões da *esthesia* a virgindade é tão absurda quanto a liberdade nos domínios da *cinematica*.

Sem o amor, o fluido magnetico, que animou o peito frio da estatua de Pygmalião, a centelha, que illuminou a cabeça do Christo no *Horto*, do Dante no *Inferno*, do Camões na *Gruta*, os homens com todas as suas luctas sanguinolentas provocadas pela fome, seriam mais ferozes e temiveis nos campos de batalha e nas praças publicas do que as grandes especies felinas nos sertões da Africa.

Até a epocha de Pedro o Grande, as filhas da Russia viveram dentro de um *terem* no mais atrophiador isolamento, não sabindo á rua senão em carros forrados de tafetá, não indo á igreja senão com o rosto velado, não assistindo a espectaculos publicos senão de camarins, que as não deixavam vêr pela escuridão.

A vida monotona, indolente e aborrecida, que ellas passavam sem abrirem os póros a todas as beneficas influencias da atmospherica social, cerrando o coração a todos os

philtros magneticos, que nascem da aproximação dos sexos, não tardou em estiolar a consciencia feminina e com a consciencia feminina a consciencia nacional.

« A virtude physica das mulheres, diz Elisa de Besobrasoff, salvaguardada por meio do seu encarceramento nos *terems*, não pode impedir o abaixamento do seu nivel intellectual e moral, donde veio depois um abaixamento proporcional do nivel geral da sociedade.

« A grosseria dos costumes, a influencia crescente da superstição, a mesquinaria das ambições e das vaidades, a ausencia de todo o sentimento esthetico, a estagnação completa de todas as artes, taes são os traços que distinguem a sociedade russa no XV, XVI e XVII seculos, traços imputaveis na sua maior parte á posição abjecta da mulher e á sua exclusão completa da vida publica e social. Os progressos da cultura moral, as artes e as letras não poderiam existir sem a livre communicação dos sexos, sem a mistura de suas idéas e de suas impressões. Uma civilização, que pretende excluir de seu seio metade do genero humano, e reduzir a mulher ao estado de animal

domestico, está forçosamente condemnada a ficar estacionaria ou mesmo a seguir uma marcha retrogada. »

Com effeito, a alma da mulher é o crystal em que espelha-se toda uma civilisação: entre os selvagens a mulher é considerada como um animal domestico, como um boi ou um cão, que compra-se ou vende-se, e, em tempos de fome, come-se; entre os barbaros, como uma escrava, que é sobrecarregada com os trabalhos mais pesados e grosseiros; entre os asiaticos, como uma natureza inferior, que vale menos do que um homem, do mesmo modo que vale mais do que um animal; entre os occidentaes, emquanto não é procurada senão para dar um herdeiro ao nome de seu marido, para alargar os dominios de um feudatario ou para satisfazer as exigencias da carne, os cavalheiros são duros, grosseiros e violentos; mas desde que o amor torna-se o centro de attracção da sociedade, desde que os trovadores deixam de celebrar os feitos heroicos dos companheiros de Carlos Magno para contar as aventuras amorosas de Lancelot, de Tristão, de Ivan e de outros cavalheiros, que vinham agrupar-se em torno do rei Arthur

como os doze *pares* ao redor do rei de *barba florida*; desde que nos romances cavalherescos a belleza e proezas do cavallo cedem logar á formosura e encantos femeninos; desde que na consciencia da multidão o conceito de Eva vae mais e mais espiritualizando-se, os costumes adoçam-se e sentimentos novos surgem á tona da sociedade.

Infelizmente no Occidente o culto da mulher tanto se refinou que um dia tocou ao ridiculo. A metaphysica do amor chegou ao ponto de propôr questões como esta :

Qual é mais fecundo : o amor que accendese ou aquelle que reanima-se ?

A reacção violenta, que operou-se contra a antiga oppressão masculina, deu em resultado modificar-se profundamente o temperamento da mulher, e afinal atirar-se esta em extravagancias de toda a especie.

A's raparigas de sangue quente, promptas a ceder aos primeiros arrastamentos da paixão, sempre dispostas a liberalisar encantos, que cavalheiros, pudicos como elephantes, não procuravam conhecer, succederam umas damas caprichosas, de olhares ternos e movimentos languidos, que julgavam-se offendidas pela mais submissa vista de olhos, e

que vendiam por esforços e sacrificios sobrehumanos os mais ridiculós favores.

Todavia com todo este metaphysicismo do amor a escala da moralidade feminina não tinha-se elevado muitos grãos acima do velho nivel.

« Nada obsta que um homem seja amado por duas mulheres e uma mulher por dous homens, » dizia um dos artigos do *Codigo Amoroso*, reliquia que tinha sido encontrada por um cavalleiro bretão no tumulto do rei Arthur.

As damas, além do marido, tinham um amante, a quem instituam seu cavalleiro.

« N'estes bellos tempos, affirma Saint-Evremond, o maior merito das mulheres era amar ternamente seu amante e gozar solidamente seu marido com aversão. »

Todo o perigo deste dualismo do amor estava em que nem sempre era possivel guardar-se a devida distincção entre os direitos da carne e os da alma, quero dizer, dos maridos e dos amantes, e então era bem possivel que não servisse de *mediador plastico* entre uns e outros senão o adulterio.

O isolamento da mulher russa manteve-se, como disse, até a epocha em que Pedro o

Grande, subindo ao throno, abriu as portas do *terem* e apresentou a tsarina deslumbrada aos olhos curiosos dos seus subditos.

Como este exemplo achasse poucos imitadores, Pedro, que era um soberano desabulado, decretou reuniões em que o accesso era livre a todos os que desejavam divertir-se.

Para estas reuniões o amphytrião, que era designado pelo *Tsar*, devia concorrer, além dos jugos e d'bs refrescos, com a presença da mulher e das filhas.

Estas, que até aquella data tinham estado debaixo de vinte e sete ferrolhos para que o vento não as soprasse, o sol não as queimasse, os amigos não as vissem, acceitaram com ardor o presente do *Tsar*, e, pela primeira vez, na Russia, viram-se homens e mulheres communicando-se livremente, trocando idéas e sentimentos, e lançando assim o germen de todos os progressos sociaes, que nascem da approximação fecunda dos sexos.

Pedro devia conhecer bem a natureza feminina, naturalmente curiosa e vulgarisadora, para obrigar-a em uma epocha em que não existia a imprensa como instituição so-

cial no seu paiz, a tomar parte em reuniões, cujo accesso era franco a pessoas de ambos os sexos.

- Esta é a razão por que os salões russos, a principio tão despidos de attractivos e encantos, tornaram-se em breve um grande poder educador, uma poderosa força civilisatríz. Alli, cavalheiros, selvagens como lobos, não levavam muito tempo a domesticar-se, e as idéas, que voavam do Occidente, aclimavam-se facilmente, achando um doce acolhimento feminino.

Depois de Pedro o Grande, a quem a *Nova Russia* deve a sua vida moderna de theatros e de salões, a fórma politica da hereditariedade, ainda hoje applicada ao governo das sociedades, assegurou definitivamente a emancipação feminina na Russia. O imperio passou a ser *herdado* por soberanas : por Catharina 1.^a, por Anna, duqueza de Courlande, por Anna, princeza de Brunswick—Luneburgo, por Isabel ; e este factó, que mostra a mulher governando, não pela mão do *favoritismo*, e sim pelo braço de ferro do despotismo, bastou para arrancar a mulher da minoridade perpetua em que até então tinha vivido, sendo-lhe con-

cedida com a maioridade a administração da sua pessoa e bens.

Uma vez de posse dos seus bens, as actividades femininas entregaram-se ao commercio e á industria, e ahi manifestaram um grande talento para a especulação mercantil ; mas o espirito de lucro, que irrompeu de um modo tão vivo nos circulos femininos, não poude desenvolver-se senão á custa de qualidades mais preciosas para a sociedade.

O traço especial, caracteristico, do desenvolvimento da alma da mulher na Russia destes tempos é uma aptidão para o lucro, uma tendencia para a especulação, que suffoca toda a manifestação de sentimentos estheticos. D'ahi uma estagnação moral e intellectual e uma dureza de coração e de character, que deviam tornar menos preponderante o papel civilizador, a influencia moralisadora da mulher russa no seculo XVIII.

Felizmente, em fins do seculo XVIII passou-se nas margens do Neva um importante acontecimento, que mais tarde devia influir poderosamente nos destinos da mulher e da civilização russa.

Catharina II, a cabeça feminina, que as-

sombrou a Europa pela largueza de suas vistas, incorporando ao imperio a Criméa, a parte fertil da Polonia, lendo Tacito, Montesquieu, Bayle, convidando d'Alembert a ir acabar a *Encyclopedia* na sua côrte, comprando a bibliotheca de Diderot por 20,000 francos para offerecel-a novamente ao distincto sabio, correspondendo-se em estylo elegante com Voltaire, de quem não foi sómente uma admiradora, mas uma segunda natureza, possuindo talento para ser ao mesmo tempo estadista, polemista, pamphletista, a Semiramis do Norte, como a chamava o mais espirituoso dos seus adoradores, inaugurou no Convento da Resurreição a educação secular da mulher.

Quinhentas meninas foram confiadas a um corpo docente de 40 professoras, sob a direcção de Md.^{me} Lafonde, para receberem uma educação secular capaz de fazel-as boas genetrizes.

A obra de Catharina II foi realmente um grande acontecimento nacional, porque na Russia até o fim do seculo XVIII as mulheres eram as mais devotas da Europa : quando não negociavam, resavam ou ornavam igrejas. Em trocas, compras, vendas, bre-

viarios, hagiographias e penitencias absorvia-se toda a actividade feminina.

Assim educadas, bem longe estavam as mulheres russas de ser o que das suas irmãs da França affirmaram os irmãos Goncourts : « a alma desse tempo.... o ponto d'onde tudo irradia, a imagem sobre que tudo modela-se... o principio que governa, a razão que dirige, a voz que ordena... a causa universal e fatal, a origem dos acontecimentos, a fonte das cousas. »

Infelizmente, a energia masculina de Catharina II não pode reagir contra todos os prejuizos de raça, e então a grande imperatriz vio-se obrigada a manter uma chocante desigualdade entre as filhas da nobreza e as do povo, sob o triplice ponto de vista do tratamento, da cultura e do dote.

As primeiras tinham roupas finas, aprendiam musica, dança e desenho, e recebiam 2,000 rublos de dote ; as segundas vestiam fazendas grossas, exercitavam-se na costura, na lavagem e na cozinha, e eram dotadas com 100 rublos.

Mesmo assim, a instituição de Catharina II é digna de veneração ; com ella foi que começou a violenta reacção contra a inercia,

em que até então tinha vivido a metade feminina na Russia.

A Catharina succedeu Maria Feodorowna, que não sendo tão bella e espirituosa como sua antecessora, porém mais sympathica e terna, procurou encher o vasio da brusca viuvez, em que tinha ficado logo depois do seu casamento, espalhando institutos de mulheres por todas as cidades da Russia e reformando os programmas e methodos de ensino. Por sua morte deixou tão grandes riquezas a estes institutos que foi preciso crear uma repartição especial na chancelaria do imperador para a sua bôa administração.

Infelizmente, todos os estabelecimentos creados por Maria eram talhados pelos moldes do Convento da Resurreição, em que prohibia-se a toda communicação com o exterior.

Como vê-se, em todos os institutos de educação feminina dominava o principio da enclausuração com todas as funestas consequencias da vida em commum, que faz que milhares de cabeças e de corações não pensem nem sintam senão por um só *eu* — a regra dura, invariavel e inflexivel; em todos

elles conservava-se a odiosa desigualdade entre filhas da nobreza e filhas do povo.

Havia até institutos que não abriam as suas pesadas portas senão a uma certa classe da nobreza, e que não prodigalisavam os seus beneficios senão a uma certa ordem de fidalguia. O instituto de Santa Isabel, por exemplo, só dotava as filhas de damas que pertenciam á ordem deste nome, e só acceitava as filhas de cavalheiros que eram da nobreza hereditaria.

Os institutos particulares, que recebiam meninas de todas as classes, além de não gozarem da sympathia das familias, eram excessivamente caros; de sorte que a educação distribuia-se quasi que exclusivamente ás filhas dos nobres, os quaes, entretanto, muitas vezes preferiam deixal-as em casa a vê-las enclausuradas nesses mosteiros, cuja educação meio mundana, meio monastica, devia produzir mulheres como Swetchine, recebendo um mundo de sabios, de philosophos e de litteratos ao lado de um oratorio, lendo as noites de Young depois de ouvir as conferencias de Lacordaire, fallando o allemão, o inglez e o italiano ao mesmo tempo que aprendia o latim, o

grego e o hebraico para interpretar a Biblia.

Entretanto, apesar do cordão sanitario com que Nicolau, o ultimo dos *kham*s europeus, pretendeu preservar a sua patria do *virus do Occidente*, as idéas novas continuaram a entrar pela janella que Pedro o Grande tinha aberto para vêr a Europa civilisada, e de tal sorte foram reformando com seu poder magico a alma nacional que ao subir ao throno Alexandre II, a Russia poude emancipar-se do trabalho escravo.

Foi então a epocha das expansões liberaes : Maria Alexandrowna, querendo imitar o exemplo de seu marido, que entendia que « *as reformas deviam vir de cima para que as revoluções não viessem de baixo,* » creou duzentas casas de educação para receberem meninas de todas as classes.

Tal é a origem dos *Gymnasios de Mulheres*, criação gigantesca, baseada sobre o salutar principio do externato, com todas as vantagens de uma educação commum, sem os inconvenientes do pensionato.

Assim, enquanto os *Tsares* preparavam a emancipação dos servos, as *Tsarinas* promoviam a emancipação das mulheres ; em-

quanto Nicolau concedia direitos civis aos servos, permittindo-lhes possuir terras e fazer contractos, Maria Feodorowna creava institutos de educação feminina em todas as cidades principaes da Russia; emquanto Alexandre II immortalisava o seu nome com a emancipação de vinte e tantos milhões de servos, Maria Alexandrowna sublimava o seu, banhando em luz milhares de cabeças opacas.

Para organizar os programmas e methodos de ensino das novas casas de educação, Maria Alexandrowna nomeou uma commissão, que foi procurar modelos na Allemanha e na Suissa, paizes classicos da pedagogia.

A commissão teve o bom senso de não recorrer aos theoristas que tinham escripto sobre a sciencia da educação; mas aos praticos que achavam-se á frente das principaes escholas do sexo feminino.

Mereceu-lhe especial attenção Frœlich, director da *Einwohner—Mädchenschule* que tinha formulado sobre a educação das mulheres tres principios, os quaes dão copia da superioridade de sua natureza intellectual e moral.

Para o notavel pedagogo allemão não de-

ve haver distincção de educação entre as filhas da nobreza e as do povo; a educação das mulheres tem por fim desenvolver-lhes todas as forças intellectuaes e moraes; a educação feminina incumbe á casa e á escola simultaneamente: á casa cumpre fazel-as boas mães de familia, e á escola intelligencias sãs e vigorosas, capazes de lutar contra as difficuldades da vida.

Parece que depois de Schleiermacher, ninguem seriamente pretenderá contestar o principio da igualdade de instrucção. Não podendo acabar com as differenças que a civilisação, e não a maldade dos homens, levantou entre as classes sociaes, o Estado deve distribuir igualmente aos filhos dos pobres e dos ricos, dos nobres e dos plebeus, aquillo que constitue o patrimonio commum dos povos—a instrucção.

Sob pena de commetterem um grande crime, os governos não pôdem deixar de dar uma instrucção commum a todos os membros do Estado.

A difficuldade de determinar esta instrucção não é motivo para limital-a a lêr-se e escrever-se a lingua nacional. Na bella phrase de Huxley, isto equivaleria a ensinar

servir-se de uma faca, de um garfo e de uma colher sem offerecer os alimentos necessarios.

Sem ter a pretensão de esboçar esta instrucção commum, entendo que os governos terão feito alguma coisa neste sentido, quando obrigarem todos os filhos de ricos e pobres, de nobres e plebeus ao estudo das linguas vivas como instrumentos de aquisição e transmissão de conhecimentos; das sciencias como disciplina mental: as mathematicas, por exemplo, como typo do methodo deductivo, a physica para desenvolver a observação e a experimentação, a biologia como exercicio dos mais variados processos logicos. O estudo dos artes fará tambem parte do ensino nacional para desenvolver os sentimentos estheticos.

A participação da familia na obra da educação tem mais importancia do que geralmente pensa-se: interessa vivamente á moralidade das nações. Um dos maiores males que affligem a França e os paizes que, como o Brazil, procuram imital-a, é o internato com, todos os seus perniciosos effeitos.

Só a fraqueza e a frivolidade de certas mães de familia, ou mesmo algum outro mo-

vel menos justificavel, como o de vêrem-se livres destas pequeninas naturezas selvagens, tanto mais perigosas quanto mais novas e ingenuas, explicam a existencia destes alcouces da infancia. Ahi cahe logo a flôr da innocencia para fuctificar a volupia, fructificação tanto mais perigosa quanto menos favoraveis são as condições de seu pleno desenvolvimento. Aos internatos, estou convencido, devem muitos maridos mais leitos de espinhos do que de rosas, e muitas mulheres mais doenças nervosas do que dotes espirituaes.

A organização dos *Gymnasios de Mulheres*, na Russia, é soberba. Cada um comprehende sete classes, tres inferiores e quatro superiores. O tirocinio começa na setima e acaba na primeira. A admissão só é possível mediante um exame muito rigoroso, em que a aspirante ao ensino secundario deve mostrar que sabe lêr e escrever em russo, francez e allemão, cousas que aprende na eschola preparatoria annexa ao Gymnasio.

Ninguém admire-se de exigir-se a uma menina de oito annos o conhecimento de tres linguas de genios tão distinctos, pois que é uma banalidade notar-se o talento es-

pecial dos russos para o polyglottismo. Wallace vê nesta singular habilidade dos filhos da Russia uma applicação da theoria darwiniana, e suppõe (são as suas proprias palavras) que na nobreza russa, obrigada durante muitas gerações a applicar-se á aquisição das linguas estrangeiras, uma aptidão especial, um talento polyglotta hereditario desenvolveu-se.

Nos *Gymnasios de Mulheres* a arithmetica, a geometria, a algebra, a physica, as sciencias naturaes, a geographia, a historia, o desenho e a dansa são materias ensinadas durante o curso. As licções de inglez, porém, são facultativas, consagrando-se horas supplementares ao estudo da lingua de Shakspeare.

Um dia de estudo dura apenas cinco horas, tres consagradas ao estudo das sciencias e das linguas (o estudo das linguas continúa nos *Gymnasios*), e duas ao estudo das artes.

Nos *Gymnasios* russos não vê-se este excesso de applicação intellectual dos pensionatos inglezes. De uma aula a outra ha sempre um intervallo de alguns minutos, tempo necessario para vivificar o sangue,

reanimar o espirito e retemperar os musculos das educandas.

Por isso, quando ás duas horas e meia, fecham-se os *Gymnasios*, uma onda de alegria invade as ruas calmas e frias da Russia.

Nenhuma aula recebe mais de quarenta alumnas, e quando excedem este numero, crea-se uma aula parallela. Em S. Petersburgo, no *Gymnasio Maria*, cada uma das aulas tem dezeseite parallelas.

A taxa annual das matriculas, paga de seis em seis mezes, é proporcional ás finanças de cada provincia: em Moscow é de sessenta rublos, cincoenta em Boloma e quarenta em Natividade.

Em alguns *Gymnasios* o espirito de igualdade foi ao ponto de não limitar-se a dar uma instrucção commum, mas impôr uma vestimenta uniforme a todas as alumnas. São evidentes as vantagens desta medida salutar. Não é mais a qualidade do estofa, mas unicamente a superioridade do talento, que marca a differença das que sentam-se n'uma mesma classe.

Sob esta relação a Russia impõe-se á admiração não só do Brazil, a terra dos

agrocrotas, como da França, o paiz da igualdade e da fraternidade.

O diploma de capacidade obtido no fim do curso habilita as tituladas a leccionar nas escholas publicas e particulares, e a funcionar como damas de classe nos institutos e nos *Gymnasios*.

Além disto, este diploma é a chave de ouro que abre as portas dos *Cursos Pedagogicos* e das *Academias* aos talentos femininos.

Os *Cursos Pedagogicos* da Russia não são as *Escolas Normaes* do Brazil. Alli não se limita o ensino a uns banhos mornos de philologia, que não desenvolvem a intelligencia das discipulas nem tonificam a cabeça dos mestres.

Nos *Cursos Pedagogicos* estuda-se mais alguma cousa do que a theoria da arte de ensinar. As classes inferiores dos *Gymnasios* estão sujeitas a estes cursos superiores, e é sobre estas realidades vivas que as aspirantes ao ensino secundario dão provas dos seus talentos pedagogicos.

Além do professorato, o diploma dos *Cursos Pedagogicos* dá direito á inspectoría e directoría dos *Gymnasios*, posição honrosa, a

que aspiram filhas da nobreza altamente collocadas.

Como inspectoras e directoras ha princezas, que mostram muito zelo e orgulho no desempenho das suas funcções.

E' o *chic* feminino na Russia a posse de um destes diplomas, criterio infallivel de uma educação esmerada, pois que para obtel-os as filhas da aristocracia prestam exames rigorosissimos, que fazem honra ao character nobre e independente dos examinadores, e á força de vontade e amor á sciencia das jovens russas.

Mas os *Cursos Pedagogicos* não são o ponto culminante das ambições femininas. Si muitas sentem-se com vocação para o magisterio publico, outras, mais audazes, aspiram á medicina, á advogacia e á philosophia.

Como a universidade de S. Petersburgo não quizesse mostrar-se favoravel aos seus votos, dirigiram-se para a de Zurich. Era uma excellente preza para a *Internacional*, e esta n'um pulo ganhou a cidade suissa. O governo russo indignou-se e annullou os diplomas da universidade de Zurich.

Este rude golpe não desanimou a mocidade feminina, e o general Milioutine, o *nihi-*

lista, como chamava-o o conde Tolstoï, seu collega de ministerio, fundou uma faculdade de medicina para moças, em S. Petersburgo, fóra dos botes da *Internacional*.

Entretanto, para dar todas as garantias ao governo, o general julgou conveniente sub-metter as filhas de Hypocrates a uma disciplina rigorosa, exigindo-lhes o consentimento dos paes ou dos maridos para a matricula e prohibindo-lhes o uso dos cabellos curtos, dos bonés e dos oculos azues.

Quando rebentou a guerra da Turquia, julgarem que era chegada a occasião de provar não só o seu saber como o seu ardente patriotismo, e um corajoso grupo de espartanas partiu para os campos de batalha afim de disputar á baioneta e á bala a vida de seus compatriotas.

Não é este, porém, o unico objectivo da educação na Russia. A par desta instrucção exclusivamente scientifica e utilitaria, ha uma outra, largamente humanista e litteraria.

Trata-se da litteratura no sentido largo da palavra, do desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade, do estudo das paixões e dos sentimentos humanos, e não sómente do culto da fórmula e da elegancia do estylo,

da arte de bem dizer, como se pratica na França.

D'ahi o grande numero de bons poetas e romancistas femininos que povoam os salões da Russia, onde costuma dizer-se que a mulher nasce poetisa ou romancista, como o homem nasce mathematico ou naturalista.

Eis o que foi e o que é a mulher russa, alma cheia de saber e virtude, tomando parte em todas as manifestações da vida intellectual e moral do seu paiz, nas letras, nas sciencias, nas artes e nas industrias, exercendo a medicina, a advogacia e o professorado, collaborando em revistas nacionaes e estrangeiras, trabalhando nos escriptorios das estradas de ferro, dirigindo o serviço dos telegraphos, votando por procuração nos *Zemstvos*; alma de purpura com reflexos de ouro, ponto brilhante na historia da civilização.

CAPITULO II

THEORIAS LITTERARIAS NO
BRAZIL

Estudo de *taxinomia* litteraria, publicado
na *Folha de Norte*, a proposito das *Vi-*
sões de Hoje, de Martins Junior.



Começo por uma affirmação bem entrecedera: apesar da publicação quasi diaria de livros, de folhetos, de avulsos, nós—brazileiros—não temos uma litteratura.

A razão é simples: os livros, atirados á publicidade no Brazil, nem brilham pela belleza do estylo, nem primam pela frescura de idéas.

Os nossos litteratos, ordinariamente anachronicos e atrasados, si não são artistas da palavra, ainda menos podem ser considerados architectos do pensamento.

O pouco bom que possuímos, como as explorações geologicas de Araujo Ribeiro, os estudos anthropologicos de Couto de Magalhães, as investigações philologicas de Baptista Caetano, as notas lexicographicas de Manoel de Mello, Macedo Soares e Para-

nhos Junior, os trabalhos botanicos e zoológicos de Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto, as vistas philosophicas de Guedes Cabral e Pereira Barretto, as experiencias physiologicas do Dr. Lacerda, a critica encantadora e deliciosa de Tobias Barretto, e mais umas raras publicações attestando estudos e vistas novas, como os livros de Sylvio Romero, Souza Pinto e Carlos von Koseritz, não bastam para salvar-nos da anemia intellectual, que está a annuiar este bello pedaço da America, onde tudo é grandioso excepto o pensamento.

Não ha muito, um dos nossos belletristas dizia ao publico :

« Quando o Brazil tentar escrever a epopéa da humanidade em cyclos historicos, quando explicar o homem pelo universo, a natureza pela arte, o drama pela alma, o romance pela sociedade, então sim, então pôde dizer-se : possuimos uma litteratura. »

Mas no Brazil onde está o sabio que já tivesse estudado a vida physica, psychica e historica, combinando estas tres phenomenicalidades em uma grande unidade e formando com ella uma concepção mechanica do universo? o romancista que já tenha des-

cripto o drama da vida social moderna, analysando com profundeza os segredos da alma humana? o critico que já diagnosticasse as causas das nossas desillusões e prophetisasse as nossas aspirações e os nossos ideaes? o artista que em harmonias de linhas, de côres ou de sons já *monumentasse* um bello hymno á natureza?

Onde está o nosso Kant, Spinoza ou Hæckel, o nosso Shakspeare, Gøethe ou Tolstoï?

Na minguada galeria das notabilidades brasileiras seria inutil procurar um espirito com uma centelha de genio na fronte a abrir largos horizontes ao pensamento humano, ou uma natureza selecta, em cujo coração tenham feito eclosão chrysallidas de sentimentos superiores em busca de novos ideaes.

Noprimeiro seculo de colonisação—XVI—seria fatuidade falar n'um litteratura brasileira.

Ainda não ha bastante tempo para que o solo, a atmospheria, a flóra, o clima tenham modelado uma nova estructura cerebral.

Era o momento da lucta entre a natureza moral e intellectual, constituida pelas idéas, pelos sentimentos, pelos costumes e tradi-

ções portuguezas, e as novas condições de existencia dos que nasciam no Brazil!

A hereditariedade da constituição mental continuava a reagir contra as influencias do meio physico. O poeta pernambucano Bento Teixeira Pinto, auctor da *Prosopopéa*, ainda é uma organização hereditariamente portugueza, constitucionalmente refractaria a toda a adaptação americana.

Não é senão no seculo seguinte que começa o primeiro momento evolucional da vida espiritual brasileira, com os versos de Gregorio de Mattos Guerra, nascido na Bahia a 7 de Abril de 1623.

Gregorio de Mattos possuio a *vis comica* dos povos do meio-dia; mas dirigio a sua veia sarcastica, que a ninguem poupava, contra os padres e governadores de seu tempo, e por fim foi condemnado como diffamador e deportado para Angola por D. João de Lencastre.

Pedro Jacques de Magalhães quiz regenerar-o mandando-o para Pernambuco; mas Gregorio de Mattos, homem de ruins sentimentos, achava-se tão gasto pelos vicios que morreu logo depois de sua chegada a esta provincia n'um asylo de caridade.

Posto que não fosse um Marcial ou um Juvenal, e ainda menos um Rabelais ou um Cervantes, todavia poudes conquistar os suffragios da posteridade como um grande talento assimilador que era, e salvar o seu nome do esquecimento, escrevendo n'uma lingua a que está reservado um tão largo futuro, satyras que farão sempre rir.

No seculo XVIII, que póde chamar-se a nossa idade de ouro, não só porque o valente filho da Africa, que tem sido toda a nossa riqueza, deixa o assucar do norte para explorar as opulentas minas do sul, como tambem porque as quatro cabeças brilhantes de Gonzaga, Claudio, Alvarenga e Peixoto sonham a *Inconfidencia* no seio do obscurantismo portuguez, ao lado do veio comico de Antonio José, a quem a Inquisição covardemente assassinou como Judeo, surge vivido o lyrismo mineiro, que é o nosso producto legitimamente nacional.

O lyrismo mineiro é menos devido ás idéas e tendencias de uma epocha do que ao temperamento e á indole do character brasileiro, como uma eclosão da alma nova, que nascera de tres culturas tão distinctas—a raça branca, negra e amarella — sob a influencia de um

mesmo meio physico ; é não tanto um producto *historico* como *ethnico*.

D'ahi toda a sua importancia sob o ponto de vista da historia da litteratura nacional, como uma creação artistica genuinamente brasileira.

O *indianismo*, com que mais tarde alguns espiritos futeis e enfatuados pretenderam fazer escola, é de um nacionalismo contrafeito : — especie de portuguez pintado a urucú.

Nos versos dos *indianistas*, quando apparece isolado e desconfiado algum indio, não pensa nem sente como um primitivo, discorre como um civilisado.

Sob a caricatura do indigena descobre-se logo a alma do filho da civilisação occidental.

O *sertanegismo* de José de Alencar e o *matutismo* de Franklin Tavora são formulas demasiadamente estreitas, si não extraordinariamente ridiculas, para a constituição de uma litteratura nacional.

Nós brasileiros somos mais alguma coisa do que *sertanejos*, cradores de gado, ou *matutos*, cultivadores de mandioca.

Depois da *Inconfidencia*, a colonia, decahida de suas aspirações, sente necessidade

de inventar esperanças consoladoras para esquecer-se das decepções soffridas, e atira-se inconscientemente nos braços do romantismo francez.

Então Benjamin Constant teve o seu sacrificio na *Constituição Politica*, que nos foi outorgada em nome da Santissima Trindade, Lamartine nes *Suspiros Poeticos* de Domingos Magalhães, Chateaubriand nos hymnos e romances dos *indianistas*, Musset nos imitadores de Alvares de Azevedo, que não queriam ou não podiam traduzir Byron, e Victor Hugo nos cantos *condoreiros* de Tobias Barretto e Castro Alves.

Goethe, com a intuição do genio, costumava dizer: « Chamo classico o que é são, e romantico o que é doentio; os *Nibelungen* são classicos, como os poemas de Homero, porque são obras fortes e sãs. Os trabalhos de muitos modernos não são romanticos senão porque são fracos e doentios. »

O que o auctor do *Fausto* dizia na Allemanha póde applicar-se ao Brazil, e então ha motivo para julgar-se que não era sem razão que Duvergier de Haurane affirmava que o romantismo não é um ridiculo, mas uma doença.

Pelo menos o campo da *romantica* brasileira assemelha-se a um vasto cemiterio: Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Macedo Junior, Casimiro de Abreu, Franco de Sá, todos morrem na idade alegre dos vinte annos.

Uma critica piegas costuma fazer desta molestia assumpto de plangentes lamentações sobre o destino funereo que pesa sobre a cabeça dos poetas brasileiros; mas a aceitar a lei dos *homochronismos*, de que falla Boisjoslin, o que a pieguice julga uma fatalidade nacional, não passa de uma necessidade historica (1).

Na Allemanha deram-se as mesmas perdas prematuras :

Hœlderlin, discipulo de Hegel, souhador pantheista, cerebração possante e indomita, coração expansivo e ancioso, lucta contra a duvida, superexcita os centros nervosos e acaba louco.

Sonnenberg, ousado, phantasista, leva o amor do vago e do indefinido a ponto de suicidar-se.

(1) Boisjoslin affirma que os mesmos symptomas produzem-se nas sociedades que, seguindo a mesma filiação historica, realisam as mesmas obras.

Novalis entisica logo depois de ter escripto alguns esboços com faiscações de genio.

Shulze morre victima da mesma molestia, deixando a *Rosa Encantada*, episodio de uma ternura intima e penetrante.

Da pleiada dos romanticos brasileiros o unico que escapou são e possante do encanto da morte foi Tobias Barretto.

Victoriano Palhares, um dos nossos mais distinctos poetas, está com uma molestia que dia a dia vae-lhe roubando os movimentos dos musculos e das cellulas cerebraes.

Depois da reacção *hugoana* contra os *sentimentalistas*, a corrente litteraria no Brazil bifurcou-se no *naturalismo* e no *critico-scientificismo*.

O *naturalismo* comprehende :

1.º Os *realistas* com a sua comprehensão erronea das causas exteriores de nossas sensações, com a sua intuição falsa da natureza. O mundo exterior não existe, tal como o vemos, senão em nós que o transformamos atravez da nossa organisação. E' a nossa organisação que faz vermos a natureza com as fórmãs e as côres que lhe attribuímos ; os progressos da optica e da acustica

autorisa-nos a crer que não vemos as cousas como ellas *realmente* são, mas sómente como pódem existir em nosso cerebro.

2.º Os *impressionistas* com a sua concepção exacta do mundo exterior; mas reduzindo todo o dominio da arte a um subjectivismo sensitivo.

O *critico-scientificismo* abrange :

1.º Os *criticistas*, de que temos uma unica producção — *Os Cantos do Fim do Seculo*.

2.º Os *scientificistas*, guiados pelo cantor das *Visões de Hoje*.

Mas o proprio Silvio Romero já está desilludido da sua formula. Actualmente quer a poesia « sem cathecismos rhetoricos, sem as pequenas receitas, que os pretensos reformadores nos tem querido impingir; mas uma poesia em que se vassem todas as luctas, todas as perplexidades, todas as effusões, todos os desalentos, todas as esperanças, todas as certezas, todas as duvidas, todas as mutacões, em summa, da alma moderna. »

O grupo dos *scientificistas* perdura, e conta no auctor das *Visões de Hoje* um valente defensor, um corajoso propagandista.

Infelizmente, a scisão começa a fazer-se no seio dos *scientificistas*, pendendo uns para

Sully-Prudhomme, e outros para M^{me} Ackerman.

Além dos quatro grupos apontados ha mais os *satanicos* e os *parnasianos*.

Os discipulos de Baudelaire, Leopardi, Carducci não possuem a expressão plastica dos *parnasianos*; lêm Schopenhauer, Hartmann, Zoellner, Duhring; vivem descontentes da vida, revoltados contra a sociedade, estão convencidos da inutilidade da sciencia; têm o gosto satanico do nada, quando não pódem satisfazer os seus desejos; almas de crystal com scintillações de estrellas, são, entretanto, imprestaveis para a resistencia, impotentes para a lueta. Uma só cousa não as conduz todos ao suicidio ou á loucura — é a esperança do *nirvana*, este desejado estado de insensibilidade universal, em que não conhecem-se doenças, nem privações, nem desejos, nem aspirações.

Os *parnasianos* calmos, serenos, sem luctas ou paixões, não vivem como os *satanicos* desesperados da sorte: amam a natureza, com todos os seus esplendores, gozam a vida com todos os seus prazeres, os seus versos, impeccaveis na fórma, cheios de musica, agradam mais aos olhos e aos ouvidos

do que ao coração. Para os *parnasianos* o ideal na arte é o luxo do feitiço, especie de janotismo litterario, em que o valor do producto não recompensa o trabalho e o tempo perdido.

Das asperezas e brutalidades *richepinianas* ainda nenhum dos nossos poetas lembrou-se de fazer-se adepto ou discipulo.

Os Richepins brazileiros, ousados, petulantes, insolentes, malcreados, não rimam; fazem politica, quebram urnas eleitoraes ou escrevem artigos de fundo para orgãos de partido.

O que exprimem, porém, todos estes *systemas*, todas estas formulas senão, como já foi dito por alguém, preocupações, interesses extranhos á arte transformando a esthesia em uma questão de *pose*?

O que levou Martins Junior a proclamar o *scientificismo* poetico como um novo dogma litterario foi o *systema philosophico* a que filiou-se.

O auctor das *Visões de Hoje* está convencido de que o *estado positivo*, a que chegou o espirito humano, despio a natureza de todas as ficções theologicas e metaphysicas, e entende que a poesia não é mais possivel

senão sob a condição de acompanhar a *lei da evolução*, de tornar-se *scientifica*, de *positivar-se*.

Mas quando mesmo a *lei dos tres estados* já não tivesse contra si uma grande quantidade de factos ultimamente observados, quando não estivesse em pleno desaccordo com as vistas novas dos sabios, ainda assim seria erro pretender submeter as creações da arte a qualquer um *systema philosophico*, adaptação impossivel, que não tem servido senão para entravar o desenvolvimento da esthesia.

O que tem ganho a arte com todas estas theorias litterarias vagas, indecisas, fluctuantes, filhas de *systemas philosophicos* diferentes, senão viverem os artistas n'uma *lucta esteril* de protestos e reacções ?

Como uma manifestação esthetica, a poesia deve ter, sobretudo, espontaneidade; é esta a sua primeira qualidade.

O gosto do pensamento exacto, o rigor dos *methodos scientificos*, a exactidão dos processos logicos, cousas estas que dominam na litteratura moderna, não auctorisam a affirmação de uma formula, na qual esperamos vêr a ultima crise revolucionaria na *philogenese* da poesia.

A poesia não tem que ser socialista, religiosa, philosophica ou scientifica: basta que seja bella, ainda mesmo occupando-se com philosophia, historia, politica ou religião, porque, além de um bello physico, existe um bello moral e intellectual, um bello na historia, na politica, na philosophia.

Martins Junior tem o talento muito raro da intuição do bello intellectual e moral, e tanto basta para que as *Visões de Hoje* agradem mesmo áquelles que protestam contra a *Poesia Scientifica*.

CAPITULO III

A POESIA SCIENTIFICA

Estudo de *philogenese* litteraria, publicado
na *Folha do Norte*, a proposito da *Poesia
Scientifica*, de Martins Junior.



Assim como no gigantesco poema dos *Nibelungen* todos os guerreiros que pretendem a mão de Brunhilt, a rainha dos paizes frios do Norte, que tinha protestado não casar-se senão com aquelle cavalheiro que a vencesse em tres combates successivos, são todos vencidos pagando com a morte a sua audacia; do mesmo modo no seculo XVIII todos os poetas, que pretenderam ter chegado a occasião de effectuar o connubio da sciencia com o genio que tivesse bastante dextreza para domal-a em brilhante torneio metrico, são todos mal succedidos, desculpando-se com dizer que a sciencia ainda estava muito nova e que por emquanto não convinha pensar n'essa união.

Foi assim que Chenedollé explicou a queda do *Homem de Genio*.

Hoje, porém, que aos vastos dominios da sciencia a civilisação vae buscar os seus mais bellos fructos, reapparecem os pretendentes, esquecendo-se, entretanto, todos elles que a sciencia já formou, com o éstro poetico, um amoroso par.

Que o digam Xenophano, Parmenides, Empidocles, Horacio, Virgilio e Ovidio.

Todos foram testemunhas da união da sciencia com o verso, e todos attestaram que, chegando a um certo estado de maturidade, o amoroso par divorciou-se, e a sciencia passou a ter economia separada.

O unico que parece protestar contra o divorcio da sciencia e do verso, é o celebre Tito Lucrecio Caro, com o seu *De Natura Rerum*, monumento imperecivel da união que já existio entre a sciencia e o genio poetico.

Mas a sensação de prazer, que dá o mais perfeito dos poemas latinos, é menos effeito da alliança possivel entre a sciencia e o verso do que dessa especie de poesia abstracta que domina todo o *De Natura Rerum*, dessas arrojadas hypotheses, que ainda hoje ultrapassam o alcance de todos os methodos scientificos, de todos os processos logicos.

A proposito, diz Guyau que ha um mysterio

que a sciencia não póde destruir e que servirá sempre de thema á poesia : — é o mysterio methaphysico.

Além disto, se considera-se o *De Natura Rerum* como o mais completo dos poemas latinos, é sobre a relação ethnica e historica, por ser o poema que melhor exprime o espirito do povo romano. Mas sob o ponto de vista esthetico e não simplesmente épico, a *Eneida* é-lhe superior.

Não é difficil na antiguidade grega mostrar a sciencia identificada com o verso nas *Obras e Dias* de Hesiodo, e no poema sobre a esphera celeste de Aratus, que metrificou o tratado de Astronomia de Eudoxio.

As obras de Hesiodo e de Aratus, porém, são mais tratados didacticos do que verdadeiros poemas; em nenhuma d'ellas encontra-se este sopro quente e perfumado que dá em alto gráo o sentimento do bello, em sua triplice manifestação physica, moral e intellectual, esta corrente de sentimentos que anima as obras verdadeiramente poeticas, como o *Ramayana*, a *Illiada*, a *Odyssea*, os *Nibelungen*.

Foi com o desenvolvimento das sciencias physicas e naturaes no seculo XVIII que

alguns espiritos superficiaes, acreditando que o cerebro humano havia tocado ao estado definitivo da sciencia, affirmaram ingenuamente que a poesia não era mais possivel senão sob a condição de tornar-se scientifica, o que envolve um duplo erro relativamente a desenvolução espiritual da humanidade e á propria natureza da poesia.

O espirito humano tem oscillado constantemente entre a espontaneidade e a reflexão, entre a hypothese e o facto verificado pelos mais rigorosos processos logicos, entre a sciencia com os seus variados processos de observação e de experimentação e a metaphysica com todas as suas hypotheses cosmogonicas e theologicas.

Em todos os tempos tem havido espiritos visionarios e espiritos scientificos : os primeiros mais ou menos poetas, os segundos mais ou menos sabios ; uns olhando constantemente para o ceu, como Platão, outros apontando sempre para a terra, como Aristoteles.

Pensamos com Sainte-Beuve que, chegando a uma certa idade, a um certo gráo de complicação, a sciencia escapa ao poeta ; que o estylo dos Laplace, dos Cuvier, dos Humboldt

é o unico que convem á exposição de um judicioso systema. (1)

E' isto mesmo : a linguagem do verso não presta-se a exprimir as relações abstractas dos phenomenos ; a sciencia tem a sua linguagem apropriada, que é a formula exacta, rigorosa, mathematica.

Mas do embate das theorias modernas não surgirá uma poesia nova ? O actual movimento scientifico, lançando os mais vivos clarões sobre a historia do ceu, da terra e da humanidade, não inspirará um grande poema scientifico ?

Primeiramente, convem notar que o que vibra a organisação do poeta é menos a sciencia em si do que os seus resultados. Não são, tanto as descobertas scientificas como os melhoramentos que ellas trazem nas condições da vida social, que enchem de entusiasmo a alma do poeta.

Em segundo logar, a emoção produzida pela sciencia, os tormentos ou alegrias do sabio deante da duvida ou certeza scientifica, serão sempre menos vivos e duradouros do que, por

(1) Chateaubriand e seu grupo litterario sob o Imperio,

exemplo, as impressões agradáveis ou dolorosas do poeta geradas por uns bellos olhos. Emquanto a emoção poetica deve ser profunda e duradoura, a alegria da descoberta, affirma Claudio Bernard, é curta e passageira.

Além disso, a dôr ou alegria produzida pelo drama intimo da vida intellectual é de uma natureza tão especial que não é dado sentil-a senão a um pequeno numero de naturezas artisticas.

Mas quando mesmo d'entre todos os sentimentos o do verdadeiro não fosse o que dá em menor escala o prazer do bello ; quando mesmo uma descoberta scientifica não causasse sempre menos emoção do que uma grande acção humana ou um sublime espectáculo da natureza, ainda assim o enthusiasmo que inflamma um sabio por occasião de uma descoberta, não justifica a pretensão de uma poesia scientifica, da mesma maneira que a admiração produzida por uma bella acção não desculparia uma poesia exclusivamente moralistica, do mesmo modo que o prazer que sentimos deante de uma bonita paisagem não é razão para uma poesia unicamente descriptiva.

Além do sentimento do bello intellectual, possuímos ainda o do bello moral e real, e nenhuma razão ha para negar que cada um delles possa tornar-se objecto de poesia sempre que reunir as condições necessarias para isto, sempre que fôr tão intenso e despertar imagens tão vivas que por sua expressão possa produzir nos extranhos a mesma emoção que no auctor.

Toda a vacillação neste thema desaparecerá desde que indicarem-se os elementos essenciaes da poesia e mostrar-se o logar que ella occupa actualmente na litteratura.

Consideramos como elementos condicionaes da poesia o sentimento, a imaginação e a expressão.

Destas tres condições a mais desenvolvida actualmente é a expressão. Todos os poetas modernos sabem fazer o seu officio, todos elles conhecem os segredos da palavra, de maneira que a arte parece sobrepujar a inspiração.

A preponderancia de algum destes elementos explica a existencia de tantos poetas incompletos, decorados, entretanto, com pomposos nomes, segundo a rhetorica da epocha.

Nos *satanicos* predomina o sentimento e, mais ainda, o sentimento do mal estar. A sua esthetica é uma especie de metaphysica do soffrimento.

Nos *parnasianos* ha muita imaginação ; sabem pintar bellissimos quadros ; mas o sentimento não vindo animar os bem cadenciados metros e as artificiosas rimas, os seus versos produzem o mesmo effeito que um *bouquet* de flôres artificiaes.

O que caracteriza os *scientificistas*, é simplesmente um certo diletantismo dos methodos scientificos ; e dizemos diletantismo, porque a sciencia por occupação despoetisa o homem.

Na Europa trata-se hoje de adoptar nas academias de medicina o ensino da litteratura por sahirem completamente *despoetizados* os que as frequentam.

Não se póde negar que são organizações inteiramente differentes a dos sabios e a dos artistas : o sabio é uma natureza calma, serena, a quem pouco importam as tristezas ou as alegrias do mundo, por viver convencido que não está no poder de ninguem que as cousas sejam de outro modo ; ao passo que o artista é uma natureza irrequieta, oscillante

entre o prazer e a alegria, protestando constantemente contra o determinismo das leis naturaes. Os primeiros são cabeças brilhantes a alargar os horizontes do mundo, os segundos são corações de ouro em torno dos quaes desenvolvem-se os sentimentos da humanidade.

Sem duvida tem havido naturezas geniaes, que concentram em si todo o patrimonio intellectual e emocional de uma epocha.

Um poema é sempre uma crystallisação de todos os conhecimentos e sentimentos do tempo de seu auctor.

Admittindo a existencia de um Homero, vê-se que elle é ao mesmo tempo astronomo, geographo, politico, medico, philosopho, guerreiro ; por elle sabe-se o que os gregos pensavam sobre a esphera celeste, sobre a figura da terra, qual a sua tactica e estrategia, quaes os seus usos, costumes, divertimentos, em uma palavra, toda a civilisação grega.

Da mesma sorte Lucrecio : o *De natura Rerum* é um espelho de todas as luctas, de todas as paixões, de todas as doenças moraes que affligiam a alma do povo romano.

Como a *Divina Comedia* seria facil reconstruir toda a idade média.

Mas estes gigantes do pensamento, que outr'ora falavam a linguagem das Musas (o que fez Aristoteles dizer que a poesia é mais philosophica e mais seriamente verdadeira do que a historia) escrevem hoje em prosa. No campo das idéas apparecem sobraçando o *Cosmos*, a *Historia Natural da Creação* ou a *Variação das Especies*; no terreno dos sentimentos apresentam-se com *Eugénie Grandet*, *Mme Bovary* ou *Guerra e Paz*.

Em prosa escrevem-se hoje as grandes syntheses intellectuaes emocionaes da humanidade.

Não queremos certamente banir do terreno da arte o bello moral e intellectual; entendemos que, além de um bello produzido pela natureza physica, existe um bello cujo sentimento nos é dado pela sciencia, pela philosophia, pela historia e até pela politica.

Mas não se restrinja o terreno da poesia ao bello intellectual, como fazem os *scientificistas* em nome das idéas e sentimentos modernos.

Assim, a poesia não tem que ser socialista, scientifica, philosophica ou moral; basta que

seja bella, vá procurar o bello nas epochas prehistoricas, em que os nossos antepassados luctavam desesperadamente contra a natureza inteira, ou nessas grandes cidades que ostentam aos olhos do mundo civilizado todos os esplendores da sciencia e da industria.

Tambem a poesia não tem que cantar unicamente sentimentos modernos. O genio na arte consiste em exprimir n'um symbolo immortal de fórmãs, de côres ou de sons, sentimentos que serão, por assim dizer, de todos os tempos e logares.

Banido do dominio da sciencia, o verso tambem o foi do terreno da philosophia, da historia e da politica.

Relativamente á philosophia, emquanto todas as antigas cosmogonias e theogonias foram escriptas em verso, os modernos systemas philosophicos são architectados em prosa.

Na politica, antes de Demosthenes fulminar seus adversarios em prosa, já Archilochio, o inventor do iambo, forçava seus inimigos ao suicidio com as suas satyras.

Menippo servio de transição entre a politica em prosa e a feita em verso. As *menip-*

peas, metade em prosa, metade em verso, são a marca exterior desta transição.

Houve um tempo em que Athenas fez politica em verso e em que mais de uma vez os abusos do côro foram postos em discussão. O poder publico teve necessidade de promulgar leis restrictivas contra a liberdade do verso, como os governos modernos as publicam contra os abusos da liberdade de imprensa.

Nas tragedias e comedias gregas o côro representava o mesmo papel que a imprensa de hoje : era um órgão social, que tinha por função a censura do fanatismo, da superstição, dos maus costumes e, sobretudo, dos abusos do poder publico.

A prosa na politica, como em todas as produções do espirito humano, marca já um grande adeantamento no desenvolvimento dos conhecimentos.

Com Pericles, o advogado de Aspasia, começa uma Grecia nova, a Grecia da prosa, em que a philosophia, a historia, a politica e a sciencia sacodem o jugo do verso e alteam tanto mais o seu vôo quanto mais correcta é a prosa.

A descoberta do papyrus matou o verso e

operou uma grande revolução social, dando origem á prosa, cuja razão de ser ainda mais se accentuou com a invenção da imprensa, que tornou facil e prompta a transmissão do pensamento, do qual a conservação era nos tempos antigos confiada ao rythmo, o amigo da memoria, no dizer de George Perrot.

Para provar que a prosa tende a substituir o verso em todas as manifestações do espirito, basta lembrar que na epocha em que dominava o gosto das pastoraes, então escriptas em verso, Sannazar publicou a *Arcadia*, mistura de prosa e poesia, que foi muito applaudida e que obteve um tão grande successo que levou-o a escrever a sua *Daphnis e Chloé* toda em prosa.

Banido de todos os dominios do pensamento, da philosophia, da historia, da sciencia e da politica, o verso refugiou-se no pequeno terreno da poesia ligeira, tomando a fórma do soneto, para exprimir sentimentos finos e delicados, mas tão fugitivos e ephemeros como o olhar rapido ou a lagrima espiritualisada que os inspirou.

Não conclua-se do que fica escripto que somos infenso á educação litteraria; pelo contrario, julgamol-a indispensavel ao lado

da educação scientifica. O homem, além de intelligencia, é sobretudo imaginação e sensibilidade, e ao lado do saber deve estar a esthesia, além da sciencia vae o ideal.

A vidente moderna, porém, não é mais uma musa armada de harpa eolia. O que outr'ora preocupava os poetas—o mysterio profundo das paixões—os romancistas modernos esforçam-se por exprimir em prosa.

O proprio amor, esta flôr do coração, perdeu muito do seu antigo perfume com o desenvolvimento da civilização, e tornou-se hoje extraordinariamente hypocrita, jesuitico, para poder continuar a ser o mais doce e precioso licor das Musas.

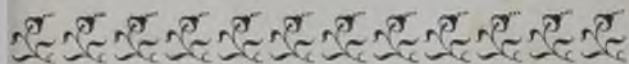
O verso perdeu toda a sua antiga funcção social, é hoje um mero objecto de luxo, cujo unico valor é o trabalho artistico.

Servindo-nos de umas expressões de Martha, concluimos dizendo : o verso é hoje como esses vasos do Oriente que figuram sobre nossas chaminés e etagères, e cujo unico destino é nada conter.

CAPITULO IV

MENORES E LOUCOS

Estudo critico de psychologia criminal, publicado na *Folha do Norte*, a proposito dos *Menores e Loucos* de Tobias Barretto.



Menores e Loucos é o titulo do ultimo livro de Tobias Barretto, um bello volume de perto de duzentas páginas, fecundas e deliciosas como as dos *Estudos Allemães* e dos *Ensaios de Philosophia e Critica*.

Uma só observação tenho a fazer sobre o titulo do novo trabalho que, como todos os mais de Tobias Barretto, é um verdadeiro acontecimento: o *chef—d'œuvre* chamar-se-ia melhor—*Menores, Mulheres e Loucos*—, não porque o auctor faça da filha de Eva o mesmo conceito que o de um espirito que não acha-se na posse da consciencia do direito e do dever; mas unicamente pelo motivo de serem as mais vivas e perfumadas aquellas paginas que se occupam da *psychologia feminina*, e principalmente da *psychologia criminal* da mulher brasileira.

Não como um embriagado do amor, um poeta *embevecido*, « posto que em matéria de encantos femininos, ainda não tenha motivos para julgar-se uma especie de *tenor emerito* », mas apenas como um artista delicado, que sabe *accommodar* o seu estylo ao *assumpto*, Tobias Barretto, apezar de reconhecer que não temos ainda aquillo a que poderia dar-se o nome de *gyneco-psychologia*, e ainda menos o que poderia designar-se *partheno-psychologia*, comtudo entende que o « pouco, muito pouco mesmo, que nos é dado conhecer das riquezas e maravilhas deste paiz encantado, inexploravel, que se chama a vida espiritual, a *subjectividade* feminina, auctorisa-nos a induzir que alli as flôres abrem cantando, as aves brilham como estrellas, e as estrellas deixam-se colher como flôres. »

Nem diga-se que não vou com a galanteria, quando colloco a mais elevada das perfeições organicas, a correcta filha de Eva, entre os loucos e os menores... Pois não é *ella*, com as suas graças e encantos, que faz dos mais fortes e pacatos filhos de Adão, ora loucos, ora meninos ?

Isto não é um simples galanteio de minha parte, mas uma verdade, que julgo existir

mesmo na consciencia das naturezas menos masculas.

Como introduccão vem na excellente monographia juridico-penal publicada uma parte da prova, que o auctor escreveu quando apresentou-se concorrente ao logar de lente substituto da Faculdade de Direito desta Provincia.

O facto é bem significativo : dar como introduccão a um livro parte de um trabalho de momento, feito em duas ou tres horas, sem auxilio de especie alguma, uma sorte de improvisado, é cousa bem suggestiva e digna de ser imitada, sobretudo depois que os pobres de espiritos que têm occupado a pasta do Imperio d'este *maravilhoso* paiz, descobriram o novo expediente de annullar concursos sob o pretexto de insufficiencia de provas.

A questão proposta pela Faculdade era si « conformava-se com os principios da sciencia social a doutrina dos direitos naturaes e originarios do homem. »

A pergunta da Faculdade dava, pois, como assentada a existencia de uma sciencia social, com a qual tratava-se de saber si estava

ou não de accordo a theoria dos direitos naturaes e originarios do homem.

Como se vê, era uma questão para atormentar um espirito menos perspicaz, menos penetrante; mas apesar do curto espaço de tempo de que dispunha, Tobias Barretto sahio-se perfeitamente bem, dissertou brilhantemente sobre o assumpto dado.

Começou elucidando aquillo que elle chamou, com toda a propriedade de expressão, uma « *questão preliminar* »—saber si a sciencia social já tem principios, leis, por meio das quaes se possa deduzir a existencia ou não existencia de direitos naturaes.

Para o concorrente « a sciencia social ainda-se acha, por assim dizer, no estado embryonario; si a sociedade tem a sua mechanica, esta ainda não encontrou o seu Kepler. »

Eu falei propositalmente no concorrente, porque hoje o professor nega abertamente a possibilidade de uma *sociologia*, como sciencia comprehensiva de todos os phenomenos da ordem social.

Buckle, na *Historia da Civilisação na Inglaterra* (1), attribuia a falta de uma sciencia

(1) Substitui o que foi publicado na *Folha do Norte*

da actividade humana ou *Poliologia* á inferioridade intellectual d'aquelles que tem-se occupado com o estudo dos phenomenos sociaes. No conceito do illustre escriptor, os mais celebres historiadores são evidentemente inferiores em talento aos mais notaveis exploradores das sciencias physicas.

Nenhum d'elles vale um Kepler, um Newton, ou outro qualquer sabio, que poderia ser facilmente citado.

Baseado na clasificação das sciencias, de Augusto Comte, Littré acha pueril a observação de Buckle por não poder comprehender como poderia constituir-se uma sciencia social antes da constituição das sciencias inferiores, sobre as quaes ella devia necessariamente assentar.

Para Littré a inferioridade dos historiadores em face de sabios como Kepler, Newton, Galileo, Darwin, Hæckel, é apenas um effeito resultante do principio que rege o desenvolvimento historico e hierarchico das sciencias.

pelo que mais tarde escrevi e offereci a um amigo, que levou a sua delicadeza ao ponto de dar publicidade ao que penso sobre a sciencia social.

Com effeito, não póde negar-se que a antiguidade grego-latina conta nomes de historidores como Herodoto, Tito-Livio, Suetonio, e Tacito, nomes illustres como não encontram-se entre os mais notaveis investigadores da natureza.

Em outra qualquer causa, pois, que não sómente a deficiencia de força mental está a explicação da inferioridade da sociologia em relação ás sciencias naturaes.

Esta causa parece estar, sobretudo, na grande variedade, complexidade e multiplicidade dos phenomenos sociaes, e é baseando-se em tal motivo que Tobias Barretto affirma hoje, si não a impossibilidade, ao menos a temeridade de uma empreza como a constituição de uma *Poliologia scientifica*.

Ahi estão, com effeito, livros notaveis, como a *Historia da Civilisação na Inglaterra*, de Buckle, as *Leis scientificas do Desenvolvimento das Nações*, de Bagehot, os *Estudos sobre a Selecção em suas Relações com a Hereditariedade no Homem*, de Jacoby, e qual o caracter verdadeiramente scientifico de taes livros? Nada mais do que notas interessantes, observações curiosas em torno de hypotheses despidas de toda prova ou

de formulas estreitas e acanhadas, que não comprehendem senão uma face dos phenomenos sociaes.

« Nada mais rebelde á systematisação scientifica, diz Levy-Bruhl, do que a actividade humana. O mais simples phenomeno suppõe uma multidão quasi infinita de condições, cada uma das quaes perde-se por sua vez n'um tecido inextricavel de causas. »

Para conhecer as leis que regem os actos dos individuos, seria preciso conhecer-lhes a fundo o character, bem como todas as circumstancias que concorreram para sua formação, taes como solo, clima, raça, momento historico, educação e uma variedade infinita de circumstancias, cujo completo conhecimento escapa a toda a intelligencia humana.

Da mesma sorte para descobrir as leis que regem o actos de um grupo humano, seria preciso conhecer todas as circumstancias que formam o character de cada um de seus membros, bem como todos os factos sociaes, todos os acontecimentos historicos, que nascem das relações dos homens entre si.

Simplificando mesmo as hypotheses, como faz Spencer na *Introdução á Sciencia Social*, e pondo a questão nos termos em que a

colloca, a constituição de uma *Poliologia scientifica* é uma difficuldade invencivel.

Todos os factos sociaes pôdem provir sómente das relações dos homens entre si, estas relações pôdem ser determinadas sómente pela natureza individual de cada um dos homens, sem que, entretanto, possa abordar-se o principio fundamental que rege o desenvolvimento da humanidade, e as leis particulares que presidem á formação e desenvolvimento das diversas sociedades.

Tal é a razão em que esteia-se hoje Tobias Barretto para negar a possibilidade da constituição de uma sociologia, além de outros fundamentos. Notarei entre elles a propria organização do *sociologista*. O *sociologista* traz em si mesmo a impossibilidade da constituição de uma *Poliologia*, com as suas idéas preconcebidas, com os seus interesses poderosos, com as suas opiniões inveteradas.

« As prevenções não vêm quasi nunca, affirma o citado Levy-Bruhl, adulterar o discernimento do chimico ou do physico : conserva-se bastante sangue frio na observação da quéda dos corpos ou das combinações dos gazes, mas desde que trata-se de phenomenos sociaes, desde que toca-se na politica, mes-

mo retrospectiva, mesmo puramente historica, a paixão se intromette e nada mais raro, nada mais impossivel de achar-se do que uma seria e sã razão. »

O proprio Buckle serve de exemplo, quando pretende explicar as differentes fórmas de civilisações com as suas diversas instituições politicas, sociaes et religiosas, pela influencia exclusiva dos differentes climas, sob que se desenvolvem, e especialmente com relação á civilisação brazileira, o nosso *inveterado barbarismo* pela influencia dos *ventos alizios*, das *chuvas torrenciaes* e dos *miasmas mortiferos*.

Spencer, que chegou a traçar os lineamentos da disciplina mental e emocional, em que deve achar-se o *poliologista*, dá o exemplo desesperador de que nenhum homem póde collocar-se em um ponto bastante elevado, acima de todos os prejuizos e paixões, com uma *pantosophia* superior a todas as forças da intelligencia humana, para conseguir observar todos os phenomenos, sociaes, apreciar-os imparcialmente, e depois descobrir o principio fundamental que rege o desenvolvimento da humanidade, e as leis particulares que presidem á formação das diversas sociedades.

A lei dos tres estados, a espinha dorsal do positivismo, como alguém a chama, além de ser reconhecida, por alguns discipulos de Comte — Roberty e Wirouboff — como uma lei puramente empirica e tão esteril como a falada divisão da estatica e dinamica, não passa de uma applicação ao desenvolvimento da sociedade d'aquillo que para a *escola positivista* constitue a theoria do conhecimento humano, como si o desenvolvimento da sociedade fosse sómente intellectual e não também emocional, ou pelo menos, como si houvesse *homochronismo* entre a evolução mental, sentimental e volicional, o que não é exacto.

O proprio G. Le Bon, que admite a possibilidade, ou melhor, a existencia de uma sciencia das sociedades, diz que é facil affirmar, por exemplo, que os povos em suas concepções passam por uma fórma theologica, outra methaphysica e outra positiva; mas que isto simplesmente vem a significar que, avançando no estudo das cousas, o homem conhece cada vez melhor suas causas.

Ainda não é tudo: as sciencias estudam os principios, as uniformidades das relações das cousas. A noção elementar de lei é a de

uma uniformidade, que regula as relações de coexistencia ou successão dos phenomenos. Mas se é da essencia de toda a relação muda—quando um de seus termos muda, segue-se que si o homem não é sempre, e por toda a parte, identico a si mesmo, si varia com os tempos, as raças, as idades e todas as mais circumstancias multiplas e variadissimas que influem na genese das idéas e sentimentos humanos, as relações sociaes variam sob todas aquellas influencias, e, como essencialmente variaveis, escapam a toda uniformidade, a toda lei, pelo menos a toda lei applicavel a qualquer sociedade, abstracção feita do tempo e do espaço.

Mas o citado G. Le Bon confessa francamente que os factos que determinam a evolução dos diversos povos, variando de povo a povo, não é senão estudando cada povo separadamente, que póde-se chegar a conceber como elles se transformaram.

Entretanto, o que diz G. Le Bon e acaba de fazer em seu ultimo trabalho sobre a *Civilização dos Arabes*, não é a *sociologia*, tal como a concebeu Augusto Comte :—uma sciencia abstracta com a sua concreta correspondente—a historia.

Si o desenvolvimento das sociedades está sujeito a leis naturaes, como explicar-se o caso de poder uma hypothese tão contraria aos factos, como o *Contracto social* de Rousseau, ter exercido uma tão grande influencia contra o methodo experimental-social, conhecido desde Aristoteles e combatido até então sómente por Hobbes e Locke ?

Qualquer que seja o valor philosophico do *Contracto social*, o certo é que elle fez recuar a theoria que considera o desenvolvimento das sociedades como um producto de leis naturaes, trazendo além disto consequencias praticas consideraveis. Ainda hoje, todas as constituições politicas dos povos da civilização occidental são baseadas sobre aquella ficção, desmentida por todas as sciencias, pela paleontologia, pela archeologia, pela biologia e até pela propria psychologia.

Este facto historico não está a demonstrar que a civilização de um povo é mais criação da arte humana do que producto de leis naturaes ?

Mas, como obra de arte, a civilização é criação dos genios, e como os genios são essencialmente personalissimos, e a determinação das condições necessarias ao seu

apparecimento nas sociedades escapa a todo o saber humano, segue-se que a constituição de uma sociologia é, como já disse Tobias Barretto, uma aspiração tão nobre quão pouco realisavel.

Portanto, emquanto nascerem genios, e as condições necessarias do seu apparecimento não forem determinadas, a historia das sociedades escaparà a toda a lei, a toda a previsão possivel.

Passando a occupar-se da segunda parte da questão, o auctor manifesta-se contra a doutrina dos direitos naturaes e originarios.

Esta theoria pertence a uma epocha em que admittia-se uma existencia substancial do *justo*, anterior e superior á sociedade, da mesma maneira que uma substancialidade do *bello* fóra das cousas concretas.

O direito era concebido como um principio absoluto, universal, eterno, gravado pela mão da natureza no coração do homem, e não como um producto do transformismo social, como uma conquista do aperfeiçoamento do *systhema nervoso*, como uma resultante da perfectibilidade das raças.

Filho da civilisação, o direito não existia

na epocha em que nossos antepassados viam nós, em cavernas escuras, lutando contra as grandes especies felinas e vivendo do producto da caça e da pesca.

Como uma *creação historica*, como *experiencia capitalisada*, como um producto da acção collectiva, como um resultado do desenvolvimento do espirito humano, o direito nada tem de absoluto : varia com os tempos, com os logares, com as raças e com todas as mais circumstancias, que fazem que cada povo tenha a sua historia de uma feição particular, que não se confunde com a de nenhum outro povo.

O direito de um primitivo, que faz da mulher uma escrava e come-a em tempo de fome, não é o de um civilisado, que divinisa a mulher e faz do amor um culto ; o direito da selvagem brasileira devorando com os da sua tribu o filho, que teve do prisioneiro de guerra, é bem diverso do direito dessa inglaterra que, ao lér o canto do sacrificio de Isaac, exclamou :—Deus não era capaz de dar tal ordem a uma mãe !

O direito varia de povo a povo : assim como não encontram-se dous individuos que tenham a mesma feição, tambem não exis-

tem dous povos que tenham as mesmas instituições juridicas.

Portanto, o traço caracteristico do direito é a *relatividade*.

Mas para chegar a este resultado, Tobias Barretto não teve necessidade de recorrer á sciencia social : bastou-lhe abrir a historia.

O direito natural moderno, creação do seculo XVII, nada tem de parecido com o *jus naturale* dos Romanos, creado para adoçar o rigor do direito civil com os estrangeiros, emquanto que aquelle é filho das pretensões da Hollanda ao commercio exclusivo das Indias.

O direito nasceu com o Estado, e tem-se desenvolvido á proporção que os governos, em lucta constante com uma infinidade de circumstancias, vão garantindo aos individuos as mesmas condições de igualdade, ainda que artificialmente.

Mas entre seres natural ou artificialmente desiguaes, o direito é uma chimera. E' por isso que entre povos vizinhos, desiguaes em força militar, o *direito internacional*, apesar de todos os appellos á razão, de todas as declamações dos philanthropos, ainda não passou de uma aspiração.

Entre as nações, emquanto não houver um principio que as torne, pelo menos *artificialmente, iguaes*, o direito continuará a ser a *força*, bitolada pela bocca dos canhões.

Já é tempo de occupar-me com o objecto do livro, uma magnifica e lucida analyse do art. 10 do nosso Codigo Criminal

O Codigo Criminal Brasileiro tambem faz philosophia, tambem tem a sua psychologia, embora seja uma philosophia anachronica e uma *psychologia de pobre*.

Philosophando, o legislador brasileiro considera o homem isoladamente, sem attender ao meio social; toma em consideração sómente a consciencia individual com manifesto desprezo dos interesses sociaes; estuda o crime unicamente sob o ponto de vista do individuo, que pratica-o, sem dar conta do acto em si e de sua influencia sobre a sociedade.

Fazendo psychologia, si poz de lado o conceito da *liberdade*, aprecia o crime sob um criterio não menos illusorio—a *consciencia*, dando como uno o que é multiplo, como causa o que é effeito.

Como uma *creação historica*, a consciencia varia não sómente com as sociedades mas até com os individuos. A consciencia negra

do malvado, que mata para saciar a sua sede de sangue, não é a consciencia crystallina do homem de bem, que suicida-se para não sobreviver á sua deshonra.

Como resultante dos dous elementos — antepassados e meio — a consciencia do mal é antes um concomitante do crime do que uma sua causa. A consciencia de um acto já envolve em si mesma uma tendencia a realisá-lo.

Si o nosso legislador julgou dar um grande passo desprezando por imprestavel o conceito da liberdade, cahio desastradamente apreciando a criminalidade á luz da consciencia.

Quer se aprecie á luz da consciencia, quer em face da liberdade, o certo é que em todo o caso o criminoso é julgado segundo a sua responsabilidade moral, e a responsabilidade moral diminue de dia para dia, á medida que as sciencias anatomo-pathologicas fazem novos progressos.

Que vê-se todos os dias? Os medicos legistas, que tomam parte nos grandes processos, com os seus pareceres, attribuem o crime, ora a uma impulsão imperiosa e irresistivel (carencia de liberdade), ora a uma

exaltação subita, a uma allucinação momentanea (carencia de consciencia).

Então estudam os *antecedentes* do criminoso ou o *momento* do crime, e, conforme este foi praticado *irresistivel* ou *inconscientemente*, exclamam que os juizes têm deante de si um caso de *atavismo* ou de *pathologia*; e assim verdadeiras feras humanas, almas de tigre, são conservadas no seio da sociedade para tormento, desespero e destruição das pessoas inoffensivas, uteis á communhão civil, das naturezas cheias de abnegação, que occultam muitas vezes as suas proprias lagrimas ou feridas para não entregarem um malvado ou facinora ás mãos da justiça publica.

E' indispensavel, pois, apreciar o crime sob outros principios além dos da psychologia, dar á criminalidade uma outra base que não sómente a liberdade ou a consciencia.

A base psychologica da criminalidade, tomando em consideração unicamente o individuo que praticou o crime, sem attender ao *crime em si* e sua accção sobre o meio social, respeitando a *doença* em prejuizo da perfectibilidade, é um grande entrave á evolução da sociedade.

Convem, pois, para ordem e perfectibilidade da collectividade, assentar a apreciação do crime sobre bases mais solidas e mais largas, considerando o criminoso não isoladamente, mas como um membro da communhão civil, e o crime não sómente como um caso *pathologico* ou *atavico*, mas sobretudo como uma *irregularidade* ou *monstruosidade social*, que deve ser eliminada por meio da selecção artistica, por meio da *pena*, na qual, segundo Tobias Barretto, mais tarde vêr-se-ha em nome de Darwin e de Hæckel alguma cousa de semelhante á selecção espartana ou uma especie de selecção juridica, pela qual os membros corruptos vão sendo postos á parte do organismo social commum.

Analysando o § 1 do art. 10 do Codigo Criminal, Tobias Barretto está de accordo com o legislador brasileiro na fixação de uma idade para só depois della começar a responsabilidade criminal do homem.

Apezar de excellentes razões tiradas do facto da variabilidade de consciencia nos individuos, segundo o maior ou menor desenvolvimento psychico de cada um, os inconvenientes que possam provir da fixação de

uma epocha em que comece a responsabilidade criminal, serão sempre menores do que os que proviriam do arbitrio dos juizes na delicada apreciação da imputabilidade infantil.

Penso tambem que é mil vezes preferivel deixar passar impune o crime do *homem-zinho* que aos treze annos já sabe desconcertar a cabeça da prima com bellas phrases amorosas, a vêr condemnada por um juiz malvado uma travessa criança de nove annos.

A fixação de quatorze annos, porém, é um defeito da parte do nosso Codigo. O codigo francez eleva a dezeseis a taxaço, embora sob a futil distincção dos que obraram com ou sem discernimento, distincção que, aliás, o nosso Codigo acceitou embora com mais infelicidade.

De maneira que pelo Codigo Francez o delicado, que aos quinze annos já conhece a arte da seducção com todos os seus artificios, que já sabe repellir as tentações da tia velha em proveito da faceira criada, si attentar contra o pudor ou a honra de alguma ingenua rapariga, será absolvido, podendo sómente envial-o o juiz a uma casa de correcção ou á casa de seus paes, segundo o valor

das circumstancias ; emquanto que entre nós o menor da mesma idade, que matar o seductor que lhe tirou aquella que era a sua lei suprema, o seu idéal, o coroamento do seu mundo, será reconhecido criminoso, tenha ou não obrado com discernimento.

Acostando-se assim ao direito romano, é para lastimar que o legislador brasileiro não o tivesse acceito com toda a sua esthesia processual, porque então teriamos, em pleno seculo XIX, o seculo da curiosidade, de apreciar os mais bellos phenomenos opticos : nada mais, nada menos do que formosas representantes do outro sexo passando pudicamente nús deante dos olhos attentos dos juristas.

E' possivel que o brilho dos encantos femininos deslumbrasse a vista dos pudicos discipulos de Papinianus, e assim os resultados da observação não fossem os mais desejaveis ; mas é forçoso confessar que para os que não possuem a felicidade de ter pudor de donzella, seria esta uma observação muito mais interessante do que a passagem de Venus pelo Sol para os astrônomos.

A proposito, Tobias Barretto lembra o grande combate que travar-se-ia entre me-

dicos e juristas, cada um julgando-se com mais direitos á divinal observação, e entre as causas que concorrem para a lucta pela vida, a nudez feminina seria a mais terrivel força seleccionante. Entretanto, a questão foi bem decidida por elle : aos medicos acostumados a não vêr na « *chair de la femme, argile idéale* », senão associações organicas de carbono, hydrogêneo, oxigêneo, azoto e sulphur, os filhos de Adão ; aos juristas, mais habituados aos estudos da esthesia e das manifestações artisticas, religiosas e poeticas, as filhas de Eva.

Mas, como que vejo a minha exposição cheirando a licença para alguns leitores, que não poriam duvida alguma em taxal-a de immoral, si com isto pudessem incommodar-me ; porém apesar de tudo, não posso deixar de abrir um parenthesis aos « *raros iniciados* » e occupar-me com os capitulos quarto e quinto dos *Menores e Loucos*.

Quero ao menos ter o prazer de aspirar o perfume delicado que estão a exhalar aquellas trinta paginas, como um cacho de rosas, a flôr das flôres, o symbolo da graça e da harmonia entre os vegetaes, como Eva o é no mundo espirital.

Não é que se encontre naquellas paginas vivas e animadas, como existem poucas na litteratura brazileira, o que disse J. Janin da *Arte de Amar*, de Ovidio, *le son des lyres, le bruit des baisers et le chant des oiseaux*; mas um magnifico estudo de *gyneco-psychologia*, feito não a moda Michelet, porém á Darwin, sondando não sómente a *ontogenese* como a *philogenese* da *psyché* feminina na sua *insaisissable* realidade.

O conceito da filha de Eva é aqui o de um symbolo, o de uma imagem da mais elevada perfeição organica e psychica, e o da mais poderosa força de selecção social.

A civilisação moderna é mais do que movimento, é tendencia; mais do que tendencia, é desejo; mais do que desejo, é amor; e o amor desenvolveu-se á proporção que as mulheres foram ganhando ascendente moral sobre o homem nos tempos medievaes.

O que existia entre os gregos e os Romanos era volupia e não esse sentimento terno, que um bardo cambriano exprimio pela primeira vez quando disse: a força do leão está nos dentes, a da mulher na graça.

De então por deante foi que o amor passou a ser concebido como uma força, como um

principio de selecção social, capaz de inspirar as mais illustres empezas, os mais atrevidos commettimentos.

Eu disse que entre os habitantes da antiga Helade e Italia não existia senão volupia.

Com effeito, a influencia era das hetairas e das cortezãs e não das esposas e das matronas. O que movia a sociedade era a carne rosada e avelludada das Phrynés e das Lesbias e não a alma pura das Penelopes e das Lucrecias.

Mas na idade medieval que luctas desesperadas, que tempestades subjectivas, que angustias febris, para vencer a indifferença dos duros, pesados e grosseiros companheiros de Carlos Magno, antes que apparecessem os typos cavalheirescos de Merlin, Lancelot e Gouvain, antes que o amor se tornasse a mola principal dos acontecimentos, o centro em redor do qual a Europa começou a girar com todas as suas luctas sangrentas e todos os seus languorosos idyllios !!

Ahi estão as canções de gesto para testemunharem o que affirmo. Aiol resiste á bella Luciana, que, depois de preparar a cama do cavalheiro, despil-o, lançar-lhe por cima a coberta, ficou na camara toda *embevecida* a

contempla-lo com os negros olhos humidos de paixão. Amille repelle a formosa Belissent, que á noite, quando todos dormiam. dirigio-se na escuridão, apenas guiada pelas impulsões do seu coração, até o leito d'elle. Maugis d'Aigremon, o tentador, poudes passar uma noite inteira nos braços da rainha de Maiorca, sem que maculasse a sua castidade.

Mas por fim, após muita humilhação, chegou o advento feminino, e o amor tornou-se o ponto de apoio da sociedade.

Desgraçadamente, dentro em breve tempo o culto cavalheiresco da mulher tanto havia de subtilisar-se que devia cahir na *folia* do ridiculo.

A metaphysica do amor foi levada aos seus extremos limites : a arte de galanteria chegou a *theoretisar* uma duplicidade marital, resolvendo-se n'uma só unidade — o adulterio.

« As mulheres, diz Frederico Lolié, tinham dous esposos, um para o sentimento e outro para a sensação. »

A parte feminina tornou-se um debilitante : as suas exigencias sobrehumanas, os seus caprichos refinados, as suas phantasias im-

periosas cançaram o homem, e este procurou vingar-se creando o typo de D. Juan para bestialisar por calculo, por systhema, aquella que até então tinha sido divinizada.

E assim têm vivido as duas almas, masculina e feminina, n'uma oscillação continua de acções e reacções, procurando tirar desforras, exercer vinganças uma sobre a outra, sendo que a feminina entrou para lucta com a belleza, e a masculina com a força ; a primeira com o coração, e a segunda com o cerebro.

Para fazer desaparecer esta desharmonia, este desaccordo entre o pensamento e o sentimento, entre a cabeça e o coração, é que trabalham hoje uns poucos espiritos despidos de velhos prejuizos a respeito da incapacidade feminina, esforçando-se para tornar a cabeça da mulher mais luminosa, e o coração do homem mais vibrante.

Até hoje, o homem ha mostrado mais força, mais firmeza, mais coragem, mais resignação ; porém, ao mesmo tempo, menos piedade, menos devotamento, menós abnegação, menos amor.

O homem que ama, póde seccar a guela e paralyzar a lingua : porém na mulher o predomínio da paixão cega ; e apezar da pobreza

ter sido sempre um obstaculo ao amor, o que Jupiter comprehendeu bem quando transformou-se em chuva de ouro para tentar Danae, ainda assim, quando a mulher apaixona-se, affronta todas as considerações, reage contra todas as influencias, arrisca a sua posição e chega até mesmo a sacrificar a sua fortuna.

A mulher que ama, fala como Roudaheb filha do rei Mihrab : — « *é o mar em furor lançando suas vagas contra o ceu.* »

Flôr, deixa-se roer pelo mais nojento verme ; neve, vae cahir sobre a lama ; pagina alvissima, deixa inscrever em sua alma as mais torpes inscripções.

Em *gyneco-psychologia* o legislador criminal brasileiro não tem razão para orgulhar-se.

Manifesta, pelo menos, vergonhosa ignorancia do desenvolvimento *psychophylico* da mulher, quando hoje faz recahir toda a responsabilidade dos crimes contra a honra sobre a parte masculina.

A critica que faço ao Codigo, não é um gracejo da minha parte : hoje a mulher é completamente senhora da sua pessoa, do seu *eu*, e armada da maior de todos as forças

humanas—da belleza,—e da mais irresistivel de todas as attracções—do olhar,— reina despoticamente, impondo ao homem provas difficilimas, sacrificios sobrehumanos. Não é a rôla innocente, que figura o Codigo, sem forças para resistir ao assalto de qualquer D. Juan, que por *atavismo* tenha apparecido no seio da sociedade.

Hoje o embriagado do amor precisa ter ao seu lado não tanto a musa da poesia como a da felicidade. Nos torneios brilhantes dados em honra ao amor nem sempre obtem o cofre das graças e dos favores aquelle que se mostra mais forte e mais dextro, porém ordinariamente o protegido da sorte, o filho dourado da fortuna.

Eu affirmei que o D. Juan é actualmente um producto *atavico*. Com effeito, está fóra das modernas condições de existencia, é um *deslocado*, que apparece de vez em quando, sem que possa explicar-se a sua vinda senão como uma recordação do passado.

Hoje que o *producto natural*, de que ha mais procura e menos offerta, é o *tempo*, o apparecimento do D. Juan, que, para pôr em acção todas as suas subtilezas, todos os seus artificios, precisa da acção illimitada do tem-

po, não pôde ser explicado senão por um caso de *atavismo*.

O *momento historico* dos D. Juans passou, e por isso actualmente nos crimes contra a honra, a criminalidade da parte masculina não é maior do que a da feminina. Tenho vontade de rir-me quando em uma tal categoria de crimes quer-se fazer recahir toda a imputabilidade sobre o homem.

Mais censuravel ainda é o Codigo quando applica as mesmas penas a casos inteiramente distinctos.

O crime de um rapaz de vinte e um annos de idade, cheio de vida e saude, que por uma tarde de verão, quando o sol já despede-se languorosamente da terra, enviando os seus ultimos beijos de luz, tenta a rapariga de sangue quente, de impressões vivas, de movimentos provocantes, que encontra em logar deserto, não pôde ser equiparado ao crime do delicado, do elegante, que calculadamente, *systematicamente*, trava uma *lucta galante* contra uma innocente e ingenua creatura feminina, e depois de mil promessas doces, de mil processos seductores, despedaça o puro crystal de sua virgindade.

Porém a musa da felicidade abandonou o nosso Codigo Criminal, não só nos casos em que este considera a mulher como uma fragil creatura sem forças para repellir o ataque da mais desageitada das *aves rapaces*, ou como uma natureza forte capaz de resistir aos artificios subtis do mais refinado seductor; mas sobretudo quando faz do casamento o mesmo conceito que de uma agua lustral propria para purificar a honra da familia mais emporcalhada.

Para a violencia, para o rapto, para o defloramento, o Codigo não conhece outro remedio senão o casamento.

Assim pretende elle sanar os dilaceramentos d'alma da offendida e enxugar as lagrimas de sangue da familia.

Comtudo, a parte mais curiosa do Codigo não é certamente esta; mas aquella em que não permite que o homem offendido em sua honra possa intentar accção criminal senão contra ambas as partes adulterantes! Não concede ao marido o direito de accionar exclusivamente a parte, que julga a causa *officiente* da sua deshonra.

Ainda mais: o Codigo não quer que uma das partes adulterantes possa ser condem-

nada sem a outra, de sorte que a mulher, podendo allegar em sua defeza *força irresistivel* e uma infinidade de circumstancias attenuantes, como o seu temperamento, a fraqueza do marido, o *momento critico* do crime, concorrerá assim para a absolvição do seu seductor, visto como um não póde ser condemnado sem o outro.

Eis o resultado edificante a que chega o Codigo com o art. 253 : o marido para accusar o amante da mulher tem forçosamente de accusar a *metade* do seu *eu* ; esta para defender-se ha de necessariamente defender o auctor da sua ignominia, da deshonna do seu marido, da vergonha dos seus filhos. Uma vez que o Codigo não permite que mulheres por mulheres sejam entendidas e julgadas, Tobias Barretto pensa que, sempre que se tratasse da accusação de uma filha de Eva, dever-se-ia ouvir o parecer das pessoas competentes, quero dizer, do sexo feminino.

Nada mais desarrazoado do que, tratando-se de uma causa em que é interessado o outro sexo, este não poder advogar os seus direitos e tomar parte conjunctamente com os homens no julgamento.

Só assim era possivel que crimes horro-

sos, commetidos sob a capa de uma honra imaginaria, recebessem a sua justa punição. Com o sentimento e a dignidade feminina por juiz não seriam absolvidos covardes assassinos, que, sob o pretexto de vingar uma honra que nunca souberam prezar, só procuram desfazer-se das mulheres.

Mulher tomando parte no jury não é novidade, e a este proposito diz J. H. Howe, presidente do Supremo Tribunal de Wyoming :

« Apezar de todos os prejuizos n'esta materia, devo em consciencia declarar que as mulheres se desempenharam das suas funcções de jurados com tal decôro, com tal tacto, com tal intelligencia, que impuzeram-se á admiração de todo o cidadão intelligente de Wyoming. Ellas se mostraram sempre sollicitas, attentas, infatigaveis, intelligentes e conscienciosas. Com resolução e firmeza tomaram constantemente a defeza do direito, tal como o estabeleciam a lei e as testemunhas. Durante vinte e cinco annos de experiencia nos tribunaes do paiz não houve jury pequeno ou grande mais fiel, mais intelligente, mais resolutamente honesto do que esses jurys de mulheres. »

Agora a analyse do § 2 do art. 10, em que Tobias Barretto brilha sobretudo por ter-se afastado da opinião, que vae-se generalizando, de querer considerar todo o criminoso um doente e de pretender fazer de toda a psychologia criminal um capitulo da *psychiatria*.

Mausdeley cahiu neste excesso, e depois delle os *pathologos* do crime, por prejuizo, por vaidade ou por tolice, não cançam-se de fazer a *necropsia* do homem delinquente.

Foi precisa a sciencia de um Cesare Lombroso, de mãos dadas com a paciencia, medindo os differentes orgãos do corpo dos criminosos, observando as relações exitentes entre elles, e principalmente entre as partes frontaes e paritae do craneo, entre as orbitas e as faces, entre a côr e os cabellos, em uma palavra, fazendo a *anthropologia* do criminoso, para mostrar que este não é um doente ; mas antes, como affirma Bordier, um anachronismo, um selvagem em paiz civilizado, uma especie de monstro, alguma cousa comparavel ao animal que, nascido de paes domesticados, apparecesse bruscamente com a selvageria indomavel de seus primeiros antepassados.

Isto aproxima-se mais da verdade ; mas não é toda ella. O criminoso não é tão sómente um representante das epochas pre-historicas nos tempos modernos, uma resurreição da selvageria primitiva no mundo civilizado. Ao lado do criminoso por hereditariedade, por *atavismo*, está o criminoso por adaptação, por influencias *mesologicas*.

A *ontogenese* do criminoso não pôde ser explicada sómente pela *philogenese* da raça. A verdade desta affirmação está a manifestar-se na apreciação de um facto ethnico, que escapou á perspicacia de Cesare Lombroso, e é que as tendencias ao crime se manifestam em proporções muito differentes entre as diversas raças, posto que estas apresentem um perfeito *synchronismo cultural*.

Emquanto os Polynesianos negros quasi que não furtam, os de outras côres são refinados ladrões.

A etiologia do crime, para ser completa, ha de occupar-se com outras causas, que não exclusivamente o *atavismo*.

Entre as diversas causas do crime apontaremos, além do *atavismo*, o sexo, praticando o homem mais crimes do que a mulher ;—a idade, manifestando-se o maximo das tenden-

cias criminosas dos 25 aos 30 annos;—o genero de emprego, principalmente das fabricas, onde reina a influencia embrutecedora da maxima divisão do trabalho;—a miseria com todos os seus desesperos, com todas as suas angustias;—os vicios, como a embriaguez, o jogo, a prostituição;—enfim a falta de educação.

Com o illustre Minzloff, classificarei os criminosos nas quatro categorias seguintes:

1.^a Individuos inteiramente ou em parte selvagens por effeito de *atavismo*.

2.^a Loucos e doentes.

3.^a Descendentes de loucos, doentes e criminosos.

4.^a Individuos a que faltam os meios de existencia ou que obram sob a acção de influencias psychicas, que não pôdem combater por effeito da educação recebida.

Em psychologia criminal esta classificação parece-me tão completa e tão satisfactoria, como a de Krafft—Ebing (1) em *psychiatria*.

Nem todos os crimes, que não pôdem ser classificados como casos de parthologia, entram na categoria do *atavismo*.

(1) Apud Tobias Barretto nos *Menores e Loucos*.

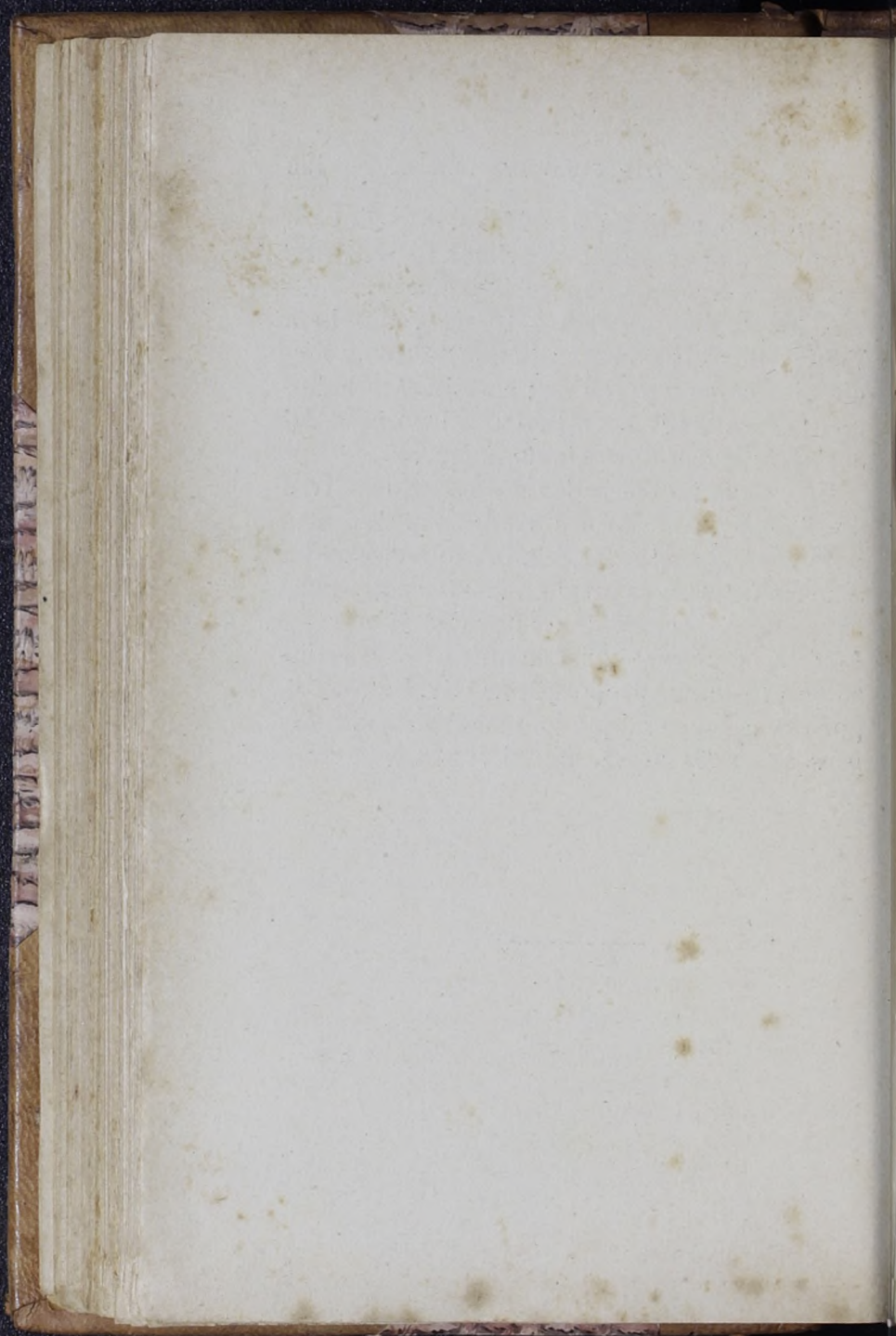
A mulher que mata o filho dentro de suas proprias entranhas, pratica este horrendo crime, não porque de um momento para outro tenha se *atavisado* n'uma selvagem, mas porque a civilisação moderna considera prostituição todo o amor, que não foi sagrado por um padre, ou certificado por um empregado civil, ou melhor, porque o Codigo Criminal e o Civil não protegem-na seriamente contra a seducção e o abandono por parte do homem ; pelo contrario, impõem-lhe toda a sorte de deveres e sacrificios, emquanto que ao D. Juan deixam toda a liberdade e dão toda a garantia para ir provocar novas occasiões de infanticidios.

Mas acostume-se a sociedade a respeitar o *amor* e não sómente o *casamento*, seja menos cruel para com a fraqueza da mulher, permitta a investigação da paternidade, aprenda a não desdenhar a maternidade, ao menos em attenção ás dôres, quando outros motivos não existissem, e desaparecerão o infanticidio, a prostituição, a desigualdade dos filhos e uma infinidade de questões insolúveis, emquanto os unicos factos honrados e protegidos pelas leis forem o *casamento* e a *paternidade*.

O ultimo capitulo dos *Menores e Loucos* trata dos que commettem crimes violentados por força ou por medo irresistiveis.

A força, de que fala o Codigo, diz bem Tobias Barretto, comprehende tanto a mechanica como a psychica; e assim fica bellamente engastado no § 3 do art. 10 a idéa *del omicidio scusato per giusto dolore*.

Deante de taes achados sente se que o livro de Tobias Barretto é um precioso thesouro no meio das tantas futilidades, que compõem a nossa litteratura juridica. Em face da figura expansiva e genial do auctor dos *Menores e Loucos*, os nossos jurisconsultos ficam reduzidos a tacanhas proporções. O Sr. Lafayette, por exemplo, cavalgando o magro *direito das pessoas* ou *das cousas* dá até vontade de rir.



CAPITULO V

PHYSIOPHILIA PROCESSUAL

Determinação do *momento historico* das leis, estudo apresentado á Faculdade de Direito desta cidade por ocasião do concurso que teve logar para preenchimento de uma vaga de lente substituto de *practica do processo*.



Entre as questões mais serias de que têm-se occupado os juristas, está a do *momento historico das leis* (1), importante pro-

(1) Quando foi apresentado este estudo á Faculdade de Direito desta cidade, entre outras *graves censuras* soffri a de querer applicar o *monismo* ao processo juridico. Esta censura, porém, é digna irmã gêmea de uma critica em que já incorri com Martins Junior. A pedido de um amigo, a quem muito presamos, nós fizemos para a *Commissão Central Emancipadora* um esboço de representação á Assembléa Geral, propondo diversas medidas a bem da abolição da escravatura no Imperio. Neste trabalho diziamos que a *Commissão*, convencida de que a agricultura moderna não é senão uma *espiritualisação da terra*, uma applicação das leis da physica, da chimica e da biologia ao desenvolvimento das plantas e dos animaes, e, mais ainda, uma serie de observações, de experiencias, de calculos, de economias, de previdencias, condições que seria difficil

blema de *physiophilia processual* sobre que, ha um seculo, escrevem-se volumes e mais volumes sem que até hoje tenha-se chegado a uma solução satisfactoria.

Os trabalhos de Weber, de Bergmann, de Struve, de Meyer, de Savigny, de Ymbert, de Lassalle, de Gabba, estão cheios de vistas subjectivas, de distincções subtis ; mas ao mesmo tempo sem nenhum proveito positivo, sem nenhum resultado pratico.

E' que até o presente em uma das mais importantes questões da vida juridica não tem-se empregado senão um methodo despido de todo o espirito scientifico, recorrendo-se para a solução do problema a phrases sem nenhuma realidade objectiva.

de conseguir com o escravo sem iniciativa, sem responsabilidade nem dignidade, vinha propôr uma serie de medidas, cujos fins não eram outros senão matar economicamente o trabalho escravo, tornando-o caro, prejudicial, repugnante, e proteger o trabalho livre mais nobre, fecundo e productivo. Demos, com vê-se, uma prova de bom senso ; mas, apezar de tudo, o nosso esboço foi deshumanamente mutilado, de maneira que veio a ficar um monstruoso aleijão ; e tudo isto porque, como depois disse-nos o presidente da *Commissão*,—*haviamos metido no meio o monismo*. Impagavel.

Os systemas até agora conhecidos são me-
ras criações metaphysicas, filhas da phan-
tasia indisciplinada dos juristas que, não
observando com calma e imparcialidade os
factos, procuram sómente jogar com phrases
sem sentido para chegarem ás conclusões,
que já têm em vista.

A vida juridica, como outra qualquer vida,
tem formas e funcções, e d'ahi uma *mor-
phologia* e uma *physiologia* do direito, que
influenciam-se reciprocamente, sendo uma o
complemento da outra.

Assim como não basta conhecer-se a topo-
graphia de um paiz para comprehender-se
a sua historia, do mesmo modo não é suffi-
ciente saber-se legislação de um povo para
entender-se a sua existencia juridica.

Ha muito tempo que diz R. von Ihering :
« Nenhum codigo, nenhuma collecção de
leis, de uma epocha ou de um povo, poderia
ser comprehendido sem o conhecimento das
condições reaes deste povo e desta epocha.
Só a vida ensina-nos a razão da existencia
das regras do direito, sua significação, e faz-
nos conhecer os obstaculos que sua acção
encontra nas circumstancias da vida. »

No estudo completo do direito, ao lado da *morphologia* deve estar a *physiologia* animando as abstracções, transformando os textos em realidades vivas.

« Aplicar uma regra de direito é, como affirma o citado R. von Ihering, exprimir *concretamente* o que ella propõe *abstractamente*. »

Mas o processo juridico considerado como *a parte dramatica*, com a *synthese physiologica* do direito, tambem tem a sua *ontogenese* e a sua *philogenese*, queremos dizer, o seu desenvolvimento *individual* e *especifico*; e entre as questões mais serias da *physiophilia processual*, que não é senão o estudo do desenvolvimento *especifico* das funcções juridicas, occupa logar importante a que tomamos por objecto do presente estudo. (1)

(1) A proposito de *ontogenese* e *philogenese*, devo lembrar o grande espanto que causou á Congregação da Faculdade de Direito desta cidade uma das minhas *proposições*. « *As ordalias no processo*, dizia eu, *são provas ONTOGENETICAS do desenvolvimento PHILOGENETICO no direito por meio da LUCTA*. Houve um lente que quasi perde os sentidos deante desta tecnologia, e levou a sua santa simplicidade, a sua celestial ignorancia a ponto de confessar em publico

Como, porém, para a solução desta questão temos de tomar uma outra direcção que o caminho sempre seguido, em vez de começarmos o nosso trabalho definindo o que seja *effeito retroactivo*, pedra angular, sobre que assenta tudo que tem-se escripto a respeito da determinação do *momento historico das leis*, definição que nada exprime, importando antes uma contradicção nos proprios ter-

que não saberia o que era *ordalia*, se não tivesse ouvido o seu collega da esquerda, e de pedir-me que lhe explicasse o sentido daquella proposição que ELLE NÃO COMPREHENDIA. Em face de tanta necedade conheci a figura que estava fazendo, e arrependi-me amargamente de ter posto o meu espirito em prova perante tal gente. Estive para dar a devida resposta, dizendo que aquella confissão não era senão symptoma de uma affecção morbida, especie de molestia que costuma atacar os cavallos, e que manifesta-se por uma indifferença completa para os alimentos e para tudo o que os cerca ; mas não quiz parecer malcreado mesmo a um imbecil. Alguns dias depois Tobias Barretto, com toda a sua largueza de vistas, com toda a generosidade do seu grande coração, vingava-me escrevendo o seguinte : « A sciencia do direito é uma sciencia de seres vivos ; ella entra por conseguinte na categoria da *physiophilia* ou *philogenia* das funcções vitaes. O methodo, que lhe assenta, é justamente o methodo

mos (1), precisamos mostrar o conceito que fazemos do direito, indicar as causas que têm concorrido para o seu desenvolvimento e determinar as condições de uma verdadeira classificação jurídica. Sómente depois destes conhecimentos *propedeuticos* é que poderemos caminhar com firmeza e chegar a verdadeiras conclusões.

philogenetico, do qual Eduardo Strasburger diz ser o unico de valor e importancia para o estudo dos organismos viventes. Se o leitor entende, tanto melhor para si; caso porém não entenda, não é culpa nossa. Talvez nos perguntem: quem é esse senhor Eduardo Strasburger? Só podemos responder que não é lente da nossa faculdade nem candidato á deputação geral ». O mesmo não posso afirmar do meu *illustre* arguente, que não era candidato á Assembléa Geral, e representa hoje o Rio Grande do Norte juntamente com o padre João Manoel.

(1) Pereira e Souza, no seu *Esboço de um Dictionario juridico, theorico e pratico*, copiando a definição da *Encyclopédie*, define effeito retroactivo— « aquelle que remonta a um tempo anterior á causa que o produz ». Póde ser defeito de organização cerebral moderna; mas hoje ninguem comprehende mais um *effeito anterior* á causa que o produz. Effeito anterior á causa que o produz, é a mesma cousa que filho nascido antes do pae. Não menos incomprehensíveis são as definições de Merlin, Malher de Chassat e de Felice.

O direito por muito tempo foi considerado como um principio anterior e superior á sociedade, como uma lei absoluta, que não está sujeita a relatividades, nem no tempo nem no espaço, como uma criação do eterno e do infinito, como uma obra perfeita e acabada em si, fóra da acção da solidariedade e da continuidade universal.

Graças, porém, á lei geral da gravitação, principio em que resolvem-se todos os phenomenos do universo, e em virtude do qual todo o nosso mundo é mantido, não só na mais estreita solidariedade como na mais intima continuidade, esta concepção do direito já não póde subsistir.

« Um mesmo principio, diz Mismar, liga o mais pequeno corpo ao maior atravez dos espaços interplanetarios, o organismo mais humilde ao mais complexo atravez das camadas geologicas, humanidade á sua morada terrestre, o homem a seus semelhantes. »

Este principio é o da gravitação que, no pensar do mesmo Mismar, expulsará a theologia e a metaphysica do governo moral e social, como já expulsou-as da physica, da chimica e da biologia.

E' preciso convir que o insuspeito Claudio

Bernard, estabelecendo que os seres vivos são pequenos mundos em cujo meio os phenomenos se encadeam como em nossa terra, e em todas as terras que fluctuam no espaço, derrubou as barreiras que separavam o mundo organico do mineral, e predispoz assim os espiritos para esta concepção mechanica do universo, pela qual todos os segredos da natureza parecem prestes a desvendar-se em face da luz derramada pela descoberta de Newton.

Em virtude, pois, desta poderosa força, tão geral quanto invisível, que prende a solidariedade humana á solidariedade universal (1), o direito já não póde ser concebido

(1) Na Suissa o notavel metaphysico Secretan pretende subordinar o principio da solidariedade universal, fundada sobre a unidade de todos os seres em Deus e de todos os homens em Adão, ás necessidades do dogma e da moral christã. Secretan está convencido de que o character mais geral da somma dos phenomenos consiste no seu encadeamento; mas por outro lado, tambem está persuadido de que somos *livres*. D'ahi a base da sua moral no que elle chama um « *duplo facto experimental* » : — liberdade e solidariedade. « Obra como parte livre de um todo solidario » eis a formula final do dever, segundo Secretan. Vide *Revue Philosophique*, anno de 1872, vol. 2.º

como um principio proeminente á economia geral da natureza.

Assentado que o direito faz parte deste admiravel mechanismo, que contem em si mesmo as causas de suas incessantes transformações, admittindo que as leis que presidiram á sua origem e desenvolvimento acham-se subordinadas ás que presidiram á origem a desenvolvimento da vida na superficie do nosso globo, ainda assim resta-nos uma questão importante, que é saber si o direito é uma substancia, uma qualidade ou simplesmente uma relação.

A substancia do justo desapareceu diante da livre indagação do espirito moderno como a substancia do bello, a substancia do verdadeiro, a substancia da alma e umas tantas outras entidades metaphysicas, que durante tanto tempo passaram por ter uma existencia real.

O direito tambem não é qualidade das pessoas, porque si o fosse, deveria existir n'ellas fóra de todo o estado social. Mas ao individuo considerado insoladamente repugna toda a idéa de direito; e, portanto, não existe senão como relação das pessoas entre si.

Sendo, porém, da essência de toda a relação mudar quando um dos seus termos muda, segue-se que si os homens não são sempre os mesmos em todos os tempos e lugares, variando as relações que deram origem ao direito, com ellas variam a idéa e o sentimento do justo.

Nós já escrevemos em alguma parte : « Filho da civilização, o direito não existia na epocha em que os nossos antepassados viviam nós em cavernas escuras, luctando contra as grandes especies felinas e nutrido-se do producto da caça e da pesca. Como uma criação historica, como experiencia capitalisada, como um producto da acção collectiva, como um resultado do desenvolvimento do espirito humano, o direito nada tem de absoluto : varia com os tempos, com os logares, com as raças e com todas as mais circumstancias, que fazem que cada povo tenha a sua historia de uma feição particular, que não se confunde com a de nenhum outro povo. O direito de um primitivo, que faz da mulher uma escrava e come-a em tempo de fome, não é o de um moderno, que divinisa a mulher e faz do amor um culto ; o direito da selvagem brasileira, devorando

com os da sua tribu o filho que teve do prisioneiro de guerra, é bem diverso do direito d'essa ingleza que, ao lêr o conto do sacrificio de Isaac, exclamou : — Deus não era capaz de dar tal ordem a uma mãe. O direito varia de povo a povo : assim como não encontram-se dois individuos com as mesmas feições, tambem não existem dois povos que tenham as mesmas instituições juridicas.

D'este modo fica assentada a relatividade do direito e saltando aos olhos quão absurda é a concepção de um direito absoluto, universal, eterno, gravado pela *mão da natureza* no coração do homem.

Só depois que o homem tornou-se uma especie de Hercules, e por meio do machado de pedra, do arco e da flecha livrou a terra dos animaes terriveis que a infestavam ; só depois que assegurou o seu nutrimento e a sua habitação contra a natureza inteira, foi que elle pôde cuidar d'este *modus vivendi* superior, que não é senão uma resultante da perfectibilidade humana, um producto do transformismo social.

Affirmando, como fizemos, que o direito é uma relação de pessoas entre si, pôde pare-

cer á primeira vista que julgamos a sociedade exclusivamente composta de pessoas; mas não: a sociedade é uma combinação binaria de pessoas e de cousas.

« A riqueza, dit Schœffle, não serve sómente de alimento á sociedade, é um dos elementos histologicos do corpo social. » Assim é realmente. A sociedade suppõe a riqueza, como suppõe a collectividade. Não se comprehenderiam as maravilhas da evolução social sem a riqueza, pois a ella mais do que á hereditariedade physio-psychologica devemos a ligação das gerações entre si, a união do presente ao futuro, a guarda fiel das conquistas do passado.

Mas como elemento histologico do corpo social, a riqueza é de uma importancia capital na vida juridica. Foi pela riqueza que começou esta magnifica evolução pela qual os individuos se transformaram em familia, as familias em cidade e as cidades em estado.

Não se comprehende familia sem patrimonio, bem como nação sem estradas, sem fortalezas, sem exercitos, em uma palavra, sem riqueza publica. A propria humanidade parece ter o seu capital representado

nos monumentos historicos, scientificos e litterarios.

A vida juridica de um povo desenvolve-se á medida que augmenta o seu capital social. Um povo pobre não pôde ter a mesma somma de direitos que um paiz rico.

Não sendo, porém, a riqueza em ultima analyse senão um augmento de força directriz nas mudanças de logar e de estado da materia, segue-se que a *alma mater* do direito é a actividade humana.

Como a actividade humana reveste uma opulenta variedade de fórmulas segundo as differenças de solo, de clima, de raça a que está sujeita, é claro que o direito, filho d'ella, deve variar conforme uma infinidade de influencias climatericas, topographicas e ethnicas ; mas soffrendo o direito variações continuas, multiplas transformações, quaes serão as leis que regem estas metamorphoses incessantes, este *fieri perpetuo* ?

Estas leis são tão variadas e multiplas que, no estado actual dos conhecimentos humanos, seria impossivel enumerar todas ; mas, applicando o darwinismo ao direito, apontaremos algumas, sem que, entretanto, por isso se possa explicar como se operou

toda a evolução mental e emocional do direito.

Si ainda hoje está por se acabar a historia *morphogenica* e a *morphophylica* dos seres vivos, de maneira que ainda não pôde explicar-se como de um organismo amorpho sahio por evoluções continuas a belleza plastica da mulher ; si é terreno ainda menos explorado a *physiogenia* e a *physiophilia*, de tal sorte que seria impossivel explicar como dos movimentos monotonos dos animaes inferiores proveio a graça feminina com todos os seus encantos ; seria loucura, se não ridiculo, pretender fazer *psychogenia* e *psychophilia* juridica, explicando como se tem operado toda a evolução mental e emocional do direito.

N'este ponto a nossa tarefa se resumirá em indicar as principaes leis que tem presidido á genese e desenvolução do direito, e em fazer algumas observações sobre estas leis.

1.^a Temos em primeiro logar a *lucta*, lei suprema que regula o desenvolvimento de todos os seres e de todas as creações historicas.

Assim como as massas cosmicas não se desenvolvem senão pela conquista de umas moleculas sobre outras, da mesma maneira as nações não progridem senão pelo combate, pela victoria do forte sobre o fraco.

N'este sentido é que se diz que o direito é filho da lucta, para exprimir que elle não se desenvolve espontaneamente, como pretende a escola historica, porém pela concorrência, pelo combate sem tregua, em que o successo está sempre do lado do mais forte, o que fez R. von Ihering dizer que o direito é Saturno devorando seus proprios filhos

O direito é a disciplina das forças sociaes, e esta disciplina na falta de um mechanismo theologico, que supponha um *principio de finalidade* a dirigir os acontecimentos historicos, não póde ser explicada senão pela causa que move todo o mundo — a lucta.

« Assim como nossa vida physica, diz Arthur Schopenhauer, consiste em um movimento incessante, do mesmo modo nossa vida interior e intellectual requer uma occupação constante, pouco importa em que, si em pensamento, si em acção; é o que prova a mania das pessoas desoccupadas, que não pensam em cousa alguma, põem-se a tam-

borinar immediatamente com os dedos ou com o primeiro objecto que apanham. E' que a agitação é a essencia da nossa existencia ; uma inacção completa torna-se logo insupportavel, porque engendra o mais horrivel tedio. Governando este instincto, é que se póde satisfazel-o methodicamente e com mais fructo. A actividade é indispensavel á felicidade ; é necessario que o homem trabalhe, faça alguma cousa sempre que lhe fôr possivel, ou pelo menos aprenda o que quer que seja. Suas forças requerem emprego e o seu desejo é que ellas produzam um resultado qualquer. Trabalhar e lutar contra as resistencias é uma necessidade para o homem, como o cavar para a toupeira. A immobilidade produzida pela satisfação de um gozo permanente seria insupportavel. Vencer obstaculos é a plenitude do gozo na existencia humana, sejam estes obstaculos de uma natureza material como na acção e no exercicio, ou de uma natureza espiritual, como no estudo e nas investigações : são a lucta e a victoria que tornam o homem feliz. Si falta-lhe a occasião, elle a inventa como póde : conforme permite sua individualidade, caça ou brinca com o emboca-bola, ou levado pelo

pendor inconsciente de sua natureza, suscita querelas, urde intrigas, machina velhacarias ou outra qualquer villania, tudo para pôr termo ao estado de immobildade que elle não pôde supportar ».

2.^a *A influencia dos meios.* A natureza inteira, com todos os seus admiraveis phenomenos de attracção molecular, de cohesão e afinidade dos corpos, de calor, de luz, de electricidade e de magnetismo, conserva o homem sob a mais estreita dependencia; e, por conseguinte, nenhum acto de sua vontade, nenhum producto de sua intelligencia, nenhum impulso de seu coração, pôde ser subtrahido á influencia do meio em que vive.

Em virtude da intima solidariedade que reina entre o mundo sideral, o mineral, o animal e o psychico, pôde dizer-se que as instituições sociaes são productos do ar, da luz, do clima e das demais circumstancias, sob cuja influencia ellas se formam.

D'ahi uma civilisação occidental differente da oriental, reflectindo esta o idealismo maravilhoso d'aquelles povos, que vivem no seio de uma natureza cheia de fórmulas encan-

tadoras, de aparições mysteriosas, de sonhos deslumbrantes, que sentem-se sem forças para lutar, pensando que « vale mais estar deitado do que em pé, deitado mais do que sentado, morto mais do que deitado »; e esta, reflectindo as condições de uma região que solicita o trabalho por uma temperatura regular, por uma fertilidade mediana, e que leva o homem a lutar incessantemente, procurando subjugar as forças da natureza pelo seu poder mental.

Compreende-se bem que n'um paiz onde tudo enfraquece e enerva o homem, o direito não pôde ter a mesma physionomia que n'um outro em que elle é obrigado a uma luta incessante. O direito europeu reproduz a existencia positiva e real do Occidente, o direito asiatico a vida ociosa e imaginativa do Oriente.

3.^a *O apparecimento e desaparecimento de certos motivos.* Todo o progresso que distingue a humanidade da animalidade, diz o notavel Minzloff, é reduzivel a motivos.

A observação do escriptor russo é mais importante e profunda do que á primeira

vista parece (1), e por ella é que pôde avaliar-se a pouca razão que têm Broca e seus discipulos, para no estudo da evolução humana subordinarem as aptidões artisticas, litterarias, poeticas, industriaes, scientificas e religiosas das raças a caracteres organicos e especialmente ao esqueleto da cabeça. Apezar da sinceridade e dedicação de seus partidarios, este methodo não produziu os resultados que tinham-se em vista ; e nem era de esperar outra cousa, porque o progresso social, a *civilização* não pôde dizer-se uma simples resultante da *dolichocephalia* e *brachicephalia* das raças ; é antes um producto das variações diversas, das profundas modificações por que passam as sociedades, com as invenções e descobertas dos genios (2).

(1) O progresso humano não é sómente uma cadeia de *causas e effeitos*, que se succedem ; mas antes de *motivos* e de *actos*, que influem uns sobre os outros. Ha differença entre *causa e motivo*, *effeito e acto* : o acto é *motivado*, o effeito *causado* ; a *causa mechanica* e o *motivo finalistico*

(2) D'ahi a difficuldade, si não a impossibilidade da constituição de uma *Poliologia*. Além de que o genio tem permanecido até hoje como um ponto

Sendo o direito um producto da cultura, um resultado da civilisação, não será difficil mostrar-o desenvolvendo-se sob as influencias das conquistas artisticas, litterarias, scientificas, commerciaes e industriaes.

A bussola, desenvolvendo a navegação, creou o commercio internacional, e este o direito maritimo.

A descoberta do Novo Mundo fez reviver a escravidão, que hoje já' não é senão um anachronismo em face dos aperfeiçoamentos da industria agricola.

A biologia está a reclamar uma immediata reforma nos codigos civis na parte relativa

enigmatico no meio da brilhante cadeia das causas e dos effeitos, e além de que a determinação das condições necessarias ao seu apparecimento nas sociedades passa os limites do saber humano, accresce que os genios nas sociedades as transformam tão profundamente com as suas descobertas e invenções e com as novas disposições que dão ás forças sociaes, que o homem, não podendo conhecer a relação etiologica entre o genio e o meio social, e não podendo tambem prevêr todas os resultados que produzirão as suas descobertas, vê-se na absoluta impossibilidade de fazer *Poliologia*. Toda a sciencia suppõe previsão e é absolutamente impossivel prevêr os acontecimentos sociaes.

ao casamento, não permittindo-se que a familia seja atacada em sua integridade pelo egoismo do amor ou, o que é peor, pelo attractivo do dinheiro.

A physiologia protesta contra as uniões entre pessoas que soffrem de molestias ou de vicios de organisação, physicos ou moraes, que se transmitem hereditariamente, e condemna a pratica destes crimes monstruosos, que solemnizam-se com flôres e harmonias, como que para esquecerem-se na embriaguez da festa as dôres e soffrimentos, que deste modo vão infligir-se á especie humana.

Nota com razão um escriptor francez que a introduccão de poços artesianos entre os povos nomades, trazendo agua á superficie da terra e permittindo a cultura das plantas, modificaria profundamente a constituição social d'aquelles povos ; e tambem o seu direito, accrescentamos nós.

O vapor e a electricidade, estas tão poderosas forças physicas, com todas as suas applicações industriaes, transformando profundamente a vida social moderna, modificaram a economia do direito ; e amanhã, quando a par das quedas d'agua souber-se utilizar os

raios do sol, surgirá uma nova ordem social e com ella um direito novo (1).

4.^a *A acção do tempo.* Rigorosamente, o tempo não faz nem desfaz coisa alguma. Assim como elle não póde dizer-se bom nem máu, bello nem feio, longo nem curto, rapido nem lento, qualidades estas sómente das cousas que passam, tambem não póde affirmar-se que elle crie ou destrua alguma coisa.

O tempo já não é mais aquella divindade, que a imaginação dos poetas revestiu das mais sublimes qualidades como das mais terriveis attribuições ; hoje, é simplesmente

(1) Nas cataractas do Niagara perde-se actualmente sem proveito para a industria um poder mechanico equivalente a 18,000 cavallos, força vertiginosa, de que a Europa já trata de utilizar-se por meio de correntes electricas, que poderão levar-lhe cerca de 9,000 cavallos.

Na Exposição Universal de Pariz, em 1878, vio-se pela primeira vez transformado o calor solar em trabalho mechanico. Calculou-se então que o calor solar, que perde-se inutilmente sobre um kilometro quadrado, equivale ao esforço mechanico de 600,000 homens trabalhando sobre um mesmo espaço de terreno.

uma condição de qualquer phenomeno, como o seu irmão gêmeo—o espaço.

« O tempo, diz Mainlœnder, é a medida subjectiva do movimento. »

O tempo, que não gera phenomeno de nenhuma especie, tambem não póde produzir o direito, e falando na acção do tempo com relação ao desenvolvimento do direito, não queremos dizer com isto senão que as leis devem ser applicadas no *momento historico-juridico*, para que não resulte solução de continuidade no progresso social.

Trata-se de applicar uma lei em substituição a outra, e quer-se saber sobre que factos a lei nova deve recahir, sem que d'ahi resulte solução de continuidade historica, de maneira que não venha a sociedade a apresentar duas faces, uma velha e doentia e a outra sã e nova.

Ordinariamente pensa-se que, para determinar o *momento historico dos leis*, basta dizer que ellas não devem agir sobre o passado, o que enuncia-se sob a formula — *as leis não devem ter effeito retroactivo*.

Antes de tudo, uma observação : o tempo não é uma substancialidade sobre que a lei possa actuar ; mas uma abstracção, uma

idealidade, sobre que é impossivel qualquer acção.

Além disto, o passado não existindo senão nas cousas que passaram em relação a outras, é claro que, quando mesmo a lei pudesse submeter ao seu poder o passado, este seria como não passado (1).

O certo é que objectivamente não ha passado nem futuro. Não é o tempo que passa, e sim as cousas, que succedem-se em nós ou fóra de nós.

O ignorante julga vêr o tempo correr atravez do mostrador do relógio que possui; a verdade, porém, é que apenas passam os movimentos da machina que traz no bolso.

« Tudo, diz Rivarol, passa diante do tempo, e, entretanto, cremos que é elle quem passa. E' a vida que escôa-se e com ella

(1) Savigny comprehendeu bem a futilidade da formula—*as leis não devem ter effeito retroactivo*—quando disse que a retroactividade não deve tomar-se no sentido litteral, porque d'ahi resultaria que o passado seria como não passado. O effeito retroactivo, continua Savigny, deve entender-se moralmente, e então significa que uma lei retroactiva attrahe para o seu imperio as consequencias dos factos anteriores, e influe sobre estas consequencias.

todos os movimentos de que compõe-se. A idéa de que o tempo corre, foge e vôa, veionos de que a nossa vida passa e os nossos pensamentos succedem-se emquanto discorremos sobre elles, e os computamos ».

Mas não existindo objectivamente passado nem futuro, é evidente que a categoria do tempo, sob uma ou sob outra fórma, não pôde servir de criterio para determinar o *momento historico das leis*.

Não são senão os acontecimentos que passam, e sobre estes a lei não pôde agir sob pena de tornar o homem o mais desgraçado dos animaes (1), pois viveria sempre ator-

(1) Todavia na legislação portugueza são innumerados os exemplos de leis, que regulam factos consummados, sobretudo no governo atormentado do Marquez de Pombal. Este celebre estadista publicou tantas leis regulando factos consummados, que não comprehendemos como os positivistas orthodoxos, com todo o seu respeito para o passado, ainda não o riscaram do *Calendario*. Por prestarem-se a um bello estudo de *psychiatria historico-juridica*, citaremos algumas destas leis, que seriam hoje inconstitucionaes, si o art. 179 § 3. da nossa Constituição Política não fosse simplesmente uma phrase: Lei de 15 de Março de 1751, Alvará de Lei de 3 de Novembro de 1757, Carta de Lei de 4 de Julho de

mentado pela incerteza, voltasse-se para o futuro ou para o passado.

Com receio de praticar um acto qualquer, que mais tarde veria aniquilado e até punido, entregar-se-ia a uma completa inacção, que tornaria a vida insupportavel. Na vida so-

1768, Alvará de 21 de Janeiro de 1766, Alvará de 23 de Julho de 1766, Carta de Lei de 13 de Março de 1772. Alvará de Lei de 1 de Agosto de 1774, Carta de Lei de 4 de Julho de 1776, leis em que o celebre ministro de D. José, concentrando nas suas mãos todo o governo do seu paiz, levou o despotismo ao ponto de submeter ao seu poder absoluto acontecimentos passados, violentando assim o progresso da civilização portugueza, atacando em sua integridade a filiação historico-lusitana. Não comprehendemos, pois, como Comte, que considerava a *submissão aos factos consummados a base de todo o aperfeiçoamento historico* poude propôr o Marquez de Pombal como objecto de culto.

Sómente para economisar espaço, deixo de transcrever aqui a integra da Lei de 15 de Março de 1751, transcripção que, por occasião do concurso, deu logar a escandalo, provocado por um lente. O *puro e candido* doutor affirmou, gritando, que eu era um immoral, que o meu estudo continha taes indecencias que elle teve necessidade de trancar-o dentro de uma gaveta para que ninguem de sua familia o lesse. Fiquei profundamente maguado com uma tão acabrunhadora malsinação, da qual era impossivel de-

cial, a lei seria a realisação odiosa da fabula do lobo e do cordeiro. A's dores do passado viriam juntar-se perennes incertezas sem ao menos restar ao homem a esperança, a doce companheira do futuro.

Ora, pela propria força das cousas, não podendo a lei recahir senão sobre as conse-

fender-me sem atirar á cara do tartufo os livros que eu tinha ás mãos. Mas digam mesmo aquelles que não podem ouvir falar em cornos sem sentirem a pulga na orelha, quem é mais immoral, aquelle que por necessidade cita e transcreve uma lei, em que impõem-se penas ao facto de pôem-se cornos ás portas das casas das pessoas casadas, ou aquelle que, pelo simples desejo de produzir escandalo, não têm pejo de asseverar que *ordalia* significava primitivamente *purgação*, *gonorrhœa*? O desejo de molestar-me allucinou aquelle espirito que, tendo descoberto no Diccionario de Aulete que *ordalia* significava tambem *purgação*, julgou que *purgação* não tinha outro sentido senão o de *gonorrhœa*. Eu podia liquidar com grande vantagem para mim esta questão de moralidade; mas quero ser generoso e limitome a dizer que *purgação* tambem exprime a *acção pela qual um accusado se justificava perante o juiz ecclesiastico, segundo a fôrma prescripta pelos canones, differençando-se da purgação vulgar que se fazia pelas provas do combate, da agua, do fogo etc.* Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza, por Caldas Aulete, pag. 1435, verbo—*purgação*.

quencias dos factos passados, resta, entretanto, saber que consequencias póde ella abraçar.

Para a solução desta questão, temos necessidade de proceder a uma classificação das especies juridicas, tão verdadeiramente objectiva quanto nos fôr possível, sem que, por isto, tenhamos a pretensão de apresentar uma classificação inteiramente scientifica.

A sociedade é um conjunto de actividades, e estas actividades considerêm-se milagres perpetuos, inexplicaveis, no seio dos phenomenos physico-chimicos, ou simplesmente resultantes das forças ordinarias da natureza de accordo com a concepção monistica do universo, o certo é que ellas tendiam a uma especie de equilibrio, a uma sorte de *cosmos*, e d'ahi o direito como disciplina das forças sociaes.

No *cosmos* juridico cumpre distinguir duas especies de actividades bem distinctas e characteristics: umas inteiramente subordinadas a um grande centro director, do qual podem ser consideradas satellites — são os *funcionarios*; outras dotadas de autonomia, por assim dizer, independentes — são os *cidadãos*.

Todos os phenomenos do *cosmos* juridico são produzidos por uma ou outra destas duas especies de actividades que, embora pres-tem-se mutuo auxilio, todavia vivem em antagonismo.

Prestam-se mutuo auxilio, porque uma assegura á outra os meios de existencia, vivem em antagonismo, porque a força de uma está na razão inversa do poder da outra.

A vida juridica suppondo duas ordens de actos a regular, d'ahi duas especies de normas:—umas regulando os actos subordinados ao centro de direcção—leis *imperativas*; outras regulando os actos independentes desse centro—leis *prohibitivas*.

As leis *ordenam* ou *prohibem*: ordenam aos funcionarios todos os actos, que são absolutamente indispensaveis ao *cosmos* social; prohibem aos cidadãos todos os que lhe são hostis, prejudiciaes.

Sendo, porém, o character dos primeiros a *necessidade* e o dos segundos a *espontaneidade*, segue-se que tudo o que a lei imperativa não ordenar expressamente será prohibido, e tudo o que a lei prohibitiva expressamente não prohibir, será permittido.

Entretanto os actos que as normas juri-

dicas ordenam ou prohibem, não são dotados das mesmas propriedades : uns têm effeitos *directos, immediatos*, como o roubo, o homicidio, o estupro, a injuria, emfim todos aquelles actos que se denominam *delictos e quasi-delictos*; outros, porém, não têm senão effeitos indirectos, cuja realisação depende da intervenção das auctoridades publicas, taes como os testamentos, as doações, os empréstimos e outros conhecidos sob os nomes de *contractos e quasi-contractos*.

Segundo regulam-se actos de uma ou de outra destas propriedades, varia a *coacção*, que é a segunda necessidade conceitual da lei.

Para os actos de effeitos directos, immediatos, tem o poder publico o recurso da *pena—leis penaes*; para os actos de effeitos indirectos e mediatos, basta que o poder publico por intermedio de seus funcionarios recuse-lhes os meios de realisação, negue-lhes *execução—leis civis*.

Esta classificação, que nos foi fornecida por Gustavo Rousset, (1) parece-nos accetavel, ou, pelo menos, preferivel ás vistas

(1) *Science Nouvelle des Lois*, pag. 38, tomo II.

subjectivas de Duvergier, de Weber, von Struve, de Meyer, de Savigny, de Ymbert, de Lassalle, de Gabba.

Não affirmamos que seja verdadeira, pois todos sabem as grandes difficuldades com que se lucta para fazer uma classificação scientifica, baseada sobre a realidade objectiva dos caracteres especificos; julgamol-a apenas accetavel até onde vão os achados da *juristica* moderna.

Conhecido que ha especies juridicas como ha especies vegetaes ou animaes, e que as especies juridicas, apezar das multiplas e continuas transformações que operam-se sob a influencia de causas naturaes, estão sujeitas a uma classificação mais ou menos scientifica, baseada sobre caracteres objectivos, já podemos tentar com uma certa probabilidade de exito a solução da questão de que nos occupamos.

Basta que colloquemo-nos em face de cada uma das especies juridicas que foram classificadas, para vêmos como deve ser determinado o *momento historico juridico*, sem que resulte solução de continuidade no progresso social, sem que a filiação historica seja atacada em sua integridade.

Tomemos, por exemplo, a especie das leis *imperativas*, comprehendendo as variedades das leis de organisação e de competencia judiciaria e administrativa, e todas as demais leis de processo, que regulam a *vida funcional* da hierarchia publica.

Como o character proprio destas leis é a subordinação, a dependencia, devem ser applicadas sem distincção alguma entre situações juridicas formadas no passado e as que nasceram depois da sua publicação. « São leis, diz Rousset, cuja soberania e imperio não admittem nenhuma restricção nem de tempo, nem de espaço, nem de pessoas ».

Comprehende-se hem que tratando-se de actividades que não tem a sua origem senão no poder publico, as leis, que regulam as suas funcções artificiaes e quasi mechanicas, não devem soffrer restricção alguma de pessoa, de tempo ou de logar. Aqui o processo de adaptação legal deve ser prompto para eliminar immediatamente as irregularidades do passado.

Como principio de selecção juridica em seu mais elevado gráo de actividade, a applicação destas leis deve ser immediatamente efficaz.

Já não se dá, porém, o mesmo com as leis *prohibitivas*, subdivididas nas duas grandes variedades — leis *penaes* e leis *civis*.

Para nós, que não vemos na pena senão um processo de selecção, creado para corrigir as irregularidades produzidas no meio social pelos actos de effeitos immediatos, directos, é claro que, quando uma lei penal deixa de incriminar actos precedentemente puniveis, deve receber uma immediata applicação para o fim de não serem punidos os que já tenham sido praticados, pois que a lei deixou de consideral-os irregularidades no corpo social.

No caso, porém, de limitar-se a lei penal a modificar a pena, deixando subsistir o crime, deve receber prompta execução no sentido de ser applicada a nova pena, quer seja maior, quer menor do que a pena antiga.

Sómente a delicadeza dos sentimentos modernos, que já vae além das necessidades da conservação e progresso da humanidade, é que tem quebrado o rigor do principio, e feito que hoje seja ordinariamente applicada a lei antiga aos factos já pra-

ticados, quando a nova eleva a penalidade (1).

O caso da lei nova, que incrimina actos até então permittidos, está comprehendido no principio de que nenhuma lei, mesmo a interpretativa, póde applicar-se a factos passados, consummados, e já hoje nenhum soberano, tivesse elle a estatura gigantesca de um Pedro o Grande, se atreveria a violar o passado, como fez D. José sob o governo do Marquez de Pombal, que, levado pelo ardor apaixonado de uma civilisação apressada para a sua patria, fôi muitas vezes arrastado até a iniquidade.

Quanto ás leis prohibitivas civis, si por um lado o legislador deve respeitar os factos consummados, por outro lado o juiz não tem que attender senão aos effeitos destes factos para negar-lhes execução sempre que esta fôr violar a lei nova.

Por um exemplo tirado da nossa pre-historia constitucional se esclarecerá todo o

(1) Uma igual delicadeza tende a fazer desaparecer dos Codigos Penaes a *pena de morte*, este rapido e economico processo de eliminção para as almas de tigre.

lado theoretico da questão. Ainda não ha mais de seculo e meio, eram prohibidos os casamentos entre portuguezes e indias, sob pena de infamia, que recahia sobre toda a familia, até que foi publicado o Alvará de 4 de Abril de 1755, declarando que os portuguezes que se casassem com indias da America não ficariam com infamia alguma, antes se fariam dignos da real attenção; mas conjecturemos que a lei que publicou D. José, não expressava, como fez o citado Alvará, que a sua disposição se estendia mesmo ás allianças que já se achavam feitas antes da sua publicação; neste caso como deveriam os juizes determinar o seu momento historico-juridico?

Necessariamente applicando a lei de maneira a não tornar *effectivas* aquellas consequencias, cuja *execução* fosse violar a lei nova. Assim, a *infamia*, que era um dos effeitos dos casamentos entre portuguezes e indias, desappareceria necessariamente, embora o poder politico não tivesse expressamente declarado, porque negando-lhe a *execução*, que é o *principio vital* do direito civil, como a *pena* o é do direito criminal, a lei estaria morta, sem que para tal hou-

vesse necessidade de certificado de obito por parte do poder politico.

Por uma hypothese, que já tornou-se uma realidade na França, figuremos que o Brazil acceita o divorcio e que, logo depois da publicação da nova lei, um voluvel, sacrificando a sua bella metade a uma outra ainda mais bella, requer perante o juiz competente a dissolução de seu casamento. A lei dispõe simplesmente que, da data de sua publicação em diante, ninguem poderá mais contrahir casamento indissolúvel. A' vista da lei, a gentil victima articulará que ao ajustar o seu casamento, cuja indissolubilidade era então garantida por lei, não lhe passou pelo pensamento que mais tarde, quinze annos depois, por exemplo, quando já havia perdido tudo com que entrára para o *menage*, mocidade, belleza, pureza e até fortuna, pudesse ser abandonada, apesar de sentir inalteravel o seu sentimento de ternura para com aquelle que não tem sabido cumprir os deveres de esposo. Portanto, concluirá allegando que a indissolubilidade do seu casamento não pôde ser tão brutalmente despedaçada por uma lei, que deve respeitar a intenção das partes e garantir a

liberdade contractual. Nesta emergente situação, que decidirá a juiz? Julgará com a alma dilacerada, estamos convencidos, que na applicação das leis civis, não tendo que attender senão aos effeitos dos actos, não póde dar força executoria a uma consequencia, cuja effectividade iria violar a lei nova, que, filha do progresso, não deve respeitar uma expectativa *palin-genetica*, resto de um estado de cousas que passou.

Convençamo-nos de que a melhor lei é aquella que, herdeira de todos os progressos realisados, fôr ao mesmo tempo mais progressiva, e persuadamo-nos de que si, em virtude deste principio, o *legislador* deve respeitar os factos consumados, os acontecimentos passados, o *juiz*, si quizer dar á lei toda a sua força *dynamic*a, si quizer concorrer para o progresso do *cosmos* juridico, não póde tornar *effectivas* consequencias de factos passados, que estejam em opposição com o espirito da lei nova.

São estas as soluções que damos ao problema da determinação do *momento historico das leis*; podem não ser verdadeiras, porém ao menos têm um merito:—não estão con-

taminadas do virus das idéas velhas, que não podem mais subsistir deante do sopro rude, mas ao mesmo tempo salutar, do espirito moderno.

CAPITULO VI

UM REI PHILOSOPHO

Ensaio de critica politica, publicado no
Jornal do Recife.



Nós pôdemos affirmar do Brazil o que, não ha muito tempo, dizia um russo com referencia á sua patria :

« E' um mundo, mas um mundo desconhecido não sómente dos estrangeiros como dos mais esclarecidos nacionaes. »

Pelo menos, o nosso *primeiro representante*, que pretende ser o monarcha mais sabio do seu tempo e o politico mais habil do seu paiz, sendo realmente o ponto de apoio de toda a politica nacional, si conhece pouco do que passa-se no mundo culto, ignora tudo o que agita a alma do povo brasileiro.

A não attribuir-se-lhe completa ignorancia das duvidas e tendencias, das decepções e aspirações de seu povo, como poderia comprehender-se a sua politica de todos os tempos, e ultimamente a attitude que tomou na

emancipação do *negro*, este bello impulso do coração brasileiro, que já deu occasião a manifestações de energia e patriotismo, mas que hoje degenerou em especulação politica, com que os espiritos mediocres, tomando ares de sufficiencia, pretendem curar todos os males da patria.

Convençam-se os *abolicionistas* monarchicos de que a monarchia brasileira, que não constituiu-se pelo consenso de uma população autonoma, como o despotismo russo, nem pela agremiação de feudos independentes, como a realeza franceza, mas por vaidade e luxo de uma *agrocrazia*, que tinha enriquecido á custa do trabalho escravo, não sobreviverá á libertação do filho da Africa, que ha sido todo o nosso assucar, todo o nosso algodão, todo o nosso café, todo o nosso ouro, em uma palavra, todo o nosso *systhema economico*.

Todos os *emancipacionistas* monarchicos devem lembrar-se de que um *autocrata* não póde fazer liberalidades a seu povo, porque o appetite do monstro sobreexcita-se á proporção que lhe são atirados pequenos bocados.

Elimine-se a escravidão do nosso organis-

mo nacional, e neste dia começará o grande combate contra a realeza brasileira.

Não serão sómente os *agrocraatas*, que por despeito desertarão das alas monarchicas, os proprios *abolicionistas* por desillusão, e os libertos por desespero, irão engrossar a corrente revolucionaria, que ha de atirar por terra o throno brasileiro.

Fique, porém, quanto antes assentado que com as palavras escriptas não pretendemos advogar a causa dos *esclavagistas* nem dos partidarios da monarchia.

Para que? Bem sabemos que nos organis-mos sociaes as instituições desaparecem com o desaparecimento das necessidades que as fizeram surgir. As escravidão sumir-se-á do solo brasileiro como já, sumiu-se a anthropophagia. Da mesma sorte a realeza, digna successora da theocracia.

Si ganharemos ou não com estas modificações, não podemos dizer. Para responder a esta questão, seria preciso saber em que consiste a felicidade humana, e as sciencias ainda não deram resposta satisfactoria a tão alto problema de metaphysica.

Apenas desejamos notar que o nosso Hy-parcho coroado, de telescopio em punho, a

observar a infinidade scintillante das estrelas na immensidade azul do espaço, ao mesmo tempo que ignora as condições politico—sociaes do povo que governa, aos olhos dos outros soberanos está fazendo a mesma figura do *sabio* astrologo de La Fontaine.

Apezar de todo o interesse que inspira o *Cosmos*, deve lembrar-se o rei philosopho que tem de deixar como herança á sua familia, não o ceu com os seus archipelagos de luz, mas um throno, que não tem o prestigio da força como o da Allemanha, nem o da grandeza como o da Austria, nem o da tradição como o da Inglaterra, nem o do terror como o da Russia.

Observando os espaços interplanetarios, que norte já descobrio o Sr. D. Pedro para guial-o no curso da civilisação? Que *systhematisação* politica já concebeu para que o seu governo não seja uma méra serie de expedientes?

Senhor da arte de desnudar o ceu, já encontrou por alli algum meio de sondar o trama intimo da consciencia nacional?

E' preciso não esquecer que, apezar da *coquetterie* scientifica do nosso monarcha perante os espiritos elevados de seu tempo, o

Rio de Janeiro nem ao menos arremeda uma dessas côrtes que, com uma finissima camada de civilisação, encobrem as podridões que lhe fermentam no bojo; prova de que temos um sabio cuja sciencia consiste em saber rodear-se de naturezas inferiores a si para poder brilhar no meio da obscuridade.

Desgraçadamente, para satisfazer esta funestissima fatuidade, sacrifica-se o paiz creando-se continuamente posições officiaes, e liberalisando-as a individuos menos aptos para exercel-as.

Passaria por um ser sem entranhas quem entre nós viesse falar em *selecção spartana* com o fim de fortificar e aformosear a nossa população, ao passo^e que acha-se muito humano e, sobretudo, muito patriotico que na concurrencia das posições officiaes sejam sempre preferidos os individuos mais inha-beis e inconscientes.

E' o que poder-se-ia chamar *selecção bragantina*, para caracterisar bem a politica de quem julga-se toda a felicidade do paiz, quando realmente não passa de uma das principaes causas dos nossos males.

O autocrata brasileiro não é um orgulhoso, um homem que esteja convencido do seu

poder ; si o fosse, a sua politica teria uma outra feição ; mas é simplesmente um vaidoso, uma victima da *recherche* com a preocupação constante de parecer grande aos olhos de seus contemporaneos, para o que tem reformado a instrucção com cadeiras sem lentes e lentes sem educação scientifica, agraciado com titulos honorificos os que sabem louvar-lhe as paixões, e gasto milhares de contos de réis com commissões que não são senão verdadeiras viagens de recreio para os admiradores da *sciencia* de papos de tucano. (1)

D'ahi esta politica desastrosa, que consiste em ouvir tão sómente aquelles que *falam*, quando a grande arte em politica, já alguém

(1) E' certo que para realizar grandes emprezas, um soberano precisa ter ao seu lado um talento pratico, um braço de ferro para as duras repressões dos obstaculos que se levantam, e no Brazil nada mais raro do que uma miniatura de Bismarck ; mas ainda aqui a culpa é do Sr. D. Pedro por não saber, como o velho Guilherme, sustentar contra todos e contra tudo um homem forte, capaz de fazer-se respeitar, e por não querer por consideração de especie alguma deixar apparecer a figura de um ministro, desejando achar-se sempre á frente de todos os principaes acontecimentos como um heróe de epopéa.

disse, consiste em adivinhar o silencio por entre os gritos dos que pretendem exprimir a opinião.

A politica brasileira não é uma direcção consciente do paiz no sentido da civilisação ; mas uma exploração calculada da vaidade do *primeiro representante*, no sentido de fazel-o passar por um homem extraordinario.

Assim, qual a reforma que entre nós já teve lugar para satisfazer as necessidades reaes do paiz ?

Libertação do ventre ? reforma judiciaria ? eleição directa ? Tudo isto não tem sido decretado senão com o intuito de attrahir e illudir as vistas do estrangeiro.

Mais tarde, quando escrever-se a historia do Brazil segundo o rigor dos methodos scientificos, o historiographo que julgar imparcialmente o passado sem os olhos humectados de paixão partidaria, achará o nexo de causalidade de todas estas mudanças de momento, de todas estas reformas de improviso, que enchem o segundo reinado, no character vaidoso do actual imperante.

O que admira, porém, é vêr que todos os politicos militantes estão convencidos de que o organismo nacional funciona mara-

vilhosamente, e de que o Sr. D. Pedro, além de ser um sabio, que enfeixa em si toda a civilização do seu tempo, é um grande politico capaz de levar ao cumulo da perfectibilidade a communhão brazileira; e vivem n'esta doce illusão, porque não fazem da politica outro conceito senão o de intrigas eleitoraes e de expedientes administrativos para a satisfação de pequeninos interesses pessoais.

A politica brazileira não é, pois, uma cousa séria, que resista a uma critica imparcial, á critica de quem não está ligado a ella por algum laço de gratidão ou de conveniencia.

Os governos não procuram elevar a cultura geral do paiz, aproveitando as aptidões especiaes creadas pelo curso das diversas circumstancias.

As opposições não tratam de indagar as tendencias nacionaes, e de estudar os meios de satisfazer-as de harmonia com as forças vivas do paiz.

Tudo isto porque no Brazil os politicos são ordinariamente uns individuos molles, ociosos, sem nenhuma frescura de idéas, sem nenhuma pujança de sentimentos, ou

então uns rhetoricos malcriados, sem nenhum primor de estylo, que gritam de longe contra o imperador, emquanto não occupam alguma posição official, especie de cães mofinos que, por desgraça, não possuem ao menos os bellos movimentos da cauda.

Entretanto, ainda ha naturezas bem ingenuas para imputarem todas as desordens do nosso mechanismo social á Constituição Política que nos rege.

São os fetichistas do barrete phrygio, que acreditam na possibilidade de melhorar as condições da vida social moderna com toda a sua complexidade de relações, por meio de um processo conhecido desde milhares de seculos e applicado até o presente com a mesma esterilidade e monotonia.

Convençamo-nos de que a excellencia de uma Constituição Política de nada serve quando os encarregados de executal-a são as mesmas figuras, tanto pela falta de talento como pela ausencia de moralidade.

A menos que descubra-se um meio de reformar, não tanto a nossa Constituição Política como a organização mental e volicional dos nossos concidadãos, pôremos em duvida toda a possibilidade de melhoramento na-

cional por meio de uma simples mudança de forma de governo.

Para sahirmos do estado anormal e decadente em que acha-se o paiz, precisamos crear um espirito novo, modificando profundamente as condições intellectuaes e moraes da nossa população, si é que não temos necessidade de recorrer a meios mais proficuos aconselhados pela anthropologia, ao emprestimo de aptidões especiaes a raças melhor dotadas sob o ponto de vista da moralidade e da actividade.

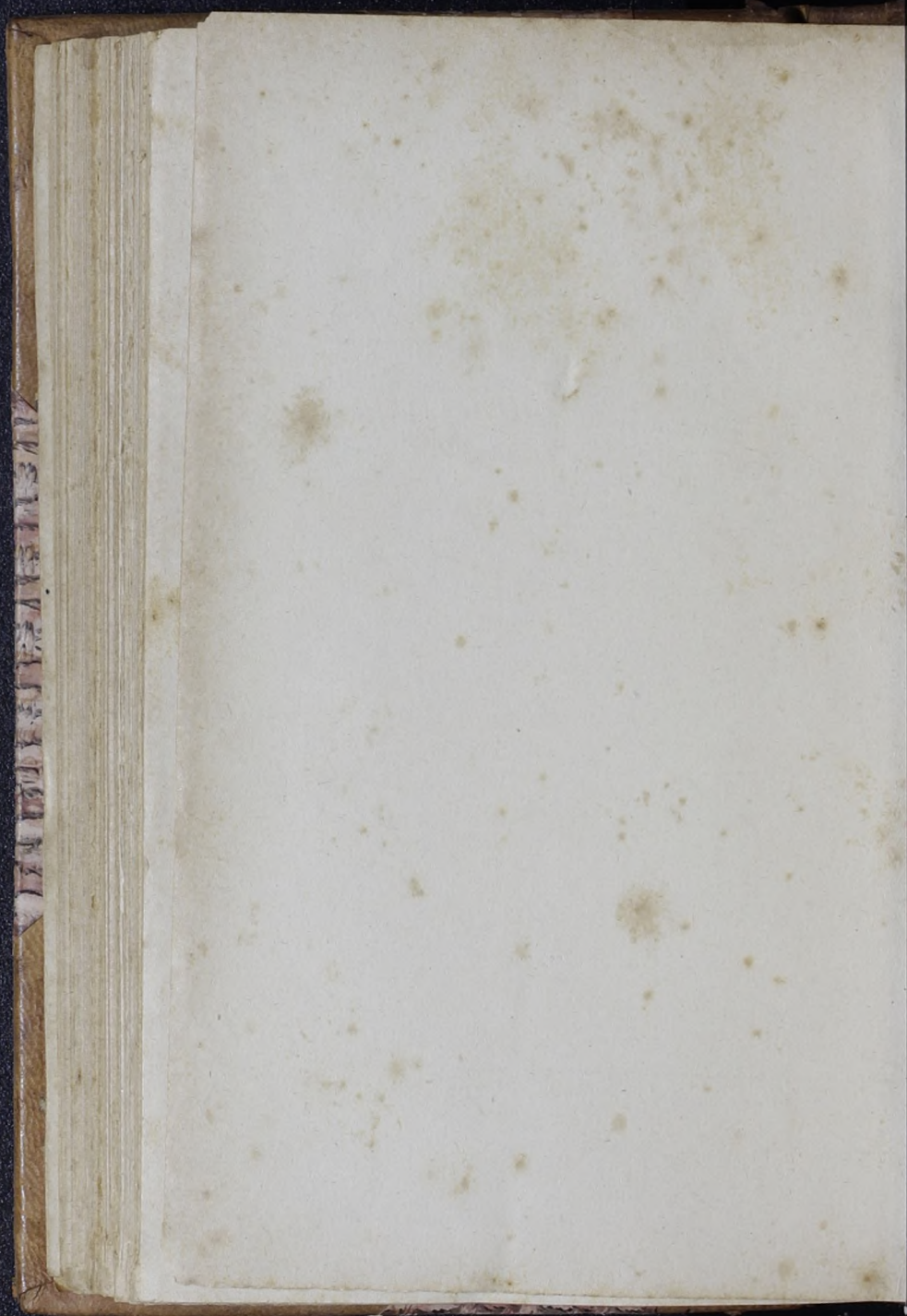
O remedio, que propomos, será difficilmente acceito, porque si ha uma cousa a que o povo brasileiro tenha aversão, é o trabalho; mas proficuo, porque é o unico emancipador que conhecemos.

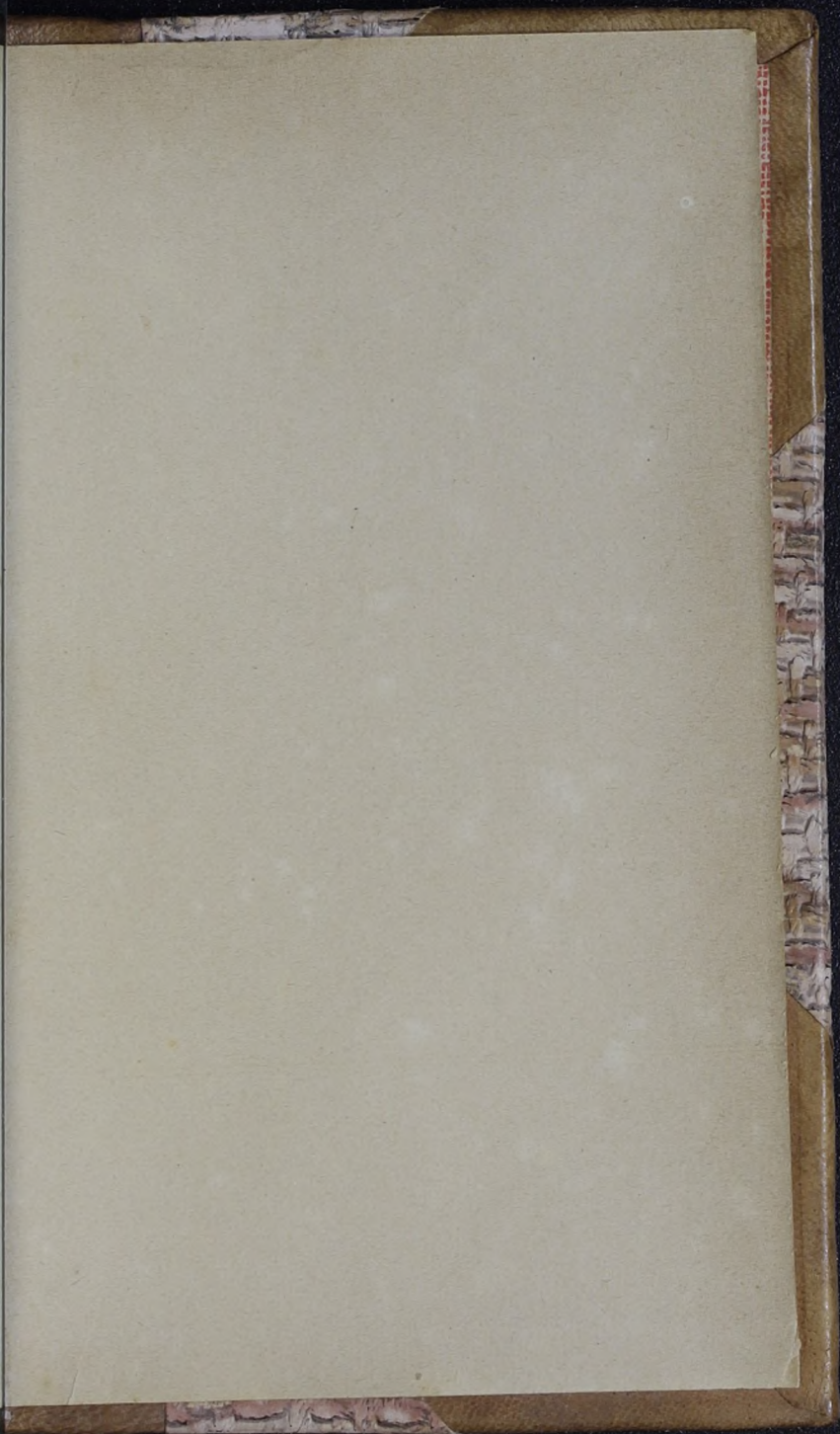
Trata-se, pois, não sómente de reformar a Constituição Politica, de eliminar o trabalho escravo, de acabar com a prepotencia dos olygarchas; mas sobretudo de desenvolver o poder mental do homem, de acostumar o cidadão a ter confiança em suas forças, de fazel-o acreditar na efficacia do trabalho. Então, sim, desaparecerá a mania do emprego publico, o poder da phrase, a preponderancia do filhotismo.

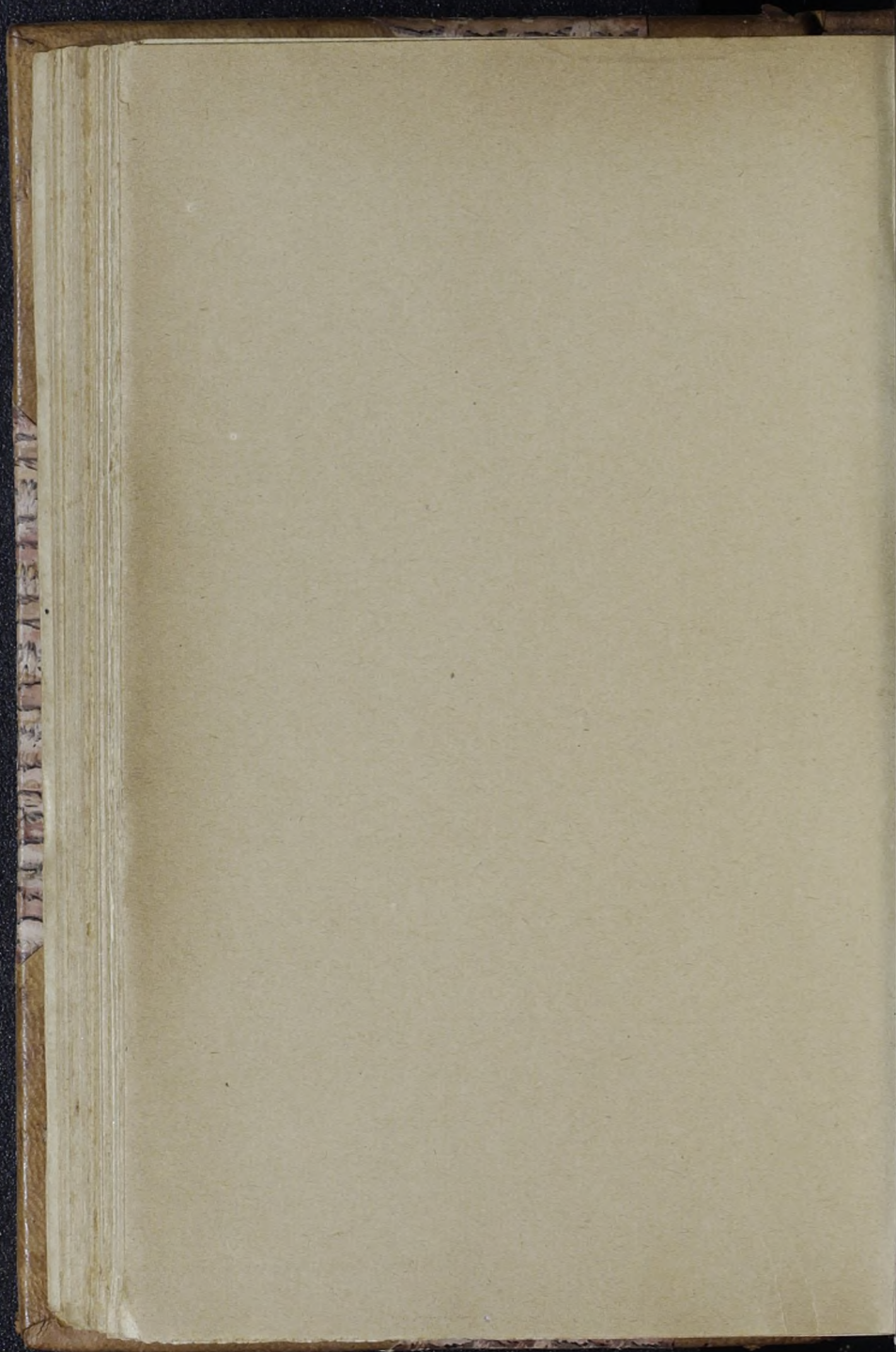
São estas as condições de melhoramento para o nosso paiz, as unicas dignas de um programma politico, que deve estar de harmonia com o nosso meio social, programma que, si não visa a lisongear a soberania popular com sua consciencia pouco elevada, tende a constituir um caracter individual e fazer d'elle uma questão de dignidade nacional.

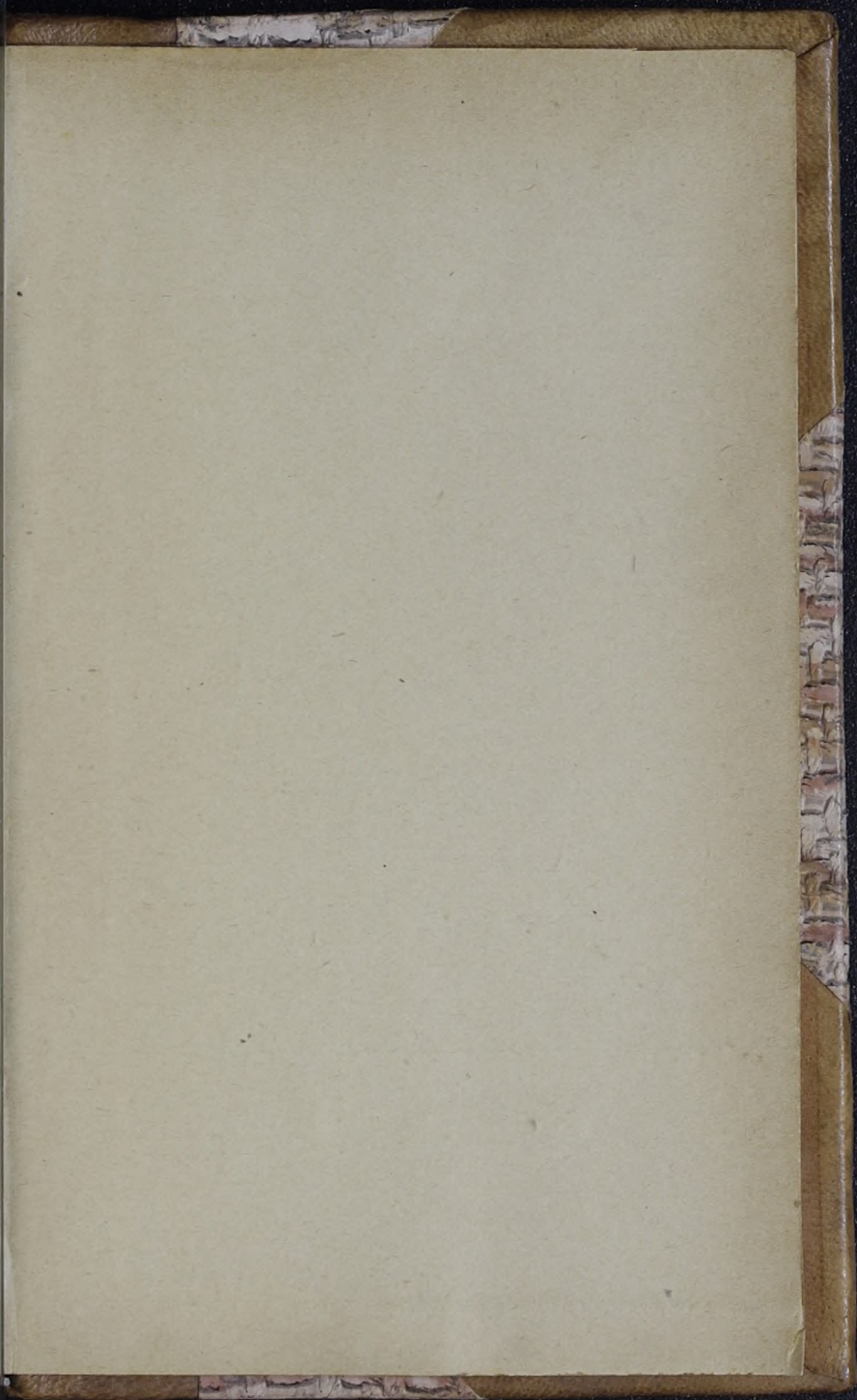
FIM

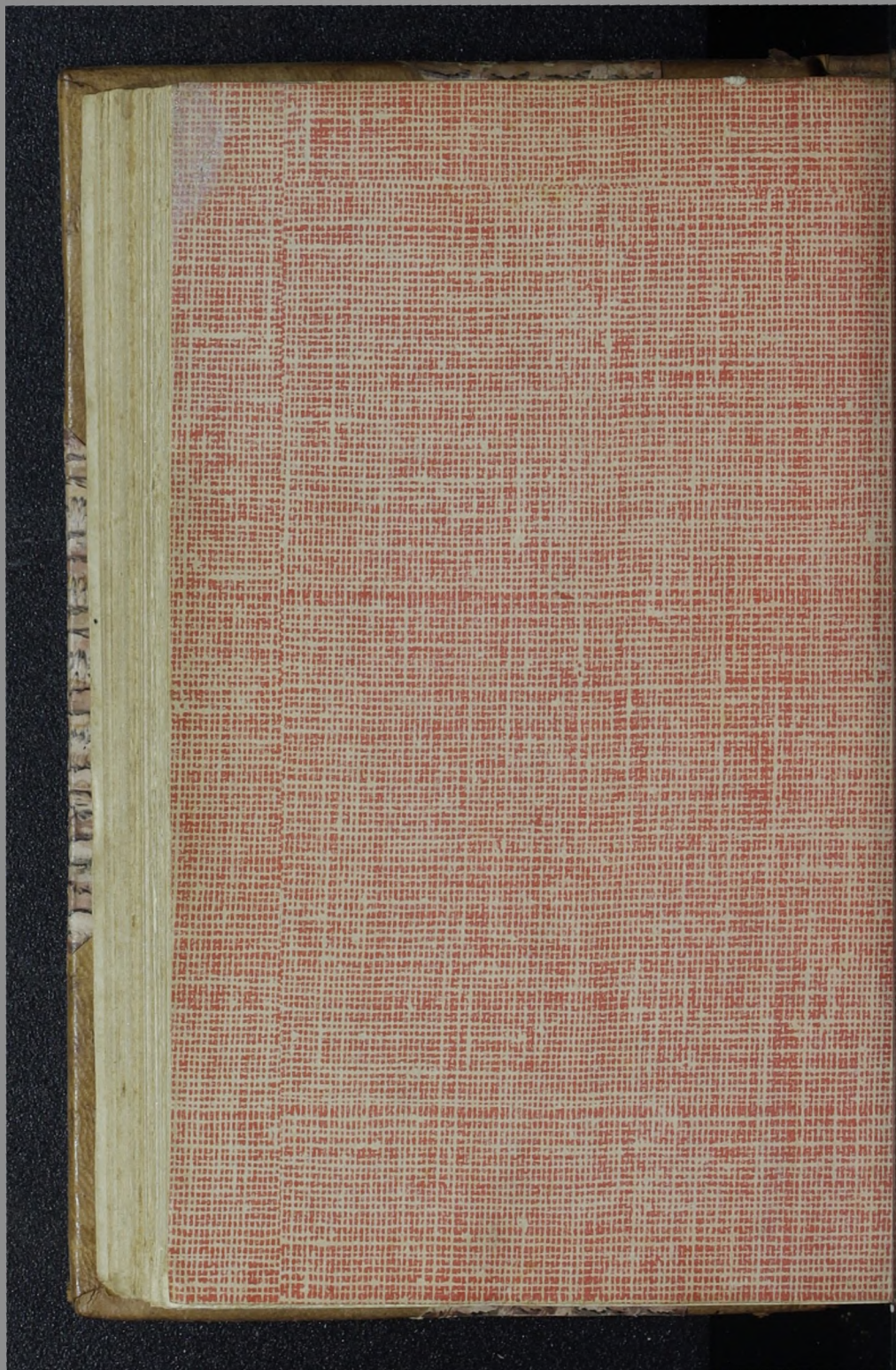
Lido -
Peregrinos em viagem -
(Int. com o Camp. L. P. -)
24-12-917











090
049p

